FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

QUINTA-FEIRA, 7 DE JULHO DE 1966

ANO 46.º — NÚMERO 15644

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

END. TEL.: D I B O A — TELEX.: 363
TELEFS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO
EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SÁ

Anunciadas alterações ao Código da Estrada pelo ministro das Comunicações

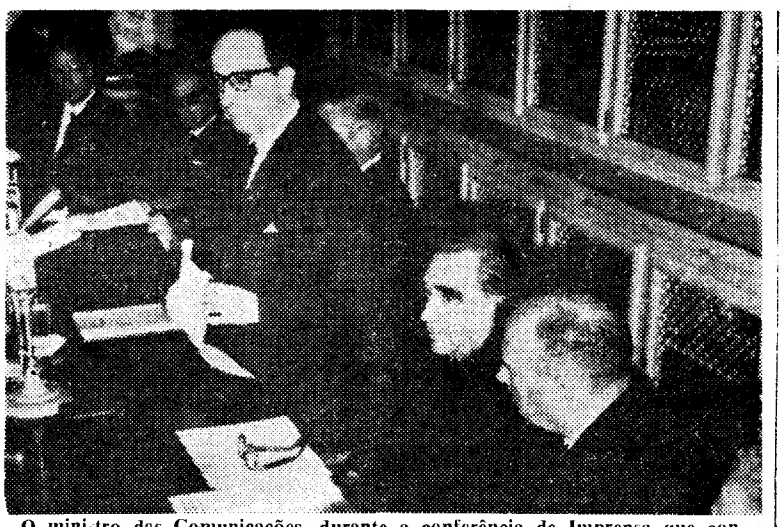
Na sala de Imprensa do S. N. I., efectuou-se, esta manhã, uma conferência concedida pelo ministro das Comunicações aos representantes dos órgãos da informação, durante a qual foram tratados vários assuntos referentes ás alterações que vão ser introduzidas no Código da Estrada, primeira série das que se encontram em estudo e constam de um decreto a publicar dentro de dias. Estas modificações, que se reputam do maior interesse e oportunidade, correspondem, assim, ao propósito da «Campanha da Prudência» lançada há dias pela Direcção-Geral dos Transportes Terrestres, por intermédio da Polícia de Viação e Transito, conforme temos noticiado e a que o nosso jornal não pode deixar de dar todo o seu apoio, dada a tradição que adquiriu nesse campo.

Ladeavam o sr. eng.º Carlos Ribeiro os srs. dr. César Moreira Baptista, secretário nacional da Inmação; dr. Paiva Raposo, secretário-geral do Automóvel Clube de Portugal; eng. Chedas Bogarim, da Direcção-Geral dos Transportes Terrestres; Armando Sampaio, presidente do Grémio Nacional dos Industriais de Transportes Terrestres; eng. Miranda Coutinho, presidente da comissão revisora do Código da Estrada; Humberto Albarraque, representante da Prevenção Rodoviária Portuguesa; major Enes Ferreira, comandante da P. V. T.; e dr. Manuel Gonçalves, chefe do gabinete do ministro.

Abriu a reunião o titular da pasta das Comunicações, que, após saudar e agradecer a presença dos jornalistas, passou a ler um extenso documento.

O eng.º Carlos Ribeiro começou

(Continua na 3.ª página)



O ministro das Comunicações, durante a conferência de Imprensa que concedeu, esta manhã, numa das salas do S. N. I.

COMENTÁRIO INTERNACIONAL de CARLOS FERRÃO

A HORA DO DEGELO

Seria prematuro concluir da incompreensão com que os dirigentes soviéticos acolheram as conhecidas teses do general de Gaulle sobre a reunificação da Alemanha e a construção da Europa do Atlântico aos Urais que a sua missão se malogrou. Contava ele, certamente, com aquela incompreensão e com a resistência diplomática dela resultante. As passagens da declaração final, na parte em que o histórico documento alude áqueles problemas, oferece irrecusável interesse e precisam de ser lidas á luz dos postulados da política degaulista. Diz a declaração que «para a França como para a União Soviética, o objectivo fundamental é a normalização e, depois, o estreitamento das relações entre os diversos países europeus no respeito pela independência de cada um e sem interferência nos seus assuntos internos». «Registou-se por outro lado, com satisfação—prossegue a declaração — que nos ultimos tempos se realizaram progressos sensiveis naquele sentido, o que contribui para normalizar a situação na Europa».

As passagens que transcrevemos são o prólogo da definição de uma politica comum franco-soviética assim apresentada: «A França e a União Soviética chegara ma acordo para reconhecer que a sua própria cooperação representa contribuição decisiva para aquela evolução. Estão, portanto, os dois governos resolvidos a prosseguir no sentido de associar progressivamente os seus esforços, ligando-os ao conjunto dos países europeus». Um exame das premissas assim estabelecidas lança luz reveladora sobre os fundamentos da concepção degaullista da Europa, do seu futuro e da sua missão.

É a partir da cooperação franco-soviética que de Gaulle encara a possibilidade de fazer sair o nosso continente do imobilismo do «statu quo».

VISADO PELA CENSURA

Nota do dia

CORTIÇA, CABELO E CAJU

Todos sabemos o que se passa com a produção de cortiça nacional, que vendemos para o estrangeiro em boas condições de preço, para quem compra, e com a qual travamos relações depois de manufacturada nos mais variados artefactos, numa concorrência que afecta o equilíbrio da nossa balança comercial e o próprio trabalho nacional, que podia produzir os mesmos artigos por preços mais convidativos, se fossem manufacturados no nosso País. O mesmo fenómeno se verificava, e está a verificar-se, embora em menor escala, com a castanha de caju produzida nas nossas províncias ultramarinas, que exportávamos em grandes quantidades para países que a descascavam e preparavam, e importávamos depois por alto preço para uso interno. Felizmente, a indústria de descasque e preparação desse produto, que constitui hoje um aperitivo universalmente apreciado, está já a desenvolver-se em território português, o que traz incontestável vantagem para o consumidor e para a economia nacional. Está a fomentar-se entre nós um novo género de exportação, o do cabelo de senhora, que é vendido para países, nomeadamente a França, onde o transformam em perucas que as nossas elegantes passam depois a usar, esportulando bom dinheiro por elas. A moda está cada vez mais generalizada, com grande arrelia dos espectadores de teatro e de cinema que não podem acompanhar o movimento dos actores no palco, sob pena de contrairem um torcícolo doloroso, e só conseguem ver metade do «écran» quando um desses monumentos se ergue á sua frente, como a Torre de Pisa perante a admiração pasmada dos turistas. Com respeito á cortiça e á castanha de caju, todos gostaríamos que elas fossem manufacturadas e preparadas em Portugal, pelos benefícios que acarretariam á indústria doméstica. Quanto ao cabelo de senhora, seria preferível que continuasse a embelezar as cabeças femininas ao natural, em vez de as transformar em pirâmides do Egipto ou em zimbórios de mesquitas bizantinas.

Aparente êxito romeno na conferência do Pacto de Varsóvia

BUCARESTE, 7. — (R.). — Parecia hoje que a Romenia tinha ganho a batalha com os seus associados do Pacto de Varsóvia, mantendo a sua posição de independência na tentativa para abrandar a tensão entre o Leste e o Oeste, na Europa.

Um lacónico comunicado emitido a noite passada, no encerramento da reunião de três dias de dirigentes dos sete Estados, dizia que se tinha concordado com um apelo conjunto para a segurança europeia e observadores afirmaram que uma declaração sobre o assunto, a ser publicada hoje, refletirá as exigências da Roménia de uma nova e séria diligência para um desanuviamento entre o Leste e o Oeste.

O comunicado espantava pela sua falta de efusivas referências á unidade e a acordo, contidas normalmente em comunicações comunistas deste tipo. A unica referência á unanimidade registou-se com a anunciada adopção de uma declaração condenando a «agressão americana» no Vietnam.

Significativamente não fazia qualquer alusão a acordo completo sobre a questão europeia e nada dizia, também ácerca do fortalecimento do Pacto de Varsóvia, existente há 11 anos e que é a resposta do comunismo á N.A.T.O.

CARACAS CORTOU RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS COM BUENOS AIRES

CARACAS, 7. — (F. P.) — O Governo venezuelano decidiu cortar as relações diplomáticas com a Argentina. A nota distribuída pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros indica que a disposição foi tomada em conformidade com a resolução respeitante á existência de Governos de facto, votada pela segunda conferência extraordinária inter-americana.

As relações entre os dois países, estavam suspensas desde 30 de Junho.

Brasil para principiantes —e para imigrantes desiludidos

por NORBERTO LOPES

Um dos maiores êxitos de livraria do Brasil nos últimos anos, que vai já na 7.ª edição com cerca de 70 000 exemplares vendidos — o que não é muito vulgar, embora o movimento editorial naquele país seja espantoso e não haja limitações de nenhuma espécie á liberdade de expressão do pensamento —, é o livro de um imigrante húngaro naturalizado que faz o processo da vida brasileira em tom sorridente e desenfastiado, pondo a nu alguns vícios sem deixar de exaltar certas virtudes. E' o que se pode chamar, não um retrato, mas um «portrait-charge». Intitula-se «Brasil para principiantes» e o autor chama-se Peter Kellemen. Supomos que se trata de um pseudónimo.

E' natural que muitos brasileiros se tenham escandalizado com certos passos desta obra, escrita com algum desleixo gramatical e sem preocupações literárias. O próprio autor confessa, com certa melancolia, no prefácio da 2.ª edição, que o estilo «não vai encontrar recepção favorável em todo lugar ou em todas as camadas» e reconhece que «logo após a publicação da 1.ª edição» recebeu «alguns ataques» que não deixaram de o entristecer. «Os mais temperados — acrescenta — acharam injustas e chocantes as minhas observações. Outros, mais violentos, chamaram-me de cínico, de-

(Continua na 18.ª página)

32 PÁGINAS

VIDA LITERÁRIA E ARTÍSTICA

A PROPÓSITO DO PROJECTO DO NOVO CÓDIGO CIVIL — 24

As restrições ao divórcio criticadas pelo dr. Almeida Ribeiro

Uma vez mais — e quiçá mais do que nunca, dado o excepcional interesse, em todos os aspectos, do tema a discutir — o vasto salão nobre da Ordem dos Advogados foi pequeno para conter as centenas de profissionais do foro que ali acorreram para participar em mais uma sessão de estudo do projecto do novo Código Civil. Além de advogados — que constituiam naturalmente a grande maioria — viam-se ainda outros juristas, nomeadamente muitos distintos magistrados.

Foi orador da noite o sr. dr. Ângelo de Almeida Ribeiro, que falou sobre «Divórcio, separação e anu-

(Continua na 15.ª página)

• • • TRANSPORTADO PARA O FUNCHAL NOS AVIÕES DA TAP • • • •

De ontem para hoje

DOCUMENTOS DE VELHAS CIVILIZAÇÕES

Na reunião da Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia, sob a presidência do sr. dr. Justino Mendes de Almeida, fez uma comunicação sobre as ruinas da cidade de «Volubilis», no Norte de África, entre Fez e Manés, o sr. Carlos da Silva Barros. Descreveu a situação geográfica e topográfica das ruínas e falou dos mais remotos vestígios de ocupação humana ali encontrados, que remontam ao Neolítico. Numa descrição histórica daquela cidade, o orador comentou as influências culturais cartaginesas e as romanas evidenciadas não só na arquitectura e nas inscrições como nos costumes e referiu a época do domínio árabe expondo os factores que contribuiram para o declínio da cidade, seu abandono e destruição. Fez ainda demorada análise da estatuária, dos mármores, dos bronzes e dos mosaicos, e sua simbologia e que datam, possívelmente, do período de declínio da cidade. O sr. arquitecto Gustavo Marques informou que, no prosseguimento do programa de prospecções arqueológicas que está em curso com a colaboração do sr. dr. Eduardo Serrão, localizou, em 24 de Junho p. p., um castro calcolítico num cabeço de cota 214, conhecido por Outeiro Pequeno, situado a cerca de 500 m a NE. do castelo de Sesimbra.

OS RAIOS CAEM NAS ÁRVORES!

Toda a gente sabe que é perigoso acolher-se sob árvores quando há trovoadas — e, contudo, há sempre quem vá para debaixo das árvores quando estoiram as tempestades!... Estalando violenta trovoada sobre a região, o sr. José Gomes de Moura, de 48 anos, pedreiro, casado, morador na freguesia de Figueiró (Freamunde), foi abrigar-se sob a copa de frondosa árvore, que, daí a pouco, era fendida por um raio. O pobre homem expirou, pouco depois, em sua casa. Deixa oito filhos menores.

DRAMA NA ESTRADA

O pobre homem lá á sua vida numa motoreta, a qual, por alturas de Murtede (Cantanhede), foi embater num autocarro que marchava em sentido contrário. Conduzido ao hospital de Cantanhede, chegou ali sem vida o infeliz: o sr. Joaquim Alves Ferreira, de 43 anos, do Casal da Bomba (Mealhada), que deixa viuva e dois filhos pequenos.

VISITAS DO CHEFE DO ESTADO

Uma representação de Coimbra, com o chefe do distrito, sr. eng.º Horácio de Moura, cumprimentou o Chefe do Estado e convidou-o a visitar aquela cidade, Figueira da Foz, Oliveira do Hospital e a Lousã, de 28 a 31 de Outubro próximo, quando das comemorações ali do 40.º aniversário do movimento de 28 de Maio. Nas referidas comemorações se incluem os Dias da Universidade, das Corporações e das Obras Publicas. Foi oferecida ao sr. Presidente da Republica a medalha das Festas da Rainha Santa. Foram feitos idênticos convites aos srs. presidente da Câmara Corporativa, ministros do Interior, da Educação e das Corporações, presidente da Assembleia Nacional e ministros da Justiça e das Obras Publicas.

★

O Chefe do Estado recebeu no Palácio de Belém os srs. dr. Franco Nogueira, ministro dos Negócios Estrangeiros; dr. José C. Valadés, embaixador do México em Lisboa, e brigadeiro Kaulza de Arriaga.

REUNIÃO DE OCULISTAS

Houve, no Luso, uma reunião de oculistas, promovida pelo Grémio dos Comerciantes de Artigos de Óptica. No almoço de confraternização, em que tomaram parte mais de cem convivas, o sr. dr. Sousa Ramalho, médico oftalmologista, fez uma palestra sobre problemas de interesse para aquela classe. Houve ainda uma visita a caves da Anadia e uma exposição retrospectiva da óptica.

DEVE TER FUGIDO para Espanha o homem que matou a mulher com uma foice

MOGADOURO, 7 — Saíra há um mês e meio da cadeia desta vila, onde cumpriu pena por furto, o trabalhador agrícola Nascimento Jesus Fernandes, de 46 anos, morador na povoação da Roca, freguesia de Valverde. Dava-se mal com a mulher. Anteontem o casal fora ceifar trigo para uns campos.

A certa altura o Fernandes mandou o filho buscar umas muares que deixara perto da Roca. Quando o garoto voltou, achou estranho não ver os pais. Suspeitou de uns molhos de trigo amontoados a esmo, ali perto, e resolveu espreitar para debaixo da palha. Estava lá o corpo da mãe, ensanguentado e com feridas profundas provocadas por golpes de foice. Acorreu gente da Roca e mais tarde uma patrulha da G. N. R. As suspeitas recaíram imediatamente sobre o ex-recluso, o qual, apesar das intensas batidas qu eestão a decorrer na região, ainda não foi descoberto. Presume-se que tenha fugido para Espanha.

Foi um produto à base de tálio o utilizado para envenenar o dr. Vasco Almeida Faria

A Polícia Judiciária legalizou e manteve as prisões de D. Natércia Serrão Pedro Almeida Faria, de 37 anos, residente na Praça Dionísio Matias, em Paço de Arcos, e de um indivíduo que com ela mantinha relações, detenções efectuadas há seis dias, para prosseguir agora nas investigações acerca de uma tentativa de envenenamento do marido da primeira, dr. Vasco Almeida Faria, de 42 anos.

O dr. Almeida Faria — que é licenciado em Ciências Económicas e Financeiras e funcionário superior de uma empresa importante — adoeceu há tempo, queixando-se de fortes dores nas pernas, as quais foram inicialmente atribuídas, pelos médicos assistentes, a reumatismo.

Como o enfermo não melhorasse, foi internado numa clínica de Lisboa, cujos médicos, em face das análises feitas, verificaram que apresentava sintomas de forte intoxicação, com um produto á base de tálio, que o doente teria ingerido.

Logo nasceu a suspeita de crime, ainda aumentada por o doente melhorar e se restabelecer, depois de isolado para tratamento.

Isto levou sua família a pedir a intervenção da Polícia Judiciária, a qual logo deteve a mulher do enfermo, mãe de três filhos menores, e um indivíduo que, há anos, tivera relações com ela e que as reatara há algum tempo.

Contra a presa, existem fortes suspeitas de culpabilidade; contra o preso não há nada ainda de concreto, mas aquela Polícia procura averiguar se ele teve qualquer responsabilidade na tentativa de envenenamento.

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

Capitão-tenente Sebastião Costa

Comandante Sebastião Costa

Faleceu no Hospital da Marinha, onde se encontrava em tratamento, o sr. capitão-tenente reformado Sebastião José da Costa, oficial e bibliófilo muito distinto e muito conhecido e respeitado pelas suas qualidades morais e profissionais.

Republicano desde os bancos da escola, o comandante Sebastião Costa — que morreu com 83 anos — manteve-se ao longo de toda a sua vida, fiel aos ideais que sempre nortearam o seu espírito, e pelos quais soube bater-se e sofrer com o maior estoicismo.

Quando da implantação da Republica, tinha o posto de 2.º tenente. Estava no Extremo-Oriente, a bordo do cruzador «Rainha D. Amélia». Haviam-no escolhido para missão em paragens longínquas para o afastar de Lisboa, pois eram bem conhecidos os seus sentimentos republicanos e a firmeza com que os defendia. A tal ponto estava disposto a correr todos os riscos ao serviço de um regime novo, que acedeu a fazer parte do grupo de oficiais da Armada que se entregava á propaganda da Republica no meio naval e ao estabelecimento de uma larga rede de aliciamentos.

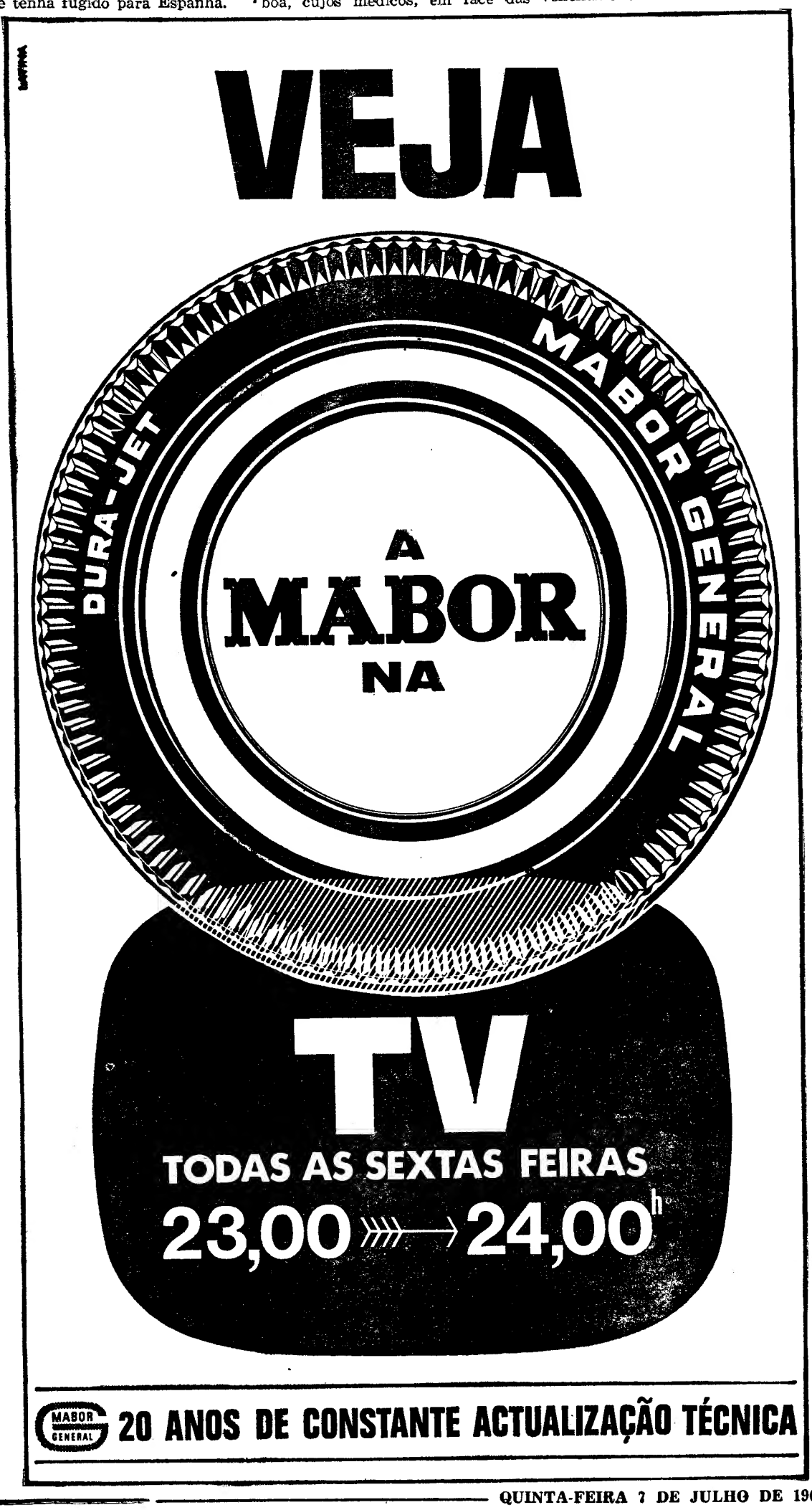
Companheiro de curso e grande amigo de Mendes Cabeçadas, o comandante Sebastião Costa exerceu, com o posto de 1.º tenente, o cargo de chefe de gabinete do dr. Rodrigo Rodrigues, quando este homem publico foi governador de Macau.

Participou activamente, em 1931, com o posto de capitão-tenente, na revolta que ocorreu na ilha da Madeira, de cuja Junta Revolucionária fez parte, e esteve nessa ocasião também no Algarve. Quando o movimento se malogrou exilou-se e foi, entretanto, demitido da Armada. Preso mais tarde e julgado no Tribunal Militar de Santa Clara, teve como defensor o sr. brigadeiro Tamagnini Barbosa.

Reintegrado na Armada, em 1951, quando era ministro da Marinha o sr. almirante Américo Thomaz, foi colocado na situação de reserva, desde 1 de Julho desse ano e, mais tarde, nomeado para fazer parte da Comissão de Domínio Publico Marítimo, na qual se conservou até passar á reforma, quando fez 70 anos, em 2 de Junho de 1953.

Sebastião Costa, que era um es-

(Continua na 10.ª página)



Ora, diga-nos...

— Tem cuidado com a carteira?

● *Diz-nos o sr. José Carvalho Simão, contínuo, apanhado de surpresa numa sapataria:*

— Na minha carteira trago sempre os documentos e algum dinheiro, nunca mais de cinquenta escudos. Prefiro o dinheiro trocado. Por isso os carteiristas nada querem comigo... Ou melhor: ainda não fui abordado por nenhum. É evidente que sim, que tenho cuidado com a carteira. Quem não tem? Quanto a mim, faço o seguinte: trago-a num bolso interior do casaco, com o botão bem apertado, e quando saio de casa ou desço do eléctrico não me esqueço de verificar se a carteira continua no sítio.

● *A experiência do jovem Domenico Conte, estudante (passou para o sétimo ano), é substancialmente diferente. Eis o que nos conta:*

— Nasci na Itália, em Salerno, filho de pais italianos. E sou italiano, claro, embora viva em Portugal há muitos anos. Pergunta-me se tenho cuidado com a carteira? Pois tenho. É nela que trago os meus documentos... e uma ou outra nota, coisa pouca. Ponho sempre a carteira no bolso interior do casaco, do lado direito, para despistar os carteiristas. Parece-me que os tipos atacam primeiro do lado esquerdo. Parece-me, não, sei: já houve um que me quis roubar uma «Parker 51». Eu dei por ela e o gesto do tipo ficou em meio...

● *Finalmente o sr. António José Abrantes, mecânico, diz-nos o seguinte:*

— Carteiras? Já me roubaram uma, com bilhete de identidade e tudo. Mas sem dinheiro. Na carteira só trago dívidas... Olhe, falta de cuidado, se quer saber: uso a carteira á vontade dos gatunos, num bolso interior do casaco. Não há meio de aprender!

Entrega de diplomas nas Oficinas de S. José

Depois de amanhã, ás 17 horas, com a presença do subsecretário da Administração Escolar e do arcebispo de Mitiline, efectua-se nas Oficinas de S. José uma sessão solene para entrega de diplomas e carteiras profissionais aos finalistas e de prémios aos alunos que mais se distinguiram durante o ano lectivo.

Romagem de saudade à campa do pugilista Alberto Pacheco

Promovido pela sala de box de Francisco Brito, realiza-se, no próximo domingo, uma romagem de saudade á campa do pugilista Alberto Pacheco.

A seguir, serão depostas flores na campa do antigo organizador Manuel Augusto Ribeiro, recentemente falecido.

A concentração será ás 12 horas, á porta do cemitério do Alto de S. João.

«Diário de Lisboa»

O presidente da Fundação Calouste Gulbenkian agradeceu amàvelmente ao «Diário de Lisboa» a colaboração prestada pelo nosso jornal ás actividades do 10.º Festival Gulbenkian de Musica.

— A comissão directiva do Grémio Nacional dos Comerciantes de Artigos de Óptica teve a gentileza de manifestar ao «Diário de Lisboa» o seu reconhecimento pelas referências feitas no nosso jornal ás actividades daquele organismo, e bem asim, á sua revista «Ver».

VAI SER NECESSÁRIA CARTA DE CONDUÇÃO PARA OS CICLOMOTORISTAS

(Continuação da 1.ª página)

por ler uma comunicação sobre a primeira série de modificações ao Código da Estrada:

«Dentro de breves dias será publicado no Diário do Governo um decreto que introduz no Código da Estrada uma série de alterações de grande importância. Este facto insere-se dentro do plano de trabalhos sobre a revisão do Código da Estrada adoptada por despacho do ano findo e oportunamente divulgado pela Imprensa diária.»

O ministro lembrou, então, as considerações feitas no referido despacho sobre a conveniência da revisão do Código da Estrada.

E depois:

«Ao definir o modo como se empreenderiam tais «modificações urgentes e de pequena extensão» indicaram-se, a título exemplificativo, as sgeuintes:

a) Revisão das velocidades máximas dos veículos pesados e eventualmente de outros;

b) Disposições especiais relativas a bicicletas motorizadas e pequenos motociclos, e sua condução;

c) Tratamento administratio das transgressões, visando a simplificação do processo e formalismo actualmente em vigor;

d) Revisão dos processos aplicáveis á aprovação das posturas municipais de trânsito, com vista á sua maior descentralização;

e) Regras de prioridade.

O decreto cuja publicação se anunciou cobre os dois primeiros pontos, ou sejam os relativos a velocidades e bicicletas motorizadas.»

O eng.º Carlos Ribeiro falou, então, dos objectivos desta conferência de Imprensa: dar conhecimento publico das modificações em causa.

Decréscimo relativo do número de vítimas

A seguir, focou o aspecto do acidente rodoviário, fenómeno universal, que tem tomado proporções inquietantes á medida que aumentam os parques automóveis.

«Tem sido corrente nesta matéria a opinião não fundamentada de que ao nosso país cabe, quanto ao numero de acidentes, o índice mais elevado da Europa.

Concretamente, disse o ministro: «As estatísticas não são fácilmente comparáveis e podem conduzir por isso a conclusões erradas, como se verifica em relação ao nosso país. De facto, tanto pelo numero de mortos como pelo de vítimas, Portugal figura perto do fim da lista, mas não em ultimo lugar. É necessário acentuar, porém, que nessas estatísticas, salvo raras excepções, o numero de veículos inclui as bicicletas motorizadas. Ora o caso do nosso país constitui uma dessas excepções. E assim se ao numero de veículos em circulação acrescentarmos por estimativa o das bicicletas motorizadas, cerca de 250 000, como fazem outros países, a nossa posição melhora consideràvelmente e transfere-nos para uma posição média semelhante, por exemplo, ás da Alemanha, Inglaterra e Espanha.

Verifica-se também em Portugal um progresso satisfatório, pois, excluindo mesmo as bicicletas motorizadas, houve no numero de vítimas causadas por cada milhar de veículos uma melhoria de 26% entre 1955 e 1964. A melhoria real, impossível neste momento de calcular, supõe-se não deverá afastar-se muito de 35% a 40%.»

Inovações em matéria de velocidades

Depois de algumas considerações sobre evolução técnica legislativa, unificando e sistematizando disposições de carácter geneérico, o eng. Carlos Ribeiro declarou não ser possível, em curto periodo renovar todas as vias de modo a satisfazer as exigências, pelo que importa disciplinar o condutor. E depois: «O decreto que vai ser publicado, visando algumas modificações urgentes e de limitada extensão, constitui uma actualização de normas e não uma reforma integral das estruturas legais. No seu estudo colaboraram os serviços oficiais e os organismos interessados na matéria, especialmente o Automóvel Clube de Portugal e a Prevenção Rodoviária Portuguesa.

A análise das alterações previstas nesse diploma revela, em primeiro lugar, modificações nos limites máximos de velocidade instantanea.

Assim, e citando apenas exemplos para o transito fora das localidades, aos veículos ligeiros de mercadorias são fixados os limites máximos de 80 e 70 quilómetros, conforme se trate de veículos sem reboque ou com reboque; para os veículos pesados esses limites serão de 70 e 60 quilómetros, desde que o seu peso bruto não exceda ou exceda, respectivamente, 10 toneladas; para os motociclos simples e automóveis ligeiros de passageiros e mistos sem reboque não se estabelecem limites de velocidade.

Aos tractores com ou sem reboque é fixada a velocidade instantanea máxima de 40 quilómetros.

Os ciclomotores não poderão ultrapassar 60 quilómetros e os velocípedes com motor 40 quilómetros.

Ultrapassagens e circulação em auto-estradas

Em consequência destes novos limites, houve que introduzir alterações nas regras da ultrapassagem, segundo o que os veículos pesados devem manter, entre si, fora das localidades, intervalo não inferior a 50 metros, a fim de garantirem a segurança e permitirem o avanço dos outros veículos.

Outra matéria importante é a que prevê a fixação de limites de velocidade ocasionais ou temporários.

Disse o ministro:

«Muito embora fora do programa inicial dos trabalhos, considerou-se indispensável que o decreto incluisse também as regras especiais de transito nas auto-estradas. Práticamente sanciona-se o procedimento já hoje seguindo nestas rodovias, dando-lhe existência legal.

Os velocípedes e ciclomotores

O aspecto talvez mais importante do diploma refere-se á circulação de velocípedes e ciclomotores, contendo regras inovadoras, atendendo á evolução do numero de veículos de duas e três rodas e ao numero de acidentes em que intervém. Estas alterações representam a primeira tentativa para uma solução do grave problema.

Concretizou o eng.º Carlos Ribeiro: «A distinção entre velocípedes com motor auxiliar e ciclomotores obedece fundamentalmente aos seguintes princípios: o velocípede com motor auxiliar deverá ser dotado de pedais, o seu motor não poder exceder a cilindrada de 50 cc, a sua velocidade máxima em patamar será limitada por construção a 50 km por hora; e finalmente a tara não deve ser superior a 55 kg.

Os veículos com motor de cilindrada não superior a 50 cc mas que não satisfaça ás restantes condições, serão considerados *ciclomotores:*

A introdução desta nova categoria de veículos permitiu, como aliás era do consenso geral, aumentar as idades mínimas exigidas para a obtenção de licenças de condução que passam a ser de 16 anos para os condutores de velocípedes com motor e ciclomotores, e de 18 anos para os de motociclos.»

(Continua na 9.ª página)

OS
SUPERMERCADOS
MODELO
INFORMAM QUE
O
AUTOMÓVEL
(RENAULT MAJOR)
PARA AS SUAS FÉRIAS
JÁ SE ENCONTRA
EM EXPOSIÇÃO
NO
SALDANHA
(O SORTEIO SERÁ REALIZADO NO DIA 11 PRÓXIMO)

O ARISTOCRATA DOS REFRIGERANTES

Carbo Sidral
REFRESCO DE MAÇÃ

Ver para crer...
NO PAVILHÃO INTERNACIONAL DA FEIRA POPULAR, poderá na prática ser comprovada por milhares de pessoas a ALTA RESISTÊNCIA dos Pavimentos Plásticos «VYNOLAY».
DUNLOP SEMTEX
SOAGE
Ap. 2136 Telef. 49054
LISBOA

GRANDES FESTAS
DA RAINHA SANTA
COIMBRA
9 A 17 DE JULHO

DIVERSÕES

TEATRO • CINEMA • CIRCO • VARIEDADES • ÓPERA • BAILADO • TV • RÁDIO

TEATRO VILLARET

Um êxito de gargalhada «Quando é que tu casas com a minha mulher?»

No Teatro Villaret repete-se todas as noites, ás 21 e ás 23 horas, o êxito da farsa «Quando é que tu casas com a minha mulher?», peça francesa encenada por Francisco Nicholson e representada pela companhia de Raul Solnado.

Esta peça, escrita por Jean Bernard Luc e Jean-Pierre Conty, conta-nos a odisseia de um homem que se vai divorciar da mulher para casar com a secretária, mas que é obrigado a viver na mesma casa com as mulheres futura e passada e ainda com uma tia. A certa altura aparece também o noivo da ex-mulher do marido...

Esta confusão, que origina um festival de gargalhadas, é interpretada por Maria Paula, Cortez, Isabel de Castro, Nicholson, Maria Laurent, Glória de Matos e por Raul Solnado.

MONUMENTAL

Prossegue em 10.ª semana «A cidade não é para mim»

Ao longo de dez semanas, tem constituído enorme êxito a comédia espanhola «A cidade não é para mim», agora a preços populares com entradas para balcão de 3$ apenas a 2$50. «A cidade não é para mim» é uma comédia magnífica, onde em cada cena os espectadores vibram com entusiasmo, tanto pela história, como também pela excepcional interpretação do seu elenco. Ribeirinho, no protagonista, ao lado de Maria José, Mariana Vilar, Manuela Maria, Catarina Avelar, Guida Maria, Carlos Duarte, Ruy Mendes, António Montês, Carlos Cabral, Vicente Galfo e ainda Emílio Correia, são os responsáveis pelo êxito alcançado. Hoje e todas as noites, espectáculos ás 21 e 45. Aos domingos e feriados, também ás 16 horas. Param aiores de 12 anos.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

«O Homem que gostava das Ruivas», no Mundial

Baseando-se na peça de Rattigan «Quem é Sylvia», Harold French realizou a comédia «O Homem que Gostava das Ruivas». É um filme típicamente inglês, colorido, bem humorado, que se vê com boa disposição, embora a sua factura não seja demasiado ambiciosa.

Moira Shearer, a famosa bailarina inglesa, interpreta as várias «encarnações» de «Sylvia» — a recordação de um amor de juventude — dançando, na pele de «Olga», a bailarina russa, fragmentos de «A Bela Adormecida».

Filme malicioso, irónico e, no fim de contas, inofensivo, «O Homem que Gostava das Ruivas» é um entretenimento agradável, com alguns momentos de particular inspiração, em que os amores marginais de um diplomata servem, simultaneamente, para dar o envelhecimento da personagem masculina principal.

John Justin, Roland Culver, Gladys Cooper e Denholm Elliot interpretam, ao lado de Moira Shearer, os principais papeis.

Complementos variados. — *Visor 33.*

«El Greco», no Império

Foi há dois meses, que se reuniu em Toledo, enquadrado num dos mais característicos ambientes da pitoresca cidade espannola, um selecto grupo de celebridades mundiais para assistir á primeirissima apresentação de «El Greco» filme em que o actor Mel Ferrer, agora a trabalhar em estreita ligação com a cinematografia do país vizinho, investiu pesados capitais, reservando ainda para si, além do papel de principal intérprete, o de orientador geral da obra

De novo ontem um grupo de individualidades, duas ou três mil, vestiu galas para assistir áquilo que se considera como estreia mundial do novo filme, que assim entra nos circuitos comerciais de exibição. Não admira, assim, que á volta da entrada principal do cinema Império se tenha aglomerado densa multidão, de olhos fixos na enorme passadeira vermelha que descia até ao rés do passeio, para receber o Chefe do Estado, sua esposa e filha, três ministros, alguns subsecretários de Estado altas patentes das Forças Armadas, o conde e a condessa de Barcelona, os embaixadores de vários países acreditados em Lisboa, a alta finança, a burguesia mundana, a nova vaga e as caras de um modo geral conhecidas nestas festas. Entre todas estas pessoas havia a quase totalidade das senhoras dirigentes e principais colaboradoras da Cruz Vermelha Portuguesa, instituição promotora da estreia, para cujos cofres reverteu o produto da venda de bilhetes, por deferência de Mel Ferrer. Foi este quem no palco, depois de encomiástica apresentação feita por Jorge Alves, afirmou que escolhera Lisboa para estreia da sua obra «porque tem muito respeito pela actividade da Cruz Vermelha, em especial neste caso, da secção por-

(Continua na 6.ª página)

FINALMENTE HOJE às 21.30 ESTREIA

DIST. FILMITALUS

POLITEAMA

PARA 12 ANOS

DA MAIS EMOCIONANTE AVENTURA VIVIDA POR AQUELE QUE A HISTÓRIA CONSIDEROU O MAIOR E MAIS VALENTE XERIFE DO OESTE AMERICANO!

DUELO NO RIO BRAVO

GUY MADISON · MADELEINE LEBEAU · CAROLYN DAVYS · FERNANDO SANCHO · GERARD TICHY · OLIVIER MUSSENOT

CASINO ESTORIL

APRESENTA HOJE À NOITE EM ESTREIA

DONNA HIGHTOWER

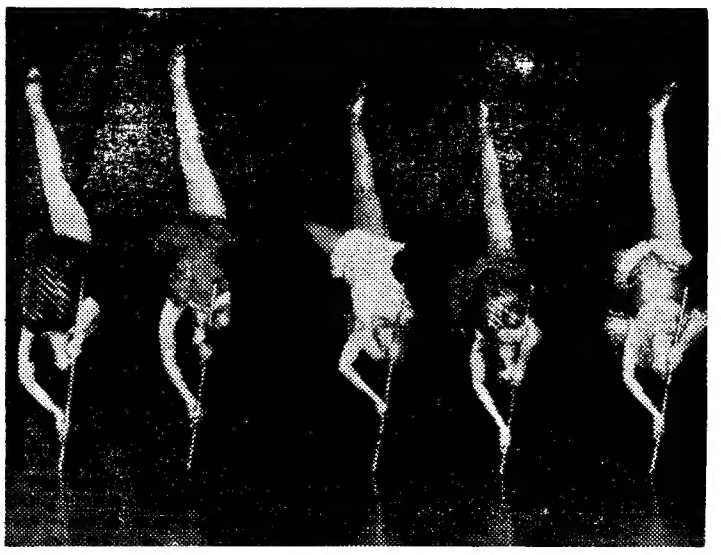
VEDETA NORTE-AMERICANA DA CANÇÃO
GRANDE NOME DO «JAZZ» MUNDIAL

KASSAGI

«OSCAR» DE MAGIA E PRODIGIOSO ILUSIONISTA

ADA DE CASTRO

BRILHANTE INTÉRPRETE DO FADO



THE RUDAS DANCERS

CÉLEBRE «BALLET» ACROBATICO AUSTRALIANO

PREÇOS: Sábados, consumo mínimo 60$00. Nos outros dias, consumo mínimo 40$00. Todos os dias, jantar 80$00
(Estes preços não compreendem taxas nem impostos)

TODOS OS DOMINGOS «MATINÉE», ÀS 17 HORAS
Chá completo — 25$00 (Taxas e impostos não incluídos)

Os mesmos artistas actuam também no

Terraço das Estrelas do Hotel Embaixador

(Maiores de 17 anos)

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30 e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

COLISEU

3 GRANDIOSOS FESTIVAIS DAS «MARCHAS» DE LISBOA
O DESFILE DOS BAIRROS

3 TAÇAS A DISPUTAR 3

PARA AS TRÊS MELHORES MARCHAS

OS VOTOS SÃO DADOS PELO PÚBLICO E RECOLHIDOS EM CAIXAS NO «HALL» DO COLISEU

AMANHÃ:
MADRAGOA / ALTO PINA
BENFICA / CAMPOLIDE

SABADO:
CAMPO D'OURIQUE
MOURARIA / CARNIDE
ST.ª CATARINA

DOMINGO:
BAIRRO ALTO / CASTELO
ALCÂNTARA / OLIVAIS

As 21 e 30 (M. de 12 anos)
— BILHETES À VENDA —

NO T. 55 51 33

Teatro MONUMENTAL

«AR REFRIGERADO 18°»

A NOITE, ÀS 21.45 H.

MAIORES 12 ANOS

10.ª

SEMANA TRIUNFAL

A ENCANTADORA COMÉDIA

A CIDADE NÃO É PARA MIM

com RIBEIRINHO
á frente duma companhia de Gente Nova
BALCÃO 3.ª frente a 2$50

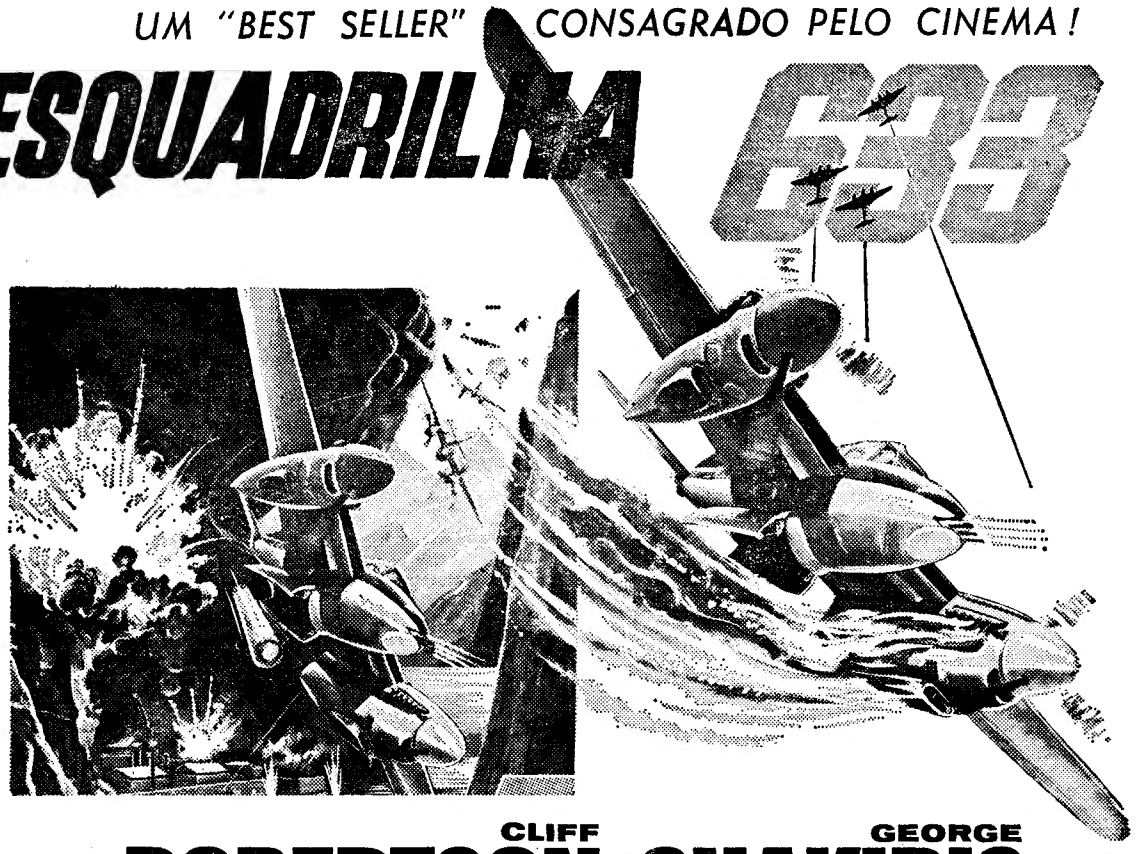
SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os
COMBOIOS ELÉCTRICOS

NA TEMPORADA

ENCONTRO COM A **AVENTURA**

UM "BEST SELLER" CONSAGRADO PELO CINEMA!

ESQUADRILHA 633



CLIFF **ROBERTSON** GEORGE **CHAKIRIS**

REVIVEM A LENDÁRIA ODISSEIA DOS «HERÓIS ALADOS» DA INGLATERRA

ATACAR! ATACAR!
ERA A PALAVRA DE ORDEM, ENQUANTO HOUVESSE UM AVIÃO NO AR E UM PILOTO COM VIDA!

e

MARIA PERSCHY HARRY ANDREWS DONALD HOUSTON *Realiz. de* WALTER E. GRAUMAN *Argum. de* JAMES CLAVELL *e* HOWARD KOCH
Prod. execut. LEWIS J. RACHMIL *Prod. de* CECIL F. FORD *Um filme da* UNITED ARTISTS COLOR DE LUXE PANAVISION

UM FILME ESPECTACULAR NUMA ESTREIA MEMORÁVEL!

HOJE ÀS 21.30 no SÃO JORGE PROGRAMAÇÃO OURO

Adultos

O 1.º GRANDE FILME DA TEMPORADA SUSPENSE!

BASEADO NUM ORIGINAL FAMOSO
de KARL MAY
COM
LEX BARKER
PIERRE BRICE
KARIN DOR

VALENTINE TOU

«REVOLTA DOS APACHES»

REALIZAÇÃO DE
HARALD REINL

CINEMASCOPE - EASTMANCOLOR
EXCLUSIVO TALMA FILMES
MAIORES DE 12 ANOS

UMA PÁGINA VIBRANTE DO VELHO OESTE AMERICANO ONDE INDIOS E BRANCOS TRAVAM LUTAS DE MORTE PELOS SEUS LEGÍTIMOS DIREITOS!

ESTREIA
HOJE
AVIS
ÀS 21.45

TV DIA A DIA

O que vimos e ouvimos

PROGRAMA DA JUNTA DA ACÇÃO SOCIAL — TV MOTOR

— Foi um interessante filme cultural, este oferecido pela Junta da Acção Social. Formas de energia, o corpo humano vai buscar energia aos alimentos e os alimentos são compostos de... e de... Tudo com imagens em corrida contra-relógio atrás das palavras.

«TV Motor», que se seguiu, referiu-se com variedade e comentários adequados de Joaquim Filipe Nogueira ás corridas de motos e automóveis neste mundo e no outro.

Uma entrevista: com Manuel Gião. Coisa complicada. Vamos ver se a minha ignorancia dos grandes acontecimentos nacionais consegue reconstituir os factos.

Aquele corredor venceu uma competição mas suspeitou-se de que o «cavalo» utilizado seria antes um «cavalão». Questão de cilindragem ou lá o que é. O Automóvel Clube de Portugal sujeitou o veículo a inspecção. Foi ao ponto de o desmanchar peça por peça. Tal como fazem os meninos aos cavalos de pasta...

Manuel Gião mostrou-se confiante na sua razão. Mas o problema tem mais vastas implicações, como se pode ver pela declaração final de Manuel Gião:

Só tenho a dizer que a Comissão Desportiva do Automóvel Clube de Portugal ao nomear determinados elementos para a Comissão Técnica deveria ter em conta que determinados elementos, como seja, por exemplo, o sr. eng.º Heitor de Morais, está ligado directamente, como concorrente, a provas e ligado directamente porque é companheiro assíduo de concorrentes a provas, com marcas concorrentes da minha. Isso devia ter sido devidamente acautelado. Não o foi. Apelo para o Automóvel Clube de Portugal, a fim de que isso não volte a repetir-se.»

Pequenas causas geraram grandes guerras. A de Troia, por exemplo. Esperemos que não venha a dar-se o mesmo, no desporto do automóvel em Portugal. Desporto que, ao que se diz e se fosse desmontado peça a peça, como o automóvel de Manuel Gião, teria já muito que contar...

NOITE NO TEATRO

Depois de ter levado á cena «A Bela Dorotia», de Miguel Milura, julguei que a R. T. P. entrara finalmente no caminho do Teatro. Julguei. E só isso seria o bastante para atestar aos deuses a minha total ingenuidade e crença em virtualidades ilusórias...

Antes de me referir á «peça» de ontem vou beber um covo de água fria. A indignação é má conselheira e absolutamente imprópria da função crítica. Tal como os médicos, não tem o crítico nem ao menos o direito de apertar o nariz. Embora, humanamente, muitas vezes não lhe apeteça fazer outra coisa...

Da autoria de um certo John O'Tolo, perdão, O'Toole, que a minha história do teatro americano teima, decerto arbitrariamente, em desconhecer, este «Mundo maravilhoso de Tony Lockwood» é um dos mais completos desconchavos que o pequeno visor até hoje nos proporcionou.

Pseudo-poesia; pseudo-maravilhoso; pseudo-teatro... E, o que é mais grave ainda, desenvolvendo a sua inexistência como arte a coberto de certas intenções abandonadas de toda a pureza e de toda a autenticidade...

Certos diálogos, como, por exemplo, aquele entre Kansas e Tony («Tony: Donde vêm os gémeos? — Kansas: Toma lá pastilhas elásticas...») dariam forte contribuição para uma antologia-do-riso-sem-querer, que é, quase sempre, o mais convincente... Mesmo atendendo a que, como lá se diz, «quando as pessoas crescem, ás vezes é tão difícil rir...».

Má qualidade de fotografia; péssima captação de som; direcção deficientíssima dos actores (mas houve mesmo direcção?) — tudo se conjurou para perder um trabalho que estava, aliás, perdido por si próprio.

De todos os actores apenas um se salvou: o coelho. Esse tem, com certeza, lugar de futuro no teatro televisivo. O pequeno Joãc de Carvalho possui á-vontade e corpo de actor. Gostaria de o ver trabalhar num papel a sério — e por quem soubesse dirigir crianças.

O copo de água fria, bebido a breves goles, ajudou-me a valer. Especialmente a engolir as palavras. As que aí ficam tresandam a água-de-colónia. Não são o meu género.

TV MUNDO

— O filme de ontem de «TV Mundo» nasceu nos dias curtos: 15 minutos. Foi não mais do que um apontamento poético sobre as escadinhas de Paris, com versos monótonos nas vozes de Laura Soveral e Norberto Barroca — corpos estranhos no corpo do filme.

De Paris, tivemos, principalmente, as escadinhas. Tudo o mais não era apenas característico da capital da luz, mas de todas as grandes, monstruosas cidades — as velhas com os lulus, as esplanadas, os relógios indiferentes, os reformados com seus olhos já ausentes, as mulheres paradas de loucura ou de abandono, e os tambores, e os adolescentes á procura da vida, e os mendigos deitados nos passeios, e a água da chuva a cantar na valeta...

Não é preciso ir a Paris para ver tudo isso e ainda «o medo de estar só». Mas este filme diz-nos: «Primeiro, é preciso amar as pessoas...» e só por isso merecia a pena vê-lo, vivê-lo nos seus 15 minutos de intensa comunicação. As pontes podem ter 15 arcos ou 15 minutos.

Não sei se ele nos ensina a ver Paris. O que sei é que nos ensina a olhar para a vida. Incistentemente. Com mudanças bruscas de velocidade — mas sem golpes baixos. «Se as pessoas quisessem...» disse ele. «Se as pessoas soubessem...», completo eu. — M. C.

HOJE PODE VER...

● **Às 19 e 45: «Voo de emergência»**

Episódio filmado da série «Fury», que agradará ás crianças e aos jovens. São intérpretes Peter Graves, Boby Diamond, William Fawet, Jimmy Bair e James Seag. Conta a história do xerife que, com a ajuda de Jim Newton, forma uma esquadrilha aérea para serviços de emergência. Fury dá também uma ajuda neste serviço altruista, quando um dos aviões se avaria.

NOTICIAS DOS ESTÚDIOS

- **Alberto Lattuada está a registar algumas sequências da película «Matchless», com a princesa Ira Furstenberg, num antigo abrigo antiaéreo, no centro de Roma.**
- **Nicole Maurey foi convidada para contracenar com Gerard Barray, Jean Richard e Paul Preboist em «Feio Tempo para as Moscas», que Guy Lepanc está a filmar nas ruas de Paris, com argumento de Frederic Dard.**

DIVERSÕES

(Continuação da 4.ª página)

tuguesa, que há cinco anos enfrenta horas tão difíceis».

Houve flores e muitas palmas, o actor recebeu a cruz de benemerência, imposta pelo presidente da C. V. P. e, nos intervalos, foi rodeado por dezenas de pessoas que desejaram conversar com ele e obter autógrafos.

No «foyer» e nos corredores senhoras e meninas vendiam cigarros gregos e ofereciam aos cavalheiros frascos de água-de-colónia. O brilho das jóias, e eram muitas, o crepitar dos «flashs» e das máquinas de filmar, o encontro dos componentes desta grande comunidade alfacinha, em ambiente de euforia fizeram desta ante-estreia um acontecimento na verdade elegante.

★

Na primeira parte do espectáculo foi exibido, além do jornal de actualidades, onde uma reportagem sobre a estadia de de Gaulle na U. R. S. S. ocupa lugar de destaque, um documentário sobre a actividade da Cruz Vermelha Portuguesa, em especial no que se relaciona com o seu apoio á actividade das Forças Armadas no Ultramar.

Foi igualmente estreada uma curta metragem—«Cruzeiro do Sul»—realizada por Fernando Lopes, e produzida por Ricardo Malheiros sob patrocínio da Sociedade Central de Cervejas.

Trata-se de uma obra a todos os títulos meritória, quer pelo significado didáctico da sua textura, quer pela alta qualidade técnica da sua realização.

É na verdade uma surpresa para todos nós, os muito novos, a quem não tinha até agora sido possibilitado um contacto directo com as imagens e depoimentos mais direc-

(Continua na 8.ª página)

AS ESTREIAS DE HOJE

No São Jorge

Título em português — «Esquadrilha 633».
Título original — «633 Squadron».
Produção — Americana.
Realização — Walter Grauman.
Intérpretes — Clif Robertson e George Chakiris.
Género — Bélico.
Distribuição — Rank Filmes.
Processo — Colorido.
Classificação — 17 anos.

No Politeama

Título — «Duelo no Rio Bravo».
Produção — Italiana.
Realização — Tulio Demichele.
Intérpretes — Guy Madison e Madeleine Lebreau.
Género — «Western».
Distribuição — Filmitalus.
Processo — «Eastmancolor» e «Tecniscope».
Classificação — 12 anos.

No Avis

Título em português — «Revolta dos Apaches».
Título original — «Winnetou».
Produção — Americana.
Realização — Karl May.
Intérpretes — Lex Barker, Pierre Brice e Karin Dor.
Género — «Western».
Processo — Cinemascópio e «eatsmancolor».
Classificação — 12 anos.

PSICO

SE NÃO VIU ESTE FILME DA PRIMEIRA VEZ...

PSYCHO

ADULTOS

A PRODUÇÃO DE ALFRED HITCHCOCK

PSICO

ESTÁ DE VOLTA!

NÃO FALTE AGORA!

UM FILME PARAMOUNT

Esta é a última oportunidade da sua vida para ver o mais chocante clássico de "suspense" de ALFRED HITCHCOCK!

COM ANTHONY PERKINS · VERA MILES · JOHN GAVIN · JANET LEIGH E COM MARTIN BALSAM · JOHN McINTIRE

REALIZAÇÃO ALFRED HITCHCOCK ARGUM. JOSEPH STEFANO

A PARTIR DE AMANHÃ NO MONUMENTAL

AR CONDICIONADO

TELEF. 53 86 86

TEATRO VILLARET

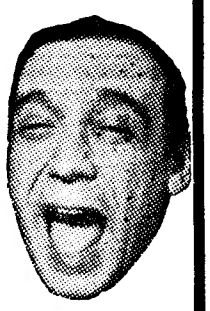
o mais moderno e confortavel de lisboa

2 SESSÕES: ÀS 21 HORAS E ÀS 23 HORAS • ADULTOS

com AR CONDICIONADO

TEMPERATURA DA SALA: 17°

RAUL SOLNADO



APRESENTA

UMAGARGALHADAPEGADA

2 HORAS A RIR COM...

QUANDO É QUE TU CASAS COM A MINHA MULHER?

ESPECTÁCULO RECOMENDADO PELO «COMITÉ INTERNACIONAL DO RISO»

DIRECÇÃO DE FRANCISCO NICHOLSON

MARIA PAULA ★ CORTEZ ★ ISABEL DE CASTRO

NICHOLSON ★ MARIA LAURENT ★ GLÓRIA DE MATOS

TEATRO DA TRINDADE (F. N. A. T.)

ÓPERA

«INÊS PEREIRA»

de Ruy Coelho

(Espectáculo subsidiado pela Fundação Calouste Gulbenkian)

2.ª REPRESENTAÇÃO — Às 21.15

Com Maria Cristina de Castro, Guilherme Kjölner, Luís França, Hugo Casaes, Rui Inglês, Armando Guerreiro, Helena Barros, Maria Teresa de Almeida, João Veloso, Mário de Oliveira, Maria Cecília Correia e Carlos Fonseca.

Direcção: Maestro Ruy Coelho Encenação: António Manuel Couto Viana

ORQUESTRA DE ÓPERA DA EMISSORA NACIONAL

CORO DO TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

BAILADOS POR ELEMENTOS DO CENTRO DE ESTUDOS DE BAILADO DO INSTITUTO DE ALTA CULTURA, DIRIGIDO POR ANNA IVANOVNA

PREÇOS POPULARES

PLATEIA — 15$00

(Espectáculo para maiores de 12 anos)

AVISO

A 4.ª representação desta ópera, marcada para 13 do corrente, ficou transferida para o dia 15, sendo válidos os mesmos bilhetes.

CONTINUAM A CHEGAR AS EXCURSÕES PARA ADMIRAR O GRANDIOSO ACONTECIMENTO CITADINO

A FEIRA POPULAR de LISBOA

COM TODOS OS ATRACTIVOS QUE FAZEM DELA UM MUNDO ESPECIAL NA VIDA DA CAPITAL

Todos os visitantes encontram ali os mais variados e agradáveis motivos de diversão e distracção

STANDS DE EXPOSIÇÕES — RESTAURANTES — RETIROS — CERVEJARIAS — FARTURAS — SORTEIOS, ETC.

ENTRADA QUINZE TOSTÕES

ABERTURA ÀS 19 HORAS

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR - PORTUGAL -

NÃO ESQUEÇA OS NOVOS SERVIÇOS QUE CRIÁMOS PARA SI:

1 CRÉDITO PESSOAL

Sem qualquer garantia além da confiança que o Cliente nos merece pelas suas qualidades pessoais e profissionais.

2 SEGURO DE DEPOSITANTE

Todos os nossos depositantes estão seguros contra acidentes pessoais, na Companhia de Seguros "CONFIANÇA", ocorridos no país ou no estrangeiro.

3 CARTÃO DE DEPOSITANTE

Ser-lhe-ão pagos cheques em qualquer dependência do Banco situada no Continente e onde não tenha conta, mediante a apresentação do Cartão de Depositante que fornecemos gratuitamente.

4 PAGAMENTO POR CHEQUE

Os principais estabelecimentos comerciais de Lisboa e Porto e as entidades fornecedoras de água, luz, gás e telefone nestas duas cidades aceitam os nossos cheques, em lugar de dinheiro, como meio de pagamento.

5 E AINDA

Recebemos ordens permanentes de pagamentos periódicos (água, luz, renda de casa, telefone, prémios de seguros, etc.) que serão efectuados directamente pelo nosso Banco, sem qualquer encargo para os Clientes.

AQUELES QUE UTILIZAM ESTES NOSSOS SERVIÇOS SABEM QUE NÃO SE TRATA DE MEROS "SLOGANS" DE PUBLICIDADE MAS DE BENEFÍCIOS EFECTIVOS E MEDIANTE ESQUEMAS DEVIDAMENTE ESTRUTURADOS

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

(Continuação da 6.ª página)

tamente relacionados com a heróica Travessia Aérea do Atlantico Sul, feita por Gago Coutinho e Sacadura Cabral. Com este documentário fica a dispor-se de um notável documento animado sobre um feito de repercussão universal, que abriu as portas á aviação de grande curso e conferiu a Portugal uma primazia neste domínio, a todos os títulos honrosa. Animando fotografias e cabeçalhos de jornais da época, utilizando pedaços de filmes existentes nas cinematecas e juntando-lhe três depoimentos actuais o realizador soube encontrar um ritmo e uma linguagem ideais para este tipo de obras. Pela boca do dr. Norberto Lopes, unico jornalista vivo dos que fizeram a reportagem do acontecimento; através da palavra de Soubiran, mecanico francês que colaborou na construção da aeronave e através do depoimento do almirante Fernando de Quintanilha, actual ministro da Marinha e, ao tempo, oficial do «Republica», a epopeia de Gago Coutinho e Sacadura Cabral ficará bem viva no celuloide, apta a transmitir ás novas gerações imagens de um exemplo cujo significado fica bem patente nas imagens dadas da recepção feita em Lisboa e no Rio de Janeiro aos dois heróicos aviadores portugueses.

★

«El Greco» é certamente um filme de ocasião. Foi o próprio Mel Ferrer que á sua chegada ao aeroporto de Lisboa nos informou de que «El Greco» não é uma obra magnífica mas apenas um bom filme». Vem, aliás, na esteira de outras obras congéneres, algumas delas, porventura, mais logradas, não diremos só no aspecto de reconstituição histórica, mas, certamente, na urdidura do traço romanesco com a documentação pictográfica. Há neste novo filme muitas cenas que *nascem* sem uma inteligente solução de continuidade, como se houvesse corte de vários planos; o ritmo é muitas vezes retardado, e não faltam os pormenores que permitem verificar que a obra foi pensada comercialmente para agradar ás vastas camadas que não enjeitam uma bela história de amor. Bem entendido que Mel Ferrer dá um excelente Domenikos Theokoko Poulos, muito contribuindo para tanto a sua figura e os seus olhos serenos e de profunda interioridade. Também Rossanna Schiaffino serve bem o papel de D. Jerónima de Las Cuevas, encarnando bem o papel da fidalga que morre por amor. Outros actores, entre eles Ferdinando Rey, Renzo Giovampietro, Mário Feliciani, Nino Crisman e Adolfo Celi, servem bem este filme de Produzioni Artistiche Internacionali, de Roma, e Les Films du Siécle, de Paris, rodado em Espanha. E não há duvida que a beleza plástica do filme é um dos seus melhores atributos. — L. d'O N.

«Inês Pereira», no Trindade

Dirigida pelo autor, subiu agora á cena do Teatro da Trindade a ópera jocosa em três actos, de Ruy Coelho, «Inês Pereira». Não havia muitas possibilidades de se poder modificar sensivelmente a nossa opinião sobre esta partitura, comunicada ao leitor em princípio de Dezembro de 1952, depois da primeira apresentação no S. Carlos, em versão portuguesa, por elementos portugueses também. (A 1.ª audição absoluta tinha sido dada meses antes em versão italiana, a que não fizeramos referência). Mas convém transcrever a seguinte frase que escrevemos dentro da crítica á ópera: *«Confrange-nos, primeiro que tudo, o abandono a que estão votadas as aspirações á edificação de um teatro lírico português»*. É frisante, e muito auspiciosa, a transformação de quadro operada nestes ultimos anos nesse aspecto da cultura operática portuguesa, transformação que se deve, precisamente, á decidida e em parte decisiva iniciativa de conjugação de esforços que criaram os espectáculos líricos por cantores portugueses no Teatro da Trindade. Há uma organização, que se impõe como tal no duplo aspecto de aproveitamento e segurança dos artistas nacionais. A entrada em cena da Fundação Calouste Gulbenkian conta também; não cabe nestas linhas o apanhado de ondulante trajectória das suas interferências, mas constatamos que neste momento a Fundação subsidiou a reposição da «Inês Pereira» de Ruy Coelho, — e a ela se deve, supomos, o luxo complementar da montagem, (de que participa a indumentária, mais feliz do que os heteróclitos apetrechos de cena), independentemente do que precede, reparamos na acentuada tentativa de modernidade dos cenários executados por José Manuel sobre maquetas de João Sotullo. Possívelmente, a realização não corresponde bem á própria visão destes artistas encarregados de emoldurar a acção; os coloridos, alegres, vivos alguns, são no entanto a pastel, o que não condiz com a sugestão Vicentina. Montagem, luzes — bastante impertinentes — e arranjos de cena, de resto, são de António Manuel Couto Viana, responsável pela encenação. A sua fantasia e a sua vivacidade criam um novo conceito de farsa, que não se enxerta na Farsa Vicentina, anula-a, pelo contrário. A respeito de cenário e de montagem de cena, recordamos saudosamente os que tinham realizado a malograda Manuela Porto (em teatro de amadores e quase sem palco), com a colaboração de Roberto Araujo Pereira; ambos se estreavam numa cultura e tradição de inseparável e insubstituível solidez.

Quase nada de Vicentino transparece, é certo, quer no libreto extraído da farsa por Gino Saviotti, quer no caracter da musica de Ruy Coelho. Mas no que diz respeito á musica, o seu sabor português seria uma importante qualidade, se não fosse apoucado pelos arroubos dum lirismo menos proprio, pelo empolado da escrita coral, e pela escrita sobrecarregada da orquestra, apesar de entrecortada por alguns efeitos de pormenor que a aligeiram. E nada, na invenção de Ruy Coelho, se fortalece de raízes medularmente tradicionais, ou de pensamento verdadeiramente moderno. Contudo, este nosso conjunto de opiniões não deixa de coadunar-se com um suficiente apreço pela escolha da direcção lírica do Teatro da Trindade, que não tem muito por onde voltar-se, se quer, com um critério digno dos maiores aplausos, dar textos portugueses, de urdidura que não deixa de ser teatral, não fugindo até, como na «Inês Pereira» de Ruy Coelho, de alguns conjuntos de solistas de mais exigente realização.

Na preparação da orquestra, notou-se bastante trabalho, embora não se evitando ainda alguns desencontros de menor ou maior monta. Mas no palco, todas as personagens redobraram de brio profissional e de desejo de acertar, desde a protagonista, Maria Cristina de Castro, até Carlos Fonseca, muito compenetrado no seu papel episódico de «Capitão», assim como João Veloso e Mário de Oliveira nos papéis dos dois escrivães «Vidal» e «Latão»; e Rui Inglês, em «Moço do escudeiro», que se infiltra em muitas cenas ao longo da farsa, revela uma espontaneidade histriónica que suplanta de longe o cantor, — o que acerta com a maneira como estes papéis são tratados e também com a actuação de A. M. Couto Viana, e que atinge também Helena Barros, presentemente «Leonor Vaz», a tia da heroína, Prestam-se menos a este género de naturalidade Maria Teresa de Almeida, mas que canta muito bem o papel da «Mãe», Maria Cecília Correia na sua pequena intervenção em «Lucia», e, em papéis muito importantes, Guilherme Kjolner para «Vasco de Fões» e Armando Guerreiro, o «Estudante». Os acima referidos arroubos líricos são sempre reservados ao papel desempenhado por Kjolner, que consegue conferir-lhes toda a possível dignidade de estilo. Maria Cristina de Castro encadeia as suas variadas responsabilidades com mais brilhantismo do que frescura louçã, e um atrevimento um pouco exagerado; e por preocupações vocais, foge a articular devidamente o texto, (o que, na ocorrência, não nos arrelia de maior). Faltam ainda duas figuras na galeria: «Pero Marques», e, especialmente importante, «Braz Simões, o escudeiro». Para o primeiro, não conseguimos perceber se é o papel que prejudica Luís França, ou se é este que prejudica aquele. Hugo Casais para o «escudeiro» é o verdadeiro exemplo do cantor-comediante, apesar de nos dar um 1.º acto demasiadamente pesado.

Os coros tomaram parte gorda na festa, não se mostrando mais papistas do que o Papa, em mais um desacordo de estilo com o pequeno bailado de figuras femininas, no 3.º acto, que foi um dos momentos mais felizes da representação, e como tal especialmente aplaudido.

FRANCINE BENOIT

Três espectáculos com as «Marchas» de Lisboa no Coliseu dos Recreios

As popularíssimas «Marchas» de Lisboa vão desfilar e exibir-se, na sexta, sábado e domingo próximos no Coliseu dos Recreios. Os grupos dos vários bairros da cidade, para mais directo contacto com o publico, exibem-se na pista.

No átrio do Coliseu haverá uma caixa para recolher os votos do publico, que assim poderá eleger a «marcha» do seu maior agrado, sendo atribuídas três valiosas taças aos três grupos mais votados.

Sexta-feira exibem-se as «marchas» da Madragoa, Alto do Pina, Benfica e Campolide.

Sábado: Campo de Ourique, Mouraria, Carnide e Santa Catarina.

Domingo: Bairro Alto, Castelo, Alcantara e Olivais.

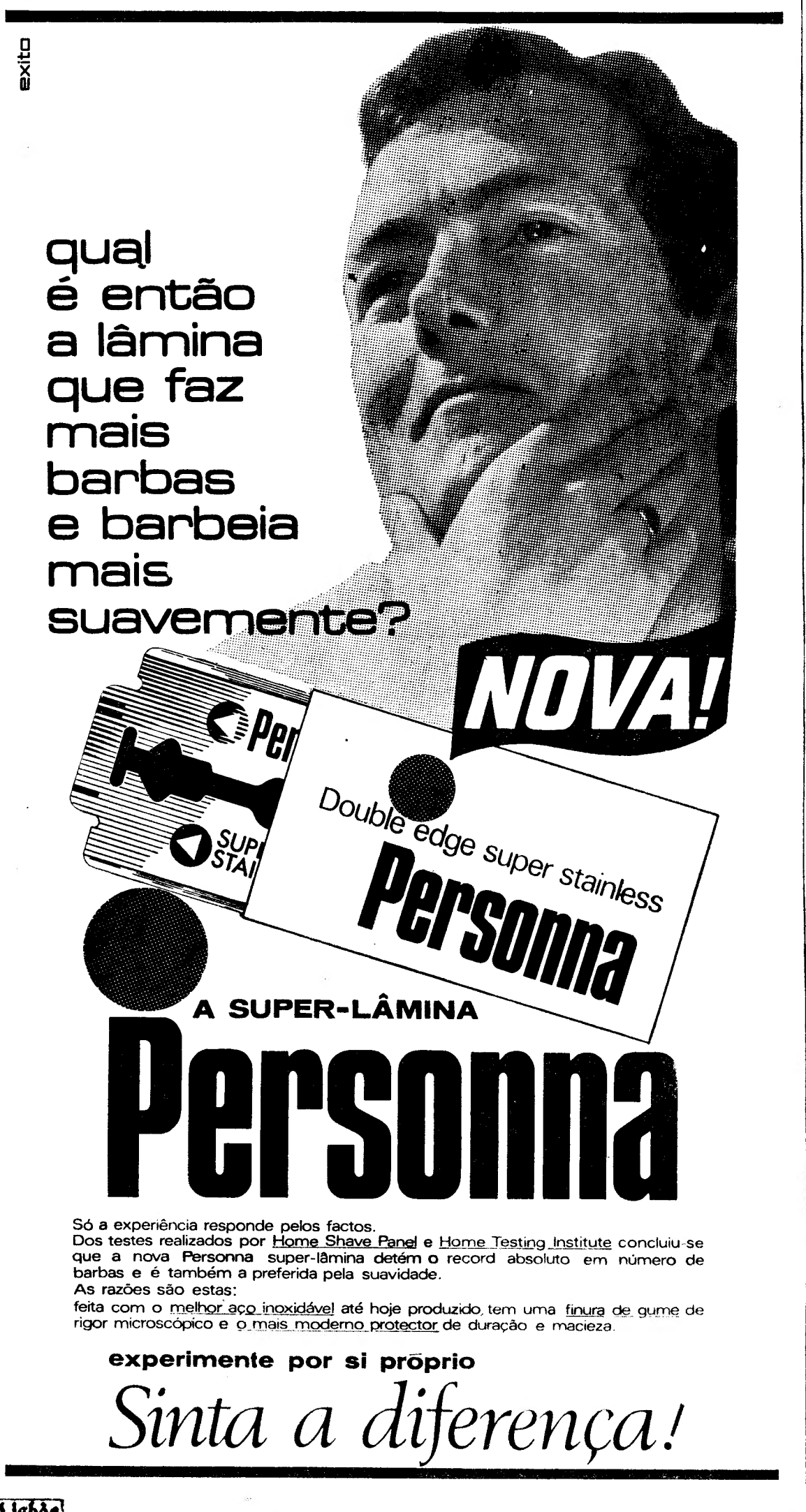
Três noites de alegria popular e de bairrismo.

LOTES
EM MURCHES E JUZO

5 minutos do centro de Cascais.
Desde: 75.000$00.
O prop. Joaquim Baraona.
Est. Marginal, Lote JME-2.º C.
Telef.: 282388 - Cascais.

CASAMENTO

Jovem militar vindo do Ultramar deseja corresponder-se com meninas dos 15 aos 23 anos. para fins matrimoniais.
Carta para Manuel Joaquim Pereira, H. M. P. Ortopédia Sala, 2, cama 17, Lisboa-2.



No FUNCHAL o «DIARIO DE LISBOA» encontra-se à venda no próprio dia da tiragem na CASA FIGUEIRA.

Importantes alterações ao Código da Estrada

(Continuação da 3.ª página)

Introduzem-se, ao mesmo tempo, no Código alterações em conformidade com normas adoptadas internacionalmente. Designadamente, prevê-se a apreensão do velocípede, medida determinada pela perigosidade de que se revestem as infracções de excesso de velocidade e de lotação.

Um regime de transição

A terminar, disse o ministro: «Como todas estas circunstancias da nova lei exigem tempo e meios, houve que atender a certos interesses particulares que os novos preceitos poderiam vir a afectar e bem assim ás possibilidades de actuação do sector administrativo. Em consequência, estabelece-se um regime de transição que permite acautelar na justa medida esses interesses e atender a essas possibilidades.»

Perguntas e respostas

Após a primeira intervenção do ministro das Comunicações, seguiu-se o costumado período de perguntas e respostas, a fim de se esclarecerem melhor alguns passos essenciais das alterações que vão entrar em vigor, bem como outros assuntos relacionados com a problemática dos transportes terrestres. Foi assim que logo surgiu o problema das carreiras colectivas sobre a ponte do Tejo. O sr. eng.º Carlos Ribeiro informou que a regularização dos transportes colectivos na ponte dá cumprimento á doutrina de um decreto-lei já enviado para a folha oficial. Criou-se, para o efeito, um regime excepcional, pois não era possível aplicar-se o critério normal para as concessões desse tipo, que vão alterar, repentinamente, a rotina diária. Trata-se, por outro lado, de uma infra-estrutura de ordem singular, que suscitará alterações sensíveis no tráfego entre dois centros demográficos muito importantes: Lisboa e Almada.

Deste modo, revelou o ministro, decidiu-se atribuir essa exploração á Carris, no lado norte, e á Piedense e Beira-Rio (numa fusão de interesses), na margem sul — concelhos de Almada e do Seixal. Estas empresas vão utilizar pontos de ordenamento fixados em qualquer das duas margens: no lado sul, uma zona muito próxima do acesso á ponte; no lado norte, Alcântara e Palhavã (neste caso em ligação com o Metropolitano). Quanto ao custo da portagem, disse o eng.º Carlos Ribeiro que o assunto pertence ao Ministério das Obras Publicas, que vai administrar uma obra que envolve vultosos encargos. Serão anunciadas brevemente — vincou — as taxas respeitantes ás portagens, mas o seu custo não andará muito longe — disse — dos preços actuais praticados nos «ferry-boats».

O caso das bicicletas motorizadas

Outro assunto versado, em seguida, foi o problema das bicicletas motorizadas, cada vez em maior numero por essas estradas fora. Um jornalista perguntou ao ministro, em face da nova regulamentação, o que competiria fazer aos possuidores desses veículos, a partir do dia 1 de Setembro. Esclareceu o sr. eng. Carlos Ribeiro que não necessita de proceder a quaisquer disposições específicas, apenas «terá de conduzir com maior cuidado»...

Os utentes das bicicletas motorizadas podem, com efeito, continuar a utilizar os seus veículos sada pela entidade camarária, mas terão que observar, cuidadosamente, os limites de velocidade que agora foram impostos, porquanto, além de outras penalidades, poderão ficar com as bicicletas apreendidas. No entanto, o limite actual de velocidade, que é de trinta quilómetros, vai passar para quarenta.

Advertiu, ainda, aquele membro do Governo, que os detentores de veículos desse género que possuam melhores características de potência, podem passá-los para a categoria de ciclomotores, o que lhes permitirá rodar a sessenta quilometros horários. Terão, porém, de tirar nova licença.

O problema dos táxis

Outra questão posta foi a da falta de táxis que se observa em Lisboa e no Porto.

O ministro Carlos Ribeiro assinalou, então, que o momentoso problema já fora estudado e que o seu Ministério está convencido de que um aumento dos contingentes de táxis, nas duas cidades, na ordem dos vinte por cento, deve solucionar as dificuldades apontadas. Explicou, a propósito, que o referido numero de vinte por cento foi obtido pelo preenchimento de algumas vagas e pelo aumento dos contingentes própriamente ditos. Disse, também, que ainda não foi tomada qualquer decisão sobre o assunto, porque se entende que o problema da falta de táxis em circulação só ficará bem resolvida quando se conseguir regular a transmissibilidade da licença e a substituição da rendição dos motoristas desses carros fora das horas de ponta, entre as 17 e as 19 horas, normalmente.

Afirmou o ministro ser voz corrente que os direitos de transmissibilidade de cada táxi são vendidos por cerca de duzentos contos. Ora — comentou — o Estado não pode conceder gratuitamente esses direitos, que podem ser, depois, negociados; mas também acontece que o Estado não deve onerá-los. É, portanto, um problema jurídico que importa resolver. Quanto á rendição dos motoristas, informou que tal prática, com semelhante horários, em Lisboa, imobiliza por quase uma hora metade do contigente dos táxis em serviço. Acentuou, depois, que o problema da falta de táxis nas horas de ponta ou quando chove é um fenómeno comum a quase todas as capitais.

Revelou, em seguida, perante uma outra pergunta, que o preenchimento das vagas existentes no contigente deve fazer-se pelas regras em vigor: divisão, em partes iguais, entre profissionais do volante e industriais. O remanescente das licenças previsto será entregue apenas a profissionais. Também o estado caótico em que se apresentam alguns táxis de Lisboa foi motivo de explanação. O sr. eng. Carlos Ribeiro afirmou que a razão de ser desse desleixo se pode imputar ao baixo custo de utilização e á necessidade de aproveitar, por via disso, a viatura intensamente. Vai proceder-se, todavia, a rigorosa fiscalização dessas infracções, apoiada numa legislação adequada.

Problemas diversos

Abordaram-se, depois, diversas questões. Falou-se do seguro obrigatorio, que deve ficar decidido até ao fim do ano; na conclusão da auto-estrada de Lisboa a Cascais, a fim de se descongestionar o transito na marginal; da impossibilidade financeira (por agora) de encarar a construção da auto-estrada do Minho ao Algarve, junto á faixa marítima, embora o assunto esteja em estudo; da proibição de conduzir «penduras» nas bicicletas motorizadas e nos ciclomotores, a partir do dia 1 de Agosto; e da carta de condução para os utentes dos ciclomotores.

Disse o ministro que, terminada a fase inicial das alterações do Código da Estrada, em 31 de Agosto de 1967, entrar-se-á num período de transição. Os donos dos veículos que tenham características de ciclomotores terão então de habilitar-se com uma carta de condução. Devido á impossibilidade de examinar milhares e milhares de condutores nessas condições, ser-lhes-á passada uma carta provisória, madiante requerimento... Este documento será, porém, apreendido logo que o seu detentor pratique uma contravenção obrigando-se, então, a fazer exame de condutor.

Inquirido sobre a extensão ás províncias ultramarinas das novas disposições do Código da Estrada, explicou o sr. eng.º C. Ribeiro que, de facto, são ali aplicáveis, mas que o titular da respectiva pasta fixará a data dessa adopção, bem como a adaptação necessária a cada um dos territórios. Foram equacionados, em seguida, alguns problemas relacionados com a coordenação de transportes, no quadro da prevenção rodoviária.

A utilização dos transportes ferroviários

Referiu o ministro das Comunicações que, em todos os países, se considera que deve retirar-se da estrada os transportes susceptíveis de perturbar a segurança rodoviária. A mobilização intensiva dos serviços ferroviários, de navegação costeira e fluvial poderá, assim, contribuir para o fim em vista, além de poder beneficiar, economicamente, o utente.

Ainda dentro do mesmo tema, o ministro disse que a obra de navigabilidade do Douro é um empreendimento apaixonante, mas muito dispendiosa. Acentuou que este assunto tem de ser estudado com todo o cuidado, comparando esta solução com outras possíveis. Revelou que já tinha sido feito um confronto entre o plano de navigabilidade do Douro com uma provável solução ferroviária, mas que os resultados conseguidos não se revelaram definitivos. De qualquer modo — insistiu —, convém solucionar o problema do transporte de ferro das minas de Moncorvo para os centros de consumo.

A reestruturação da C. P.

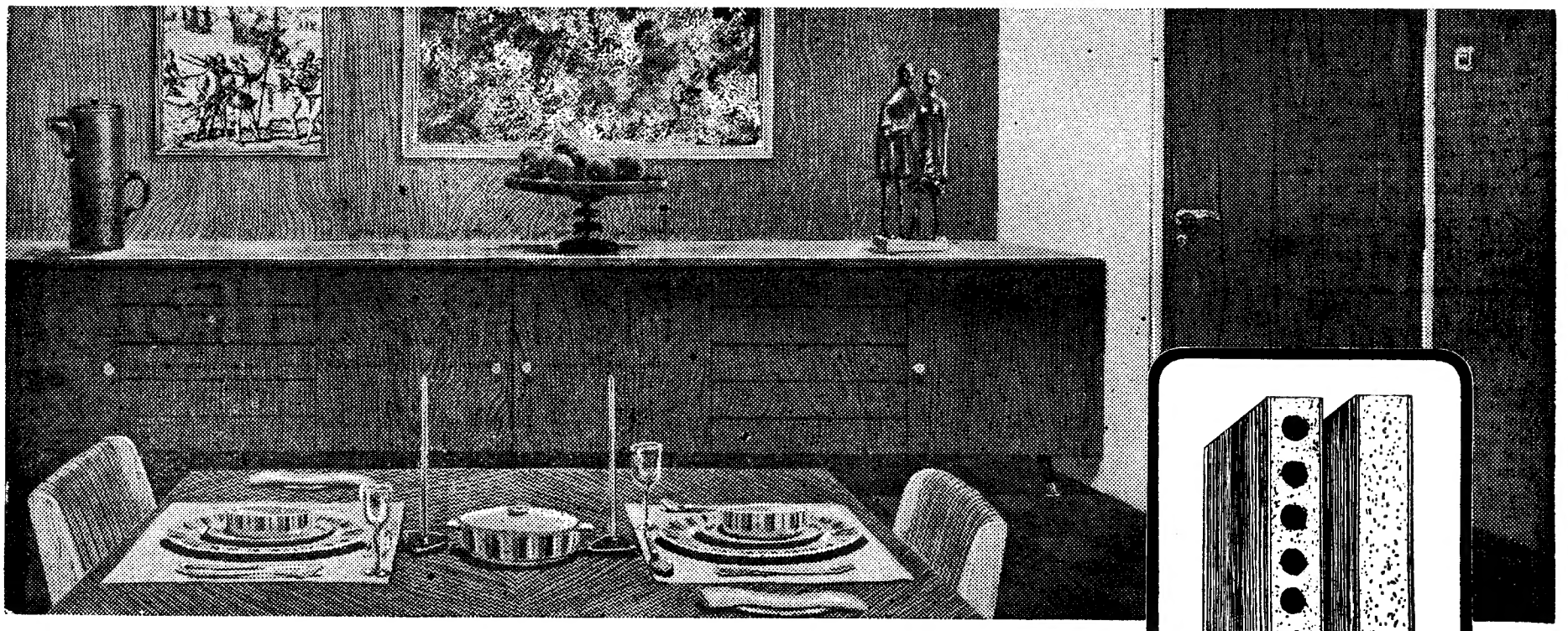
Derivou, seguidamente, o colóquio para a anunciada reestruturação dos serviços da C. P. Informou o sr. eng.º Carlos Ribeiro que a remodelação dos serviços daquela empresa deve ser entendida do ponto de vista orgânico. Tanto assim que, na assembleia geral daquela companhia, efectuada no dia 30 de Junho, foi aprovada uma proposta de reorganização de todos os serviços, actualizando-se os métodos de acção. Quanto á suspensão de algumas linhas, por motivos de ordem económica, tal política só pode ter lugar na referida coordenação de transportes.

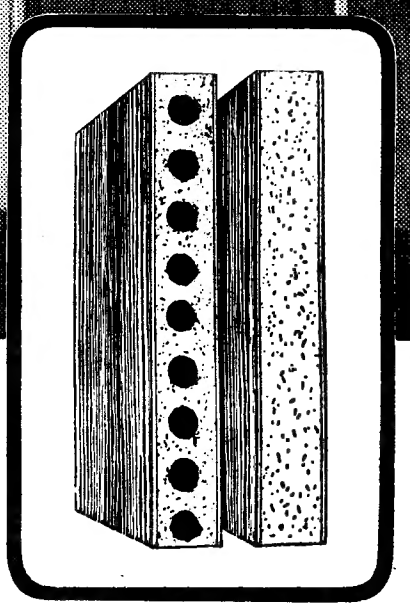
No entanto, sublinhou, não são sómente as condições de rentabilidade financeira que devem determinar qualquer alteração, pois o desenvolvimento regional também deve ser considerado. Deu como exemplo o caso do Alentejo. Aguarda-se que o respectivo Plano de Rega possa resultar, plenamente, dentro de uma década. Haverá então grande progresso sócio-económico, se todas as planificações tiverem correspondido. Estas perspectivas desaconselhariam logo — e agora — a supressão de quaisquer serviços ferroviários, pois praticar-se-ia grave erro. E acrescentou: «Se fecharmos algumas linhas, só por imperativos de rentabilidade financeira, corremos o risco de prejudicar o desenvolvimento regional». Revelou, em seguida, que está a ser avaliado o rendimento de algumas linhas da C. P. Em alguns casos, conforme acontece com o ramal deficitário do Douro, a poupança de umas poucas centenas de contos por ano não alteraria o panorama financeiro da C. P. É preferível, portanto, prosseguir com aquela exploração, afirmou.

O trânsito em Lisboa

Aludiu-se, depois, á fiscalização de velocidades e ao melhor apetrechamento material e técnico da P. V. T., tendo o ministro anunciado a possibilidade de se determinar, a título experimental, limites de velocidades nos fins-de-semana e em algumas regiões do País, a fim de se conseguir uma mais efectiva prevenção rodoviária, métodos já adoptados, com êxito, na Europa. O regulamento do transito de Lisboa foi, também, abordado. O sr. eng.º Carlos Ribeiro disse que, de uma maneira geral, as novas disposições têm resultado, mas que a «zona de azul», embora apresentando vantagens em relação ao regime anterior, também suscita alguns inconvenientes. O melhor será, então, instituir um sistema de parcómetros no centro da cidade, o que considerou um acto de mais perfeita justiça social. Apontou, também, a necessidade de se prosseguir no processo de marcar os pavimentos das principais zonas da capital e de se adoptar, definitivamente, a utilização sistemática do semáforo de sinais luminosos para orientar o transito, não comandado manualmente, mas sim por telecomando ou por comando automático.

Outros assuntos foram, ainda, tratados, e entre eles a descontinuidade dos limites de velocidade que se verifica na estrada marginal. A encerrar esta interessante reunião, o ministro Carlos Ribeiro voltou a agradecer a presença dos jornalistas e pôs em relevo a colaboração valiosa dos órgãos de informação.





MESA-NEK 103

O ÚTIL E O AGRADÁVEL

V. pode juntá-los. A decoração, os revestimentos, os lambris, os móveis, as portas desta sala, foram inteiramente fabricados com painéis Jomar-OKAL. Os painéis Jomar-OKAL dão-lhe superfícies belas, tons requintados e, também:
enorme variedade de aplicações • superior acabamento • múltiplas espessuras e qualidades de madeiras • técnica apurada e madeiras de primeira qualidade • grande economia.

JOMAR Okal

JOMAR Okal

O útil e o agradável-juntos em painéis Jomar-OKAL

NECROLOGIA

(Continuação da 3.ª página)

pírito particularmente culto, foi um dos intelectuais fundadores da revista «Seara Nova», trabalhou durante alguns anos na «Reuter», dedicou-se a estudos sobre orientalismo e budismo e criou uma valiosa biblioteca particular, da qual ofereceu alguns milhares de exemplares ao Museu Marítimo de Faro, cidade em que nasceu.

O extinto, cujo funeral se efectuou para o cemitério do Alto de São João, era pai da sr.ª D. Maria Ateneia Pacheco Soares da Costa Santos, casada com o prof. Luís Berredo Santos, residente no Porto; irmão da sr.ª D. Maria da Purificação da Costa Ramos, viuva, e do tenente reformado Filipe Augusto do Ó Costa; e tio dos srs. dr. Rui Félix da Costa Pereira, radicado há vinte anos em Nova York; eng. Eduardo José da Costa Pereira da Hidroeléctrica do Alto Alentejo, e dr. Francisco Honorato da Costa Ramos, radicado em Luanda, e da sr.ª D. Euridice da Costa Ramos Ascenso, casada com o sr. dr. José Ascenso reitor do Liceu de Faro.

O comandante Sebastião Costa, além de muitos louvores possuia, entre outras condecorações, a Ordem Militar de Avis, as medalhas da Victoria e das Campanhas do Ultramar, etc.

Carlos Eduardo Cardoso Moreira

Faleceu o sr. Carlos Eduardo Cardoso Moreira, de 79 anos, natural de Beringel (Beja), proprietário, casado com a sr.ª D. Maria José Ferro Palma Moreira. O funeral, a cargo da Agência Salgado, da Rua da Rosa, realiza-se amanhã, ás 9 e 30, da igreja de S. João de Deus para jazigo no cemitério de Beringel (Beja).

Mário da Anunciação Lamas Moreira

Faleceu o sr. Mario da Anunciação Lamas Moreira, de 64 anos, natural de Lisboa, chefe da secretaria do 2.º Juizo Criminal do Tribunal da Boa Hora, casado com a sr.ª D. Eduarda dos Santos Moreira, pai da sr.ª D. Maria de Lurdes Lamas Moreira e dos srs. António Luís e Vítor Manuel dos Santos Lamas Moreira.

O funeral realiza-se amanhã, da igreja dos Jerónimos para cemitério a determinar.

TRASLADAÇÕES

D. Maria Amália Freire Nunes Marrecas Ferreira Pimentel

Os filhos, noras, netos, irmãos e mais família de D Maria Amália Freire Nunes Marrecas Ferreira Pimentel, participam que a trasladação dos seus restos mortais será amanhã, pelas 9 e 30, no cemitério de Benfica para jazigo municipal no mesmo cemitério.

Um homem e uma mulher colhidos por automóveis

À sala de observações do Hospital de S. José recolheram: o jornaleiro Artur Mendes, de 43 anos, residente na povoação de Ribeira das Vinhas, concelho de Ponte de Sor, e Eufémia da Conceição Almeida, de 52 anos, moradora em Riodades, S. João da Pesqueira, e acidentalmente em Lisboa, os quais foram colhidos por automóveis, o primeiro na terra da sua residência e a segunda na Calçada da Estrela. Apresentam contusões graves.

Um morto e um ferido no choque de uma camioneta com uma motocicleta

LEIRIA, 7 — Esta manhã, á entrada da povoação de Azóia, uma camioneta pertencente ao sr. Manuel Viana, do lugar de Boavista, desta cidade, e conduzida por António Gomes Pereira, de 33 anos, casado, residente em Andã, chocou com uma motocicleta conduzida pelo sr. Alípio Martins, guarda-fiscal, casado com a sr.ª D. Maria Lisette da Conceição Deus, natural de Ridela, Penacova, e a prestar serviço em Peniche, e em que ia também o sr. Manuel Alves das Neves, de 24 anos, casado, guarda dos serviços prisionais no forte de Peniche, e natural de Ponte da Mata, Penacova.

O condutor, sr. Alípio Martins — que ia a Penacova visitar o pai que se encontra bastante doente — teve morte quase imediata. O sr. Manuel Neves, que foi projectado a uma distancia de cerca de 15 metros e caiu numa vinha, sofreu fractura exposta de uma perna e de um braço, tendo ficado internado no hospital desta cidade.

A P. V. T. tomou conta da ocorrência

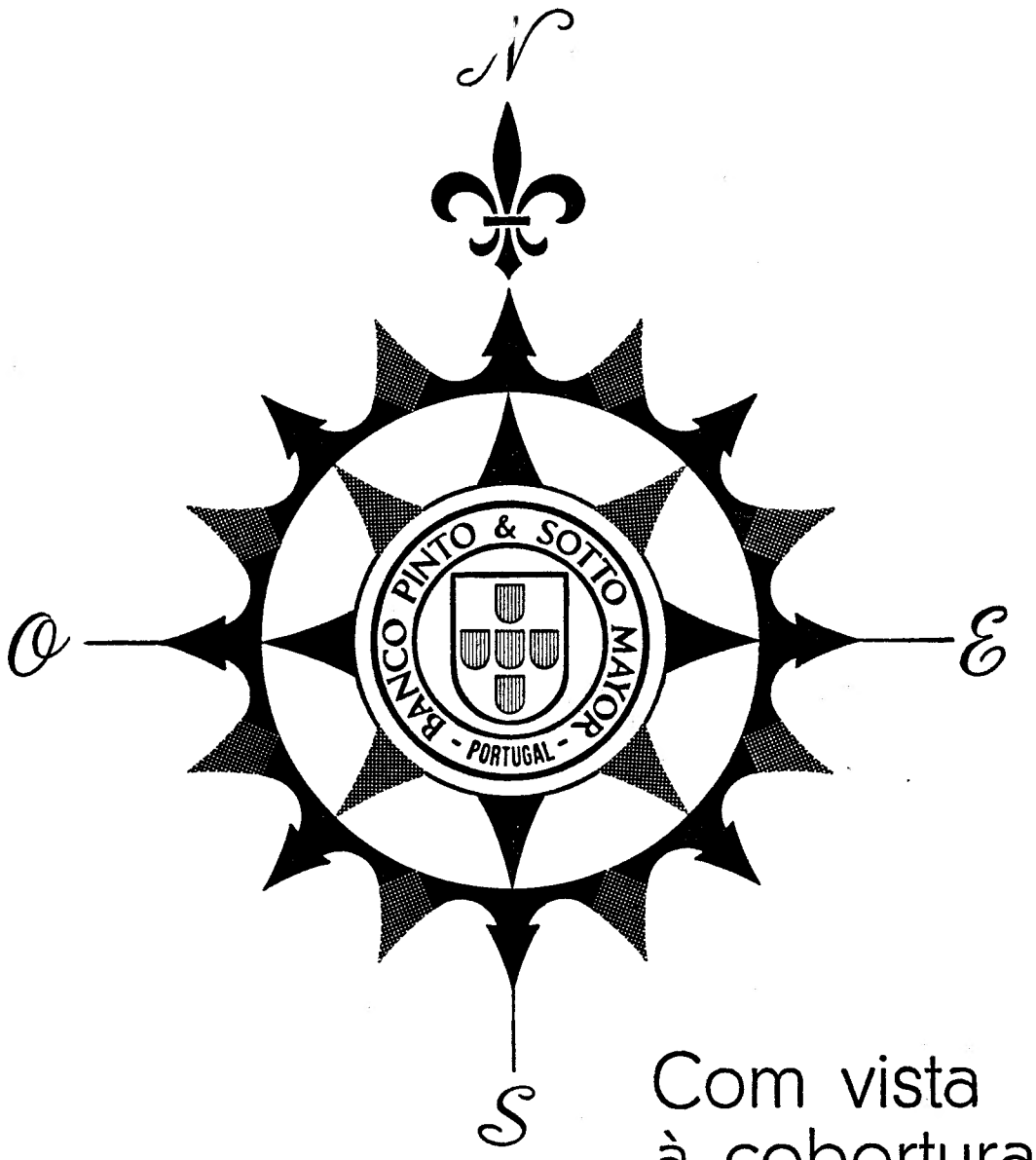
O maestro André Kostlanetz chega sábado a Lisboa

O famoso maestro André Kostlanetz chega depois de amanhã a Lisboa, de avião, expressamente para assistir ao lançamento, pela Casa Valentim de Carvalho, de um disco de 33 rotações que recordará o extraordinário êxito que Amália Rodrigues obteve recentemente em Nova York, pois o disco conterá todas as criações da artista apresentadas no referido recital de folclore nacional.

Como se sabe, o maestro André Kostlanetz dirigiu a orquestra que acompanhou em Nova York a embaixatriz do nosso folclore.

Furto de objectos de ouro

Foi enviado a juízo do Tribunal Criminal Palmira Augusto da Fonseca Teixeira que, tendo estado a trabalhar num prédio da Rua da Cruz Vermelha, ali praticou um importante furto de objectos de ouro.



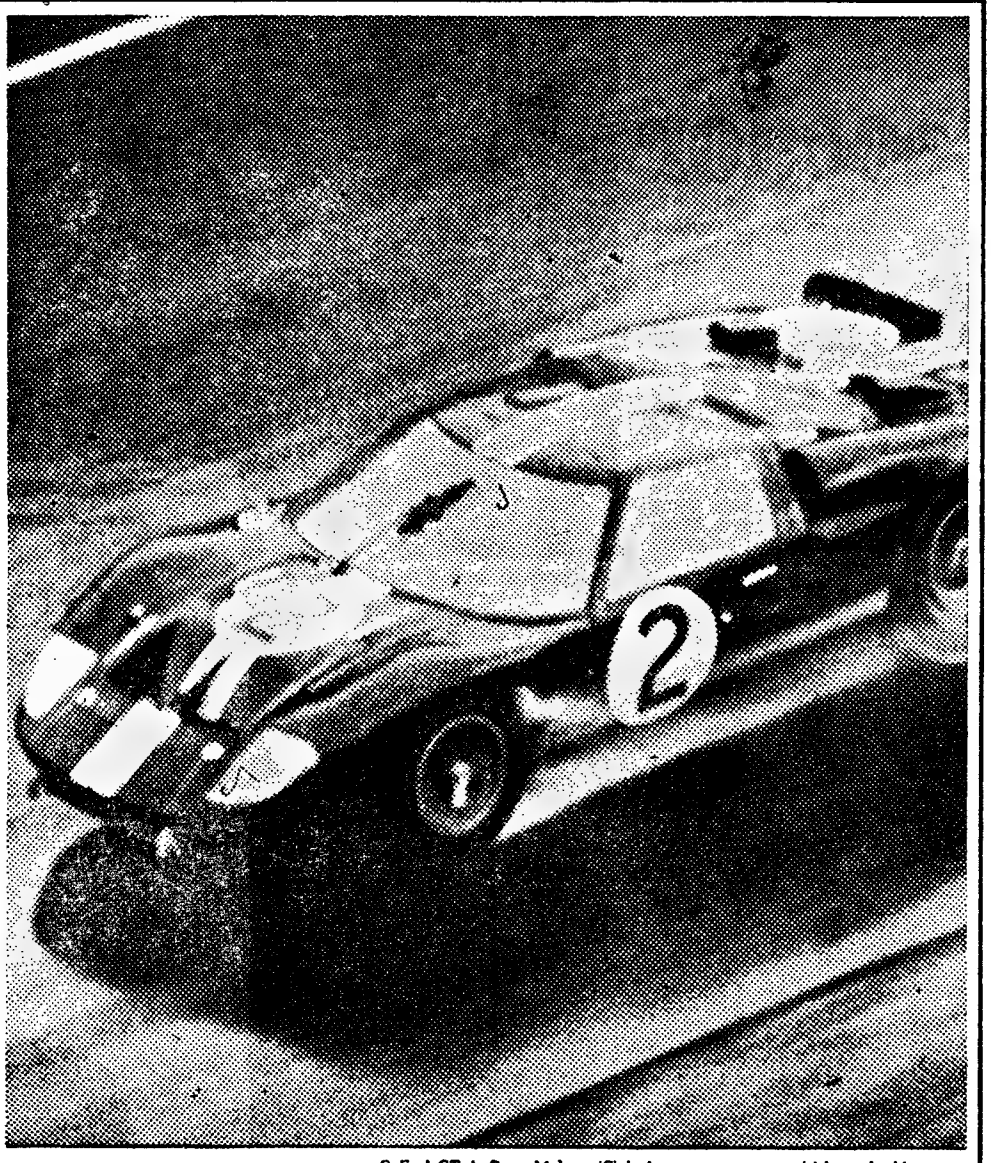
Com vista
à cobertura do
espaço português...

também na
Figueira da Foz

abrimos uma Agência
no dia 11 do corrente,
no Largo do Paço n.º 11
Telefone 2 43 12.

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

TRABALHAMOS MAIS PARA SERVIR MELHOR



O Ford GT de Bruce McLaren/Chris Amon arranca para a vitória em Le Mans

A Ford conquista o 1º, 2º e 3º lugar em Le Mans!...

Mas... repare na "Performance Total" de todos os modelos Ford!

Na dura prova automobilística das 24 Horas de Le Mans, uma das mais importantes do Mundo — FORD significou vitória!
Em competição com as mais importantes marcas de automóveis, a equipa da FORD triunfou decisivamente, arrebatando os 3 primeiros lugares, percorrendo o maior número de kms e fazendo a volta mais rápida!
Numa prova de características tão duras como a de Le Mans, vitórias desta natureza só podem explicar-se pela

— performance FORD
— qualidade de construção FORD.

E estas características agora mais uma vez demonstradas — estão presentes no Anglia, Cortina, Taunus 12, 17 e 20 M, Zephyr Zodiac, furgonetas Anglia e Transit, Camiões K e D, etc., isto é, em todos os veículos FORD!

Ford

13-05

TAUNUS 12M

MUSTANG

CORTINA

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional

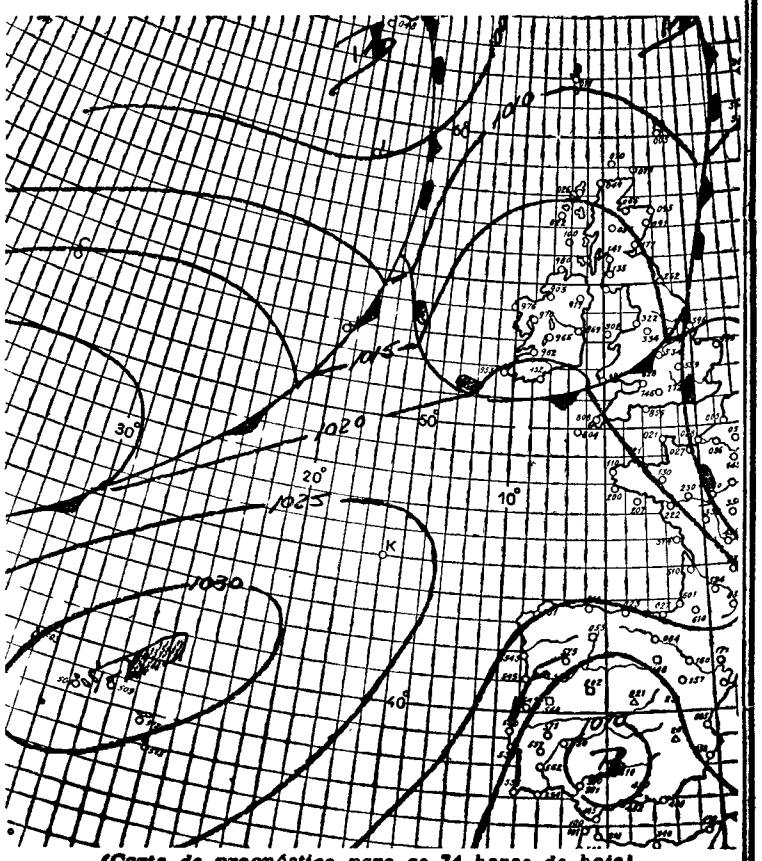
TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Alvalade, 30°,7; mínima: Montalegre, 8°,1.

TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, ás 9 horas, 22°,6; na água do mar, ao meio-dia, 17°,2.

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava pouco nublado ou limpo; o vento era fraco e predominava de norte.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS—Coimbra, 23°; Faro, 23°; Funchal, 19°; Lisboa, 22°; Penhas Douradas, 16°; Portalegre, 24°; Porto, 21°.

A EVOLUÇÃO METEOROLÓGICA



(Carta de prognóstico para as 24 horas de hoje)

A — Anticiclone (alta pressão)
B — Depressão (baixas pressões)
—— — isóbaras (mb)
V R — vento fraco variável

EVOLUÇÃO PROVÁVEL DO ESTADO DO TEMPO EM PORTUGAL CONTINENTAL ATÉ ÀS 24 HORAS DO DIA 8 DE JULHO — Prevê-se que se mantenha estacionário o anticiclone dos Açores situado sobre o arquipélago e que se mantenha igualmente a depressão de origem térmica sobre a Península Ibérica.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo, vento fraco ou moderado de Norte, nortada fresca durante a tarde e princípio da noite, na faixa costeira ocidental. Subida de temperatura.

SOL — AMANHÃ — *Nascer ás 6 e 19* — *Ocaso ás 21 e 04*

MARES

PREIA-MAR — **Dia 7** — Às 7 e 05 (3,4 m); 19 e 20 (3,7 m). **Dia 8** — Às 7 e 05 (3,4 m); 19 e 20 (3,7 m). **Dia 9** — Às 8 e 28 (3,2 m); 20 e 20 (3,4 m).

BAIXA-MAR — **Dia 7** — Às 0 e 20 (1,2 m); 12 e 25 (1,3 m). **Dia 8** — À 1 h (1,3 m); 13 e 08 (1,4 m). **Dia 9** — A 1 e 48 (1,4 m); 13 e 55 (1,6 m).

FASES DA LUA

Dia 10 — Dia 18 — Dia 24 — Dia 1

José Nunes da Fonseca

MISSA DO 7.º DIA

O Conselho de Administração do Banco Borges & Irmão participa que será rezada amanhã, às 12.30 horas, na igreja do Sacramento, missa de sufrágio, por alma do seu saudoso Vice-Presidente, Senhor José Nunes da Fonseca, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignem assistir ao piedoso acto.

Há fruta a apodrecer no Mercado Abastecedor

- **O preço de custo baixou de 50 por cento**
- **O público continua a não ter fruta**

A fruta está cada vez mais cara e, consequentemente, come-se cada vez menos.

Há falta de fruta, diz-se, procurando, de certo modo, justificar um encarecimento do produto ou a sua ausência dos mercados.

— Este ano não houve quase fruta. Foi um ano muito mau — afirmou-nos recentemente um responsável da Junta Nacional das Frutas, justificando assim o encarecimento verificado. Não são apenas os intermediários gananciosos que fazem com que a fruta suba de preço, é também a pouca quantidade de existente — disse-nos aquele senhor, cujas palavras reconhecemos estarem bem fundamentadas.

Mas que explicação nos daria hoje se lhe perguntássemos a razão pela qual estão a apodrecer, no Mercado Abastecedor, quilos e quilos de fruta, que apenas dá prejuízo a quem se encarregou da sua produção e venda e que não vai, de modo nenhum, beneficiar uma população para quem a fruta, vai sendo «tabu»?

Decerto que não nos diria, então, que há fruta em excesso...

Se, havendo já pouca fruta para consumo interno esta apodrece, por este ou aquele factor, quantos

(Continua na 19.ª página)

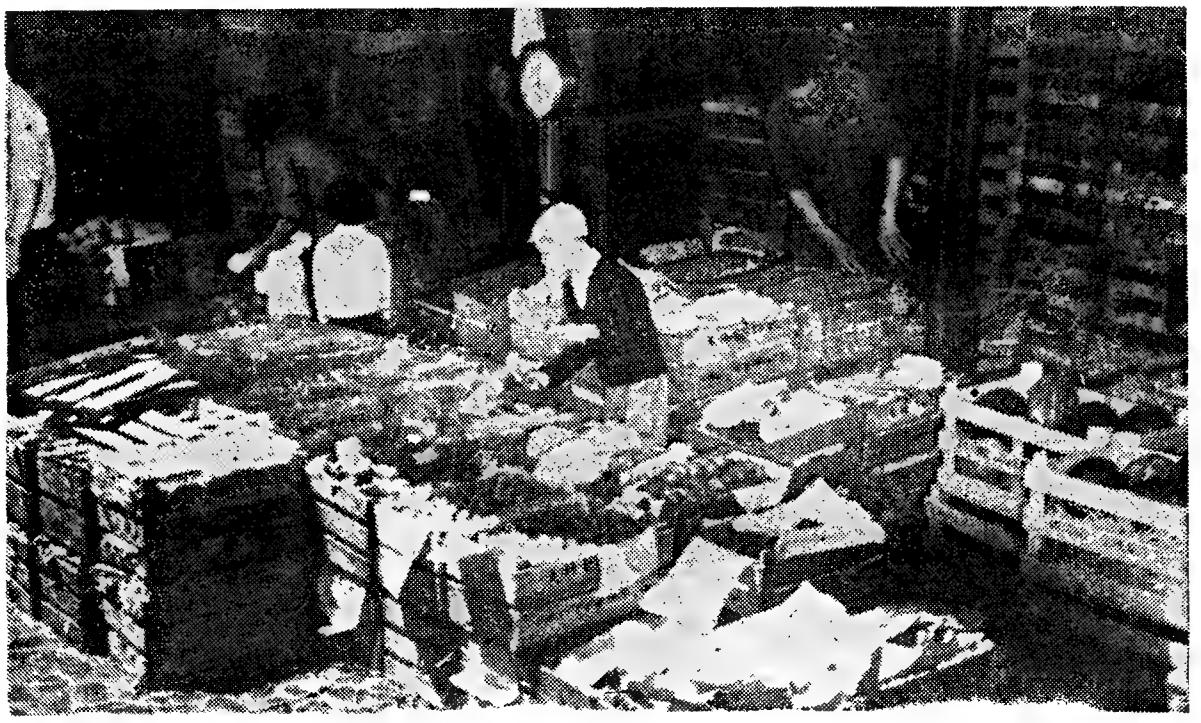
Os preços, «cá fora», continuam proibitivos...

O QUE ENTRA E O QUE SAI DO MERCADO ABASTECEDOR

No dia 5 entraram no Mercado Abastecedor cerca de 12 mil volumes. Venderam-se apenas 7 mil!

Ontem, registaram-se 10 mil entradas, tendo sido vendidas apenas 4 mil. Resultado: 11 mil volumes de fruta apodrecem!

Estes numeros são susceptíveis de ligeira rectificação pois o repórter teve de se valer de um cálculo aproximado a fim de tornear as dificuldades que o carácter «confidencial» destas cifras representou.



Para as crianças, fruta apenas serve para brincar — mas comer é necessidade urgente

hotel CIDADELA

RESTAURANTE-BAR

telefone 28 29 21 — CASCAIS

INSPECTOR DE VENDAS MARKETING

Organização internacional oferece lugar de responsabilidade requerendo domínio de problemas de marketing, larga experiência de vendas. Necessário boa cultura geral, conhecimento de línguas, idade entre 25-35 anos. Enviar «curriculum» detalhado ao n.º 182.

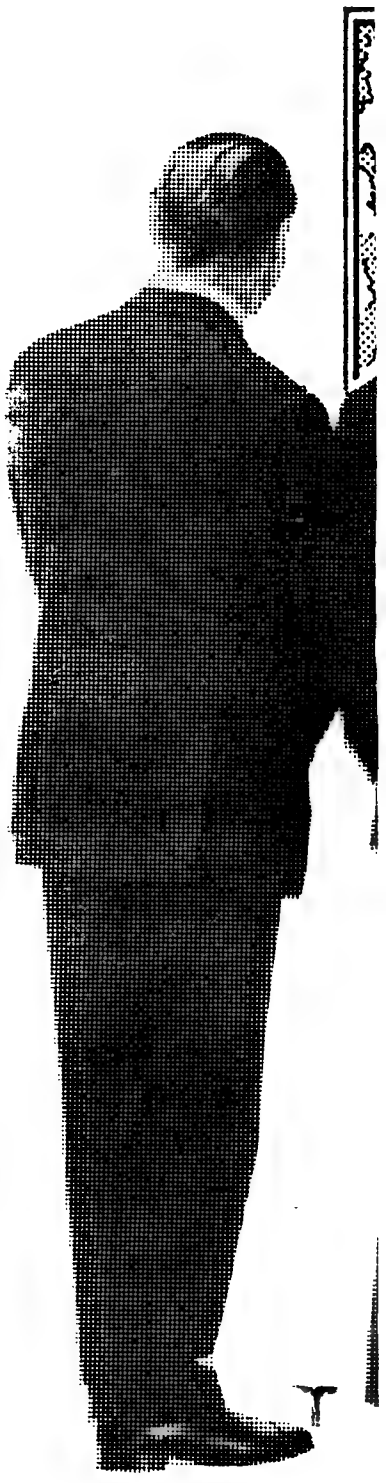
Ourivesaria da GUIA

UM NOME NA OURIVESARIA PORTUGUESA

FUNDADA EM 1870

RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

onde va



Exactamente onde estiver. Em Veneza como em Tóquio, em No Vale, onde quizer tudo quanto uma jóia, uma flor, um perfume jantar...

DIN

TEORIA SOBRE A ANTIGUIDADE DA ILHA DE S. MIGUEL

CONFIRMADA POR ANÁLISES FEITAS EM ESTOCOLMO

PONTA DELGADA, 7 — (Do nosso correspondente). — O jornal «Correio dos Açores» publica hoje uma carta do eng.º José Maria Alvares Cabral, director da secção de Ciências Naturais do museu local, revelando elementos que vêm confirmar a teoria sobre a antiguidade da Ilha de S. Miguel. Segundo análise feita no Laboratório de Datações Radioactivas, de Estocolmo, é do ano de 1485 antes de Cristo a amostra de uma árvore encontrada no túnel de evacuação das águas da Lagoa das Sete Cidades E de 135 anos depois de Cristo a amostra da madeira cujo enterramento se atribui á erupção da caldeira de Santiago, nesta ilha, na mesma zona das Sete Cidades. As investigações foram conduzidas pelo cientista sueco Magnus Fires, que pretende publicar um trabalho sobre o assunto, que confirma a teoria já aventada pelo cientista micaelense coronel Afonso Chaves, defendendo a antiguidade do aparecimento das ilhas dos Açores.

O CINEMA E O FADO — Depois do cinema a ceia... O local escolhido foi a «Varandinha de S. Miguel», em Alfama, onde Amália Rodrigues e Alfredo Marceneiro se encontraram com Mel Ferrer. Satisfeitos, os dois grandes do fado e um grande do cinema deixaram-se fixar para a posteridade. O cinema e o fado deram-se as mãos

Suspensas por um mês as competições hípicas

O hipismo português anda, decididamente, em «maré de pouca sorte», não por incuria dos seus dirigentes ou por falta de interesse dos seus praticantes.

A ultima contrariedade surgida, reside no facto de ter sido determinada uma «quarentena» aos cavalos, determinada pela Direcção Geral dos Serviços Pecuários e sancionada pelo sr. secretário da Agricultura. Segundo julgamos saber não está ainda bem esclarecida a causa do mal que atacou as montadas, que apresentava características de influença, e que parece a caminho de ser debelada.

O certo é que — pelo menos em princípio—, durante o corrente mês não serão autorizados quaisquer certames hípicos. A título de curiosidade, diremos que estavam previstos os Concursos Hípicos de Coimbra (de 9 a 12), de Peniche (de 14 a 17) e de Oeiras (30 e 31).

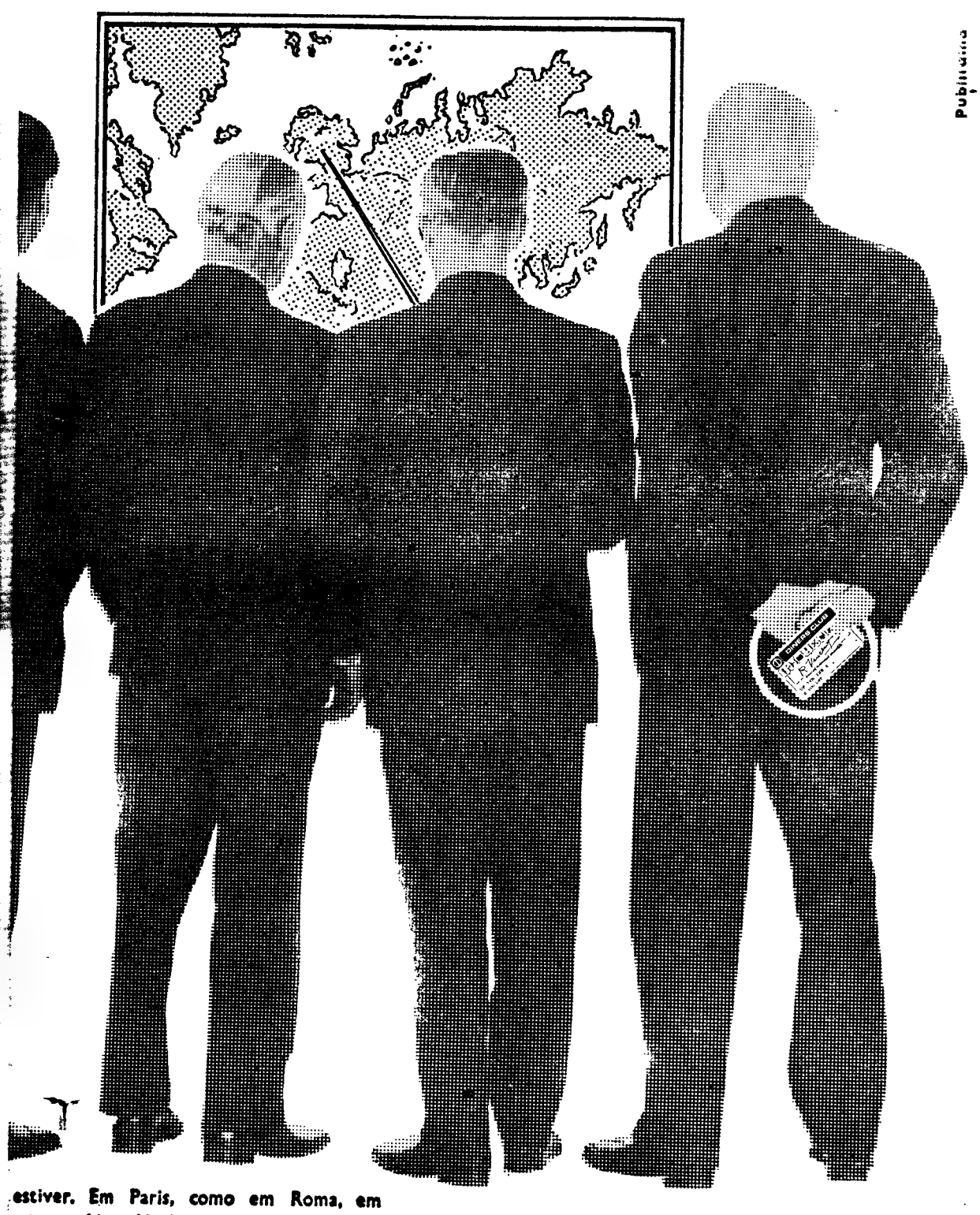
«MOTOR»

O n.º 137 de «Motor», semanário dedicado aos factos e problemas do automobilismo, especialmente o desportivo, mantém o excelente nível a que a publicação se guindou através de uma informação objectiva, sempre actual e gràficamente valorizada A *parte de leão* do numero de hoje cabe, como não podia deixar de ser, ao «Circuito de Montes Claros», com amplas reportagens sobre as diversas provas e uma «caixa» em que se dá conta das atribulações de um vencedor adiado: Manuel Lopes Gião.

Outras reportagens de interesse falam-nos do Grande Prémio da Bélgica (motociclismo), das Jornadas Motonáuticas de Peniche e do Grande Prémio Automóvel da França.

Ainda no que se refere á prova máxima do calendário nacional, anotem-se as sensacionais fotografias dos despistes de Eurico Vilar Gomes e António Madeira.

vale este cartão ?



estiver. Em Paris, como em Roma, em quio, em Nova York como em Joanesburgo. tudo quanto quizer:
um perfume, um modelo, um passeio, um

NERS CLUB
vale onde o fizer valer

ZEBÚ
É sempre prova de carinho dar uma prenda de gosto ás pessoas de amizade
GRANDE OURIVESARIA DA MOD
RUA DA PRATA 257

NA SAPATARIA
ZEBÚ
NÃO PAGA LUXO... PAGA SÓ QUALIDADE
RUA DA ASSUNÇÃO, 51

MERGULHÃO
AS MAIS LINDAS PRATAS
Rua de S. Paulo. 162 ● Telef. 30013

LINHOS
BRANCOS E DE CÔR
CAMBRAIAS DE LINHO
HOLANDAS DE LINHO
LINHOS CRUS PARA APLICAÇÃO DE RENDAS PARA BORDAR A PONTO DE CRUZ
LINHOS PARA FATOS
ESTOPAS DE LINHO
TOALHAS DE LINHO
GUARDANAPOS DE LINHO
TOALHETES DE LINHO
LENÇOS DE LINHO
LINHO PARA ESTOFOS
O MAIOR SORTIDO DE LISBOA
CASA DOS PANOS
R. DE S. JULIÃO-ESQUINA DA R. DOS FANQUEIROS

ZEBÚ

COZINHA ALENTEJANA
Informamos os nossos Ex.mos clientes que inaugurámos o serviço de almoços e jantares no jardim.
Encerra ás 2.as-feiras
Av. do Aeroporto, lote 66 Telefone 72 70 71

A MINI-SAIA BANIDA DOS CORREIOS DE SYDNEY

SYDNEY (Austrália), 7. — (A. N. I.)—A administração dos correios de Sydney proibiu as funcionárias de usarem mini-saias. As telefonistas só poderão voltar ao serviço quando se apresentarem «decentemente vestidas».

Hoje de manhã, o pessoal superior das diferentes repartições dos correios continuou a fiscalizar o comprimento das saias das jovens á entrada e mandou muitas para casa. Lesley Yearsley, uma telefonista de 16 anos, cuja saia terminava mais de 17 centímetros acima do joelho, e que recebeu essa ordem pelo quarto dia consecutivo, disse: «Não me hão-de ditar o que hei-de vestir. Podem despedir-me, mas vou lutar».

Muitas empresas particulares e outras repartições publicas, alarmadas com «a subida vertiginosa das saias», estão a recomendar ás suas empregadas que sejam mais «discretas».

PREVÊ-SE GRAVE CRISE NA O. N. U. SE U THANT NÃO ACEITAR UM NOVO MANDATO

GENEBRA, 7 — (F. P. e R.) — As declarações do secretário-geral das Nações Unidas, que ontem deu a entender não pretender aceitar segundo mandato, são de uma maneira geral comentadas com pessimismo nos corredores do Palácio das Nações, em Genebra.

Sublinha-se, nos meios ocidentais, que a partida de U Thant, apreciado pela sua imparcialidade, honestidade e fidelidade aos seus princípios, viria abrir uma crise grave na O. N. U.. Com efeito, ninguém acredita que o Conselho de Segurança, e principalmente as quatro grandes potências, consigam chegar fácilmente a acordo quanto ao seu sucessor.

A crise seria tanto mais grave, acrescenta-se, quanto a retirada do secretário-geral seria um malogro para a Organização Internacional, de que a responsabilidade recairia sobre as grandes potências: os Estados Unidos, a quem U Thant pode censurar, mais ou menos abertamente, arruinarem os seus esforços pacificadores por persistirem na sua política vietnamiana, e também a U. R. S. S. e a França, que não tem facilitado a sua tarefa recusando-se sistemáticamente a pagar a sua quota-parte na operação do Congo.

A verificar-se, afirmam os referidos meios a partida do secretário-geral da O. N. U. tomaria o carácter de um protesto do Terceiro Mundo, acusando indirectamente de riqueza e egoísmo as grandes potências.

O mandato de cinco anos, para o qual foi eleito após a morte de Dag Hammarskjoeld, expira em 3 de Novembro e a Assembleia-geral e o Conselho de Segurança, agindo conjuntamente, têm a tarefa de nomear um secretário-geral.

Cópias do teor das declarações de Genebra foram procuradas ansiosamente pelos delegados junto da O. N. U. e o assunto provocou discussões sérias nos bastidores e em recepções diplomáticas.

Um íntimo colaborador do secretário-geral disse privadamente que as observações confirmavam a tendência cada vez mais negativa que notara no espírito de U Thant acerca do seu cargo e do futuro provocado em grande parte pelo seu malogro em influenciar acontecimentos internacionais por meio de um curso mais pacífico.

DIA A DIA

Amizade tradicional

CHARLES BOHLEN, embaixador americano em Paris

As cerimónias comemorativas do Dia da Independência dos Estados Unidos tiveram este ano, em França, excepcionais brilho e solenidade. Dir-se-ia que, em contraste com a política oficial, a tradicional amizade das duas pátrias, ligadas por tantos laços de reconhecimento mútuo, se aproveitou a oportunidade para a manifestar, de maneira exuberante, em seguida á visita do general de Gaulle á União Soviética. Do lado americano, o embaixador Charles Bohlen e o general Lemnitzer, comandante - chefe das forças atlânticas; do lado francês, o conde de Chambrun e o secretário-geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Herve Alphand, que deixou da sua passagem pela Embaixada francesa em Washington excelente recordação, falaram em termos calorosos das relações franco-americanas e da necessidade de as cultivar num plano superior ás contingências da hora actual. Os nomes gloriosos de Lafayette e Pershing ressoaram de novo no meio de aclamações populares cuja espontaneidade foi nota predominante.

Chambrun, que pertence a uma das mais ilustres famílias da França, aludiu a Lafayette, seu ascendente, dizendo que «ninguém tem o direito de esquecer a histórica amizade franco-americana». Desfilaram destacamentos militares, foram depostas coroas de flores simbólicas, ouviram-se os hinos nacionais dos dois países tocados por bandas de música aplaudidas. Cannes quis exceder Paris na exteriorização do seu entusiasmo pela amizade franco-americana e não se poupou a tocantes manifestações de saudade e agradecimento, nas quais a História ocupou, naturalmente, o lugar principal. Entretanto, anuncia-se que Bohlen regressa a Washington para ser ouvido pelo presidente Johnson. Se nos lembrarmos das esperanças que suscitou a sua nomeação para o cargo que ocupa, é forçoso reconhecer que a sua missão foi um malogro. Mas poderia ser de outra maneira?

A N. A. S. A. fez explodir no espaço o míssil «Saturno»

CAPE KENNEDY, 7 — (A. N. I. e R.) — A agência do espaço (N.A.S.A.) anunciou a noite passada que o gigantesco missil «Saturno 1-B», pioneiro do impulsionador que levará os homens á Lua, foi destruído num ensaio experimental.

Há, no entanto, quem afirme que foi para evitar a «espionagem russa no espaço» que a N. A. S. A. fez explodir ontem, inesperadamente o satélite que enviara terça-feira para o espaço — o mais pesado corpo até hoje colocado em órbita pelo homem, com as suas 29 toneladas.

A N.A.S.A. anunciara que o «Saturno» ficaria cinco dias em revolução á volta da Terra. Mas poucas horas depois de ter sido anunciada em Moscovo a subida de um «observatório científico», o «Protão 3», com aparelhagem muito avançada, a N.A.S.A. fez explodir o «Saturno».

Aguarda-se que pedaços do míssil entrem na atmosfera terrestre dentro das próximas duas semanas.

GREVES NA IMPRENSA ITALIANA

ROMA, 7. — (F. P.) — Os dois maiores diários locais, o «Messaggero» e o «Tempo», não saíram esta manhã, em consequência de nova série de greves — surpresa do pessoal dos jornais, desencadeada pelas organizações de todas as tendências políticas.

Estas greves, destinadas a apoiar pedidos de aumento de salário, são organizadas de forma a impedir, por duas vezes seguidas, a saída de um ou mais matutinos e vespertinos, nas cidades mais importantes.

Por outro lado, a C. G. T. decidiu uma greve, por 24 horas, do pessoal rolante dos caminhos de ferro, a partir de 16 do corrente, ás 20 horas locais.

SURPRESA EM MOSCOVO PERANTE A ANUNCIADA VISITA DE HAROLD WILSON

MOSCOVO, 7 — (R.) — Os acontecimentos na guerra do Vietnam são considerados como o motivo básico da planeada visita a esta capital, dentro de nove dias, do primeiro-ministro britânico, Harold Wilson.

A comunicação de Londres acerca da visita — que se realiza de 16 a 18 deste mês — apanhou de surpresa diplomatas durante a noite em Moscovo. A Imprensa soviética tem criticado, recentemente, cada vez mais, o apoio do dirigente britânico á política americana no Vietnam e considera a sua atitude contra os bombardeamentos de Hanoi-Haiphong sómente como um compromisso para evitar mais críticas.

VITÓRIA DE WILSON SOBRE A ALA ESQUERDA TRABALHISTA

LONDRES, 7 — (F. P.) — Harold Wilson obteve uma esmagadora vitória sobre os «rebeldes» da sua ala esquerda na reunião do grupo parlamentar trabalhista que decorreu ontem á porta fechada, no palácio de Westminster.

Por 214 votos contra 46, os componentes do grupo parlamentar rejeitaram a moção da ala esquerda pedindo ao Governo para se dessolidarizar não só com os bombardeamentos americanos em Hanoi e em Haiphong, como também de toda a política americana no Vietnam.

Foi morta a tiro a «rainha dos carteiristas»

SÃO PAULO, 7 — (R.) — A «rainha dos carteiristas» do Brasil, que revelou a amigos que ia partir para Londres, a fim de «fazer uma limpeza» durante o próximo campeonato mundial de futebol, foi encontrada morta a tiro nesta cidade — informou hoje a Polícia.

O corpo de Vanda Pereira dos Santos, de 27 anos, foi descoberto, envergando um pijama encarnado e desfigurado por três balas de calibre 32, no jardim da sua luxuosa residência, em São Paulo.

As autoridades disseram que procuravam o seu namorado, de 31 anos — um assassino condenado e evadido — a fim de ser interrogado.

Vanda, que dissera a amigos que seguia para a Europa para arranjar dólares e libras — moeda forte», fora presa pela ultima vez durante o Carnaval deste ano, quando furtava as carteiras de foliões, num pequeno baile.

MORRERAM OS 9 GÉMEOS

DACCA (Paquistão Oriental), 7 — (A. N. I.) — Morreram os nove gémeos que nasceram na pequena aldeia de Punjarat, no Paquistão Oriental, esta semana — anuncia o jornal de língua inglesa «Daily Morning», de Dacca.

INCIDENTE DIPLOMÁTICO POR CAUSA DE UM SELO

WASHINGTON, 7. — (F. P.) — O selo postal de cinco cêntimos que os Estados Unidos tencionam emitir em 30 do corrente, para comemorar o milenário da evangelização da Polónia, levantou um incidente diplomático entre Varsóvia e Washington — indica-se de boa fonte.

O selo mostra uma águia — símbolo tradicional da Polónia — coroada e encimada por uma cruz. As autoridades de Varsóvia teriam indicado que não levantavam objecções á coroa nem á cruz, mas que, em contrapartida, a águia representada é a de «Antes da guerra», e não a águia comunista.

Os círculos oficiais americanos teriam convocado um diplomata polaco para lhe mostrarem que, afora a coroa, não havia qualquer diferença entre as duas aves.

Entretanto, as autoridades de Varsóvia teriam dito que se reservavam o direito de proibir a entrada no país de toda a correspondência com o selo projectado.

Uma primeira série de 115 milhões de exemplares estaria já a ser impressa.

«Divórcio, separação e anulação do casamento»

— tema da palestra do dr. Almeida Ribeiro, na Ordem dos Advogados

(Continuação da 1.ª página)

lação de casamento», tendo-se seguido um vivo e animado debate em que intervieram os srs. drs. José Magalhães Godinho, António Maria Pereira, Fernando Abranches Ferrão, José Carlos de Vasconcelos e Ferreira Gomes.

Pelo excepcional interesse da matéria tratada, e pela forma lúcida, profunda e perspicaz como o sr. dr. Almeida Ribeiro a tratou, não queremos deixar de recolher aqui na íntegra, no essencial, esse importante testemunho. Assim, publicamos hoje a maioria do texto das partes que respeitam ao divórcio e á separação, e amanhã publicaremos o final destas partes e a que se refere á anulação do casamento, assim como um relato do debate com que a sessão terminou.

O sr. dr. Almeida Ribeiro, depois de saudar o bastonário da Ordem, sr. dr. Pedro Pitta, de quem fez o elogio, referindo-se ao papel que ao Instituto da Conferência cabe desempenhar neste momento, prosseguiu:

● Aceitação de críticas é acto de inteligência

Não tem que haver melindres, nem amores-próprios feridos. A aceitação de críticas é acto de inteligência, e essa não falta ao legislador — já porque todos o sabemos, já porque o art. 9.º do Projecto assim no-lo ensina.

Os jurisconsultos que colaboraram na feitura do novo Código podem legitimamente orgulhar-se de terem ajudado a erguer um diploma notável em muitos dos seus aspectos, representando um avanço nas instituições em quase todos os seus capítulos. E legitimamente podem orgulhar-se os ministros que tiveram a ideia de iniciar a reforma, prosseguí-la e concluí-la. Apresentar esta obra ao País encheria de júbilo qualquer estadista, temos de reconhecê-lo sem subserviências. O trabalho desenvolvido para erguer o novo Código foi ingente, minimizá-lo seria injustiça grave, mais agravada ainda por a crítica sair da boca de juristas que não podem nem devem ser facciosos.

O Projecto dá notáveis passos em frente — por exemplo, nos casos da adopção, da investigação de paternidade ilegítima, do regime supletivo de bens no casamento; noutros pontos, avança decididamente, mas não teve coragem de ir mais além, e já faltava pouco — é o caso dos direitos da mulher, que ainda não conseguiu a perfeita igualdade jurídica com os seus irmãos de luta e canseira, que são os homens; e noutros pontos, finalmente, em vez de avançar ao passo europeu hodierno, encetou o passinho, de lado e para trás, do conhecido crustáceo — o caso de aumento de legítima e o caso de limitações ao divórcio.

Quanto a este último, de que me irei ocupar, sinto ter de declarar que o legislador não avançou coisa alguma e recuou, pelo menos, 60 anos, já que se adopta um sistema que nos coloca antes da legislação de 1910, considerada no seu tempo das mais avançadas da Europa. Está na moda dizer-se mal dos homens dessa época, cujo idealismo desinteressado vai sendo esquecido pelas gerações vindouras que se regem por critérios bem mais utilitários, mas não fica mal relembrá-los desta tribuna livre.

Nestes problemas tão delicados, como é a matéria do divórcio, da separação de pessoas e bens e da anulação do casamento, todo o tacto é pouco para uma apreciação desapaixonada dos factos. Eu falo em nome pessoal e não como vogal do Instituto da Conferência e como não sou dos que se julgam extraídos da coxa de Júpiter, como aconteceu a Minerva, deixem-me falar a linguagem do jurista prático.

● A Ordem tem uma só política: a defesa do bom nome e prestígio dos advogados, e a reinvidicação dos seus direitos

Na nossa Ordem não se faz política e nela têm assento todas as opiniões. Bastará atentar na composição, dos seus Conselhos para tal se verificar. A única política que se faz é a do bom nome dos advogados, a defesa do seu prestígio, a reivindicação dos seus direitos. Tudo para bem da Justiça e do Direito. O nosso bastonário tem dito e repetido, em múltiplas ocasiões, que na Ordem dos Advogados a política fica lá fora, e assim tem sido.

Portanto, e muito embora Política «tout court» e Política Legislativa sejam coisas bem distintas, que só espíritos malévolos podem confundir, a apreciação do Projecto do Código, como a Ordem está fazendo, não pode ser acusada de constituir especulação política.

Bem pelo contrário. Quando se realizou no Instituto da Conferência a primeira sessão de trabalhos houve quem dissesse que, discutindo o Projecto, se estava a colaborar com o Governo e a manifestar adesão política ao regime vigente, o que me permitiu responder que se tratava de uma visão deformada das coisas. A Ordem estava a cumprir o seu dever e, mais do que isso, a responder a um convite feito a todos os juristas — e até aos não juristas — do País. O facto de a sua voz vir ou não a ser escutada — e creio firmemente que o será em parte — é problema secundário.

Ora, meus prezados colegas, não se faz política criticando o que parece não estar certo. Mas já se faz política, dizendo «amen» a tudo, numa simples ânsia de agradar sem restrições, chamando apenas a atenção para uma das faces da medalha. E não esqueçamos que são bem melhores amigos aqueles que nos chamam a atenção para os nossos defeitos do que aqueloutros que, por mera lisonja e para não nos ofenderem o amor-próprio, nos ocultam a verdade.

Portanto, nós não fazemos política, mas já a fazem os louvaminhadores incondicionais do Projecto

● Um projecto de Código não é obra de pessoas, mas dum país inteiro

E passando de um plano político para um plano meramente docente, poderá acaso dizer-se que o Projecto constitui o mais formidável momento jurídico de todos os tempos, produto de uma Universidade determinada?

Em primeiro lugar colaboraram nele professores de Faculdades das nossas duas Universidades e o contributo de cada qual não pode estar a medir-se com régua de cálculo milimétrico.

Em segundo lugar um Projecto de um código não é obra de pessoas, mas de um País inteiro. Foram os cidadãos que levantaram muitos dos problemas que ali são contemplados; em livros e artigos doutrinários muitos cultores de direito defenderam institutos que foram adoptados; os nossos juízes preconizaram nos seus arestos algumas das soluções e os advogados muitas vezes inovaram, á custa de indeferimentos sucessivos, vendo a sua persistência coroada, finalmente, com consagração legislativa. A evolução em sociedade das mentalidades também sedimenta os códigos.

Daí que me não pareça bem a irritação de alguns que consideram inqualificável abuso e desmedida petulância esta situação de um grupo de advogados, sem qualificações doutorais, simples práticos do direito, virem ao Instituto da Conferência fazer críticas contra uma obra que representa 22 anos de estudos por eminentes Mestres, monumentalidade jurídica que só poderia provir da monumentalidade criadora de uma Universidade como a de Coimbra...

Mas não temos que olhar a extremos nem dar ouvidos a fábulas. O Projecto vai ser, realmente, um diploma notável, que veio substituir um Código cujos sintomas de senectude eram evidentes, que merece francos, mas não incondicionais, elogios na grande maioria dos seus institutos, revelando o labor e a competência de grandes professores das nossas Faculdades, com soluções de grande alcance umas, outras com medidas altamente moralizadoras, impregnado por vezes de um forte sentido de honestidade nas relações humanas, defendendo a boa fé e a verdade em numerosos pontos, sacrificando por vezes o individual ao social, com os olhos postos na equidade e na realização da justiça material a que todos aspiram. E, ainda por cima, pode considerar-se, afoitamente, como bem escrito, deixando de ter razão de ser as apreensões daqueles que receavam a falta de um Alexandre Herculano na Comissão Revisora, como aconteceu com o Código de 1867.

Mas é, precisamente, em alguns aspectos dos capítulos do direito de família, de que me vou ocupar, que essas qualidades não se revelam. E friso, *em alguns aspectos*, porque na realidade, em muitos outros, mesmo dentro do direito de família, seria injusto menosprezar as inovações e os reais progressos do legislador.

OS FUNDAMENTOS DO DIVÓRCIO: Um progresso em relação à doutrina inadmissível do anteprojecto: o adultério de qualquer dos cônjuges

Uma última prevenção, antes de iniciar as considerações á volta do tema da minha *palestra* — e insisto no termo palestra, que isto de conferências não é para todos. O pouco de tempo que me atribuí não consente citações de doutrina nem de jurisprudência. É que, na tarimba diária dos tribunais, não há como nos agarrarmos á lei.

Resulta do art. 1792.º do Projecto que manda remeter para as alíneas *a*), *b*), *c*) e *d*) do art. 1778.º que apenas em 4 casos é consentido o divórcio litigioso.

O caso da alínea *d*) não oferece dúvidas de qualquer espécie. Prevê como fundamento a condenação definitiva de um dos cônjuges pelo crime de lenocínio praticado contra descendente ou irmã do requerente, ou por homicídio doloso, ainda que não consumado, contra o requerente ou qualquer parente deste na linha recta ou até ao terceiro grau da linha colateral.

O caso da alínea *a*) está, naturalmente, isento de críticas — é o adultério de qualquer dos cônjuges. Mas registe-se que esta nova redacção já representa um progresso em relação aos anteprojectos, que faziam uma espantosa distinção — espelho da mentalidade jurídica de quem a concebeu — entre adultério com escândalo público e adultério simples, isto é, recatado e repercussão restrita, aquele dando lugar ao divórcio e este á simples separação de pessoas e bens. Era um critério de salvar as aparências, um critério de que só um adultério escandaloso é que «parece mal», que o praticado á sucapa sara-se com meios menos drásticos. Felizmente, o bom senso triunfou e a subtil distinção desapareceu na revisão ministerial para só passar a ter interesse histórico.

Mas já o fundamento da alínea *b*), ou sejam «práticas anticoncepcionais ou de aberração sexual exercidas habitualmente e contra a vontade do requerente», merece algumas considerações.

Quanto ás práticas anticoncepcionais todos sabem que está na ordem do dia a sua possível regulamentação, até sob o ponto de vista confessional. A limitação de nascimentos, o «flaming» familiar, não preocupam apenas sociólogos e economistas. Cientistas de todo o Mundo procuram um processo que permita, sem perigo, alcançar-se aquele efeito. Daí que a Igreja Católica, hoje mais do que nunca, servida por Papas de notabilíssima altura intelectual, espiritual e moral, desejosa, ela vive, de se projectar para o futuro e, com espírito moderno e ecuménico, ir ao encontro dos anseios dos seus adeptos e até aos dos adeptos das outras religiões, isto é, indo ao encontro da Humanidade inteira, a Igreja, diziamos está a estudar uma tomada de posição sobre a matéria, e os católicos aguardam ansiosamente esse «mot d'ordre».

Toda a Europa fala — basta ler os jornais e revistas—nas célebres pílulas anticoncepcionais, ao que parece adoptadas já por milhares de pessoas. E tudo inculca que, dentro de pouco tempo, essas práticas sejam correntes no mundo civilizado, com a provável aceitação, mesmo com condições, dos grandes agrupamentos religiosos.

E Portugal é certo, continua a punir-se o aborto pelo Código Penal de 1886, com a pena de 2 a 8 anos de prisão maior, que os nossos tribunais conscienciosamente vão aplicando a uma ou outra parteira menos cauta e á sua clientela de criadas de servir, unica classe que alimenta o banco dos réus.

Mas os problemas anticoncepcionais são mais complicados e um Código que se quer projectar para o Século que vem, precisa de estar atento a essa evolução, que não é despiciente.

Quanto ao outro facto contemplado na já citada alínea b) — práticas de aberração sexual exercidas habitualmente e contra a vontade do requerente — só nos merece reparo o advérbio habitualmente. Se um conjuge submeter o outro a essas condenáveis práticas, uma vez, todos os anos pela Primavera, é evidente a falta de habitualidade e, não obstante, todos concordam em que é reprovável e grave, o exercício duma actividade dessa natureza.

Daí o entender que o advérbio devia desaparecer e, mesmo sem habitualidade, manter-se tal fundamento do divórcio.

Aliás, devemos reconhecer que tal fundamento, mesmo que algumas vezes venha a ser invocado, muito difícilmente pode ser provado. Há que contar com um resto de dignidade dos conjuges, e com a sensibilidade do advogado que tenha de requerer o divórcio, e que será o primeiro, desde que tenha a exacta noção da missão social que desempenha, a desaconselhar ou mesmo a recusar-se a que sejam vertidos para o papel selado esses tristes segredos de alcova.

● Um preceito violento

O fundamento da alínea *c*), ou seja a condenação definitiva de um dos cônjuges em pena de prisão superior a 2 anos, seja qual for a natureza deste, parece-me francamente violento.

Bastará frisar que hoje se pode condenar por pena superior a 2 anos, por um simples crime culposo. E mais: dizendo a lei «qualquer que seja a natureza da pena» parece que o fundamento se aplicará quer a pena seja maior ou correccional, e mesmo que tal pena seja suspensa ou substituida por multa, ou ainda substituida a meio tempo pela liberdade condicional. Numa altura em que um conjuge pode mais precisar da solidariedade do outro, é que a lei serve a este um pretexto para se desembaraçar, o que me não parece bem.

● «O legislador manifesta abertamente a sua animosidade conta o divórcio»

Daqui já se vê, desta penuria de fundamentos, quase todos raros de se produzirem — como são o cometimento de crimes e certas práticas difíceis de provar — que o legislador manifesta a sua aberta animosidade contra o divórcio, práticamente reduzida ao fundamento do adultério, o que me leva a pensar que vai ser extraordinàriamente frequente o conluio ou a simulação processual para se alcançar o divórcio com esse fundamento, uma vez vedado pedi-lo por outros fundamentos.

Mas não apenas nisso essa animosidade se revela. Enquanto se prevê nos art.os 1786 a 1788 a separação por mutuo consentimento, o mesmo não acontece para o divórcio.

Trata-se de uma omissão grave, e tanto mais grave quanto foram reduzidos daquela forma drástica os fundamentos do divórcio. Segue-se que um casal que pretenda divorciar-se e que, pela legislação ainda em vigor, podia evitar o escândalo do litígio, tem fatalmente de recorrer a um fundamento, quase sempre o do adultério, conspurcando inùtilmente a personalidade do outro cônjuge, quando tudo podia ser feito com recato e dignidade através dessa fórmula airosa e decente do divórcio por mútuo consentimento, que o Projecto baniu.

● «Um casal que se deu mal logo nos primeiros tempos de casamento pode ter que aguardar 12 (ou 14) anos para constituir legítimamente nova família»

Mas a má vontade persiste ainda na conversão de separação de pessoas e bens em divórcio, que é possível, de harmonia com o art.º 1793.º do Projecto, mas só ao fim de 5 anos, tempo mais que suficiente, não para os cônjuges se reconciliarem, como ingénuamente pensa o legislador, mas para criarem, cada qual, situações ilegítimas irremediáveis.

E essa separação foi meramente por mutuo consentimento, como só é possível requerê-la ao fim de 5 anos de casados, temos de contar com esses 5, adicioná-los aos 5 necessários para a conversão da separação em divórcio, e mais cerca de 2 para a separação — processo intentado, 1.ª conferência, 1 ano de separação provisória, 2.ª conferência, etc. — para chegarmos a este resultado espantoso quanto a um casal que se deu mal logo nos primeiros meses de casamento e não tem fundamento para pedir o divórcio ou a separação litigiosos. Terá de aguardar 12 anos para poder constituir legítimamente nova família. Parece que isto foi anunciado triunfantemente na TV, mas não podemos conceber que o legislador se compraza com situações destas, fontes inesgotáveis de desespero e vergonha de muitos que têm de lançar-se em situações ilegítimas que a sociedade condena. E se o casamento infeliz se deu tendo um dos conjuges 18 anos, como só depois dos 25 pode requerer a separação por mutuo consentimento, o divórcio só o alcançará, por conversão, 14 anos depois, o que parece absurdo e, até monstruoso.

por muito consentido, o divórcio só este pobre instituto que havia sido saudado em 1910 como um enorme passo em frente mas que hoje tão vilipendiado é por certos sectores, ainda não fica por aqui.

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os
COMBOIOS ELÉCTRICOS

Ficou sem 60 contos pelo processo do «conto do vigário»

O operário de laminagem Virgílio do Nascimento Neves, de 30 anos, natural de Albufeira, regressou há pouco da Alemanha, onde esteve a trabalhar vários meses. E dois indivíduos, pelo processo do «conto do vigário», apanharam-lhe marcos no valor de 60 contos.

Queixou-se á Polícia Judiciária, e tendo-lhe sido apresentadas fotografias dos vigaristas cadastrados, declarou parecer-lhe que uma delas correspondia a um dos autores da proeza, pelo que este está a ser procurado.

Acto de variedades no Dafundo para aquisição de uma ambulância

No cinema Stadium Algés e Dafundo, realiza-se hoje, pelas 21 e 30, um acto de variedades promovido pela corporação dos Bombeiros Voluntários do Dafundo. O produto reverte a favor da aquisição de uma nova ambulância. Colaboram vários locutores e artistas da E. N. e da R. T. P., como Mara Abrantes, Gina Maria, Filipe de Brito, Fernando Correia, João Vasco Mora, o Trio Guadiana, Ana Hortense, Clara Sarmento, Vítor Manuel, Luísa Maria e o conjunto San Remo.

OS EXAMES NOS LICEUS E NAS ESCOLAS TÉCNICAS

Ensino Liceal

2.º ciclo — 2.ª chamada

PROVA ESCRITA DE HISTÓRIA

I

Procure responder, com exactidão e clareza, às 10 perguntas seguintes:

1 — No decurso do longo período da pré-história ocorreram importantes transformações no modo de vida do homem.

Como se distingue o período paleolítico do neolítico?

2 — Por várias razões, os Gregos não conseguiram unificar-se, politicamente, num só Estado.

Que era uma cidade-estado grega?

3 — No estabelecimento do regime feudal, desempenhou papel fundamental a expansão árabe no Mediterrâneo (século IX).

De que modo o monopólio marítimo-comercial dos Árabes no Mediterrâneo (século IX) contribuiu para o estabelecimento do regime feudal?

4 — Nas cortes portuguesas que, de algum modo, limitavam o poder régio, as classes sociais faziam ouvir os seus pontos de vista e apresentavam reclamações ao poder soberano.

Em que reside a importância das Cortes de Leiria de 1254?

5 — A partir do século XIII, a evolução da política inglesa operou-se num sentido oposto ao dos restantes países europeus; enquanto estes caminhavam para a centralização do poder, os Ingleses preferiam a descentralização.

Quais as principais disposições da «Magna Carta Libertatum» (1215)?

6 — Nos fins do século XV, Portugal e Espanha chegaram a acordo quanto à delimitação das suas zonas de influência do Mundo.

Que estabelecia o tratado de Tordesilhas (1494)?

7 — Os *bandeirantes* exploraram o imenso Brasil até aos seus confins.

Quais os objectivos dos bandeirantes na exploração territorial brasileira?

8 — No século XVII, os Estados europeus procuraram orientar a sua política económica de acordo com as doutrinas mercantilistas.

Quais as características fundamentais do mercantilismo?

9 — As invasões francesas de Portugal (1807 a 1810) tiveram importantes consequências, entre as quais a transferência do rei e da Corte para o Brasil.

Que pretendeu D. João VI ao transferir-se com a Corte para o Brasil?

10 — Perdido o Brasil, que se tornara independente em 1822, Portugal procurará desenvolver e valorizar as suas possessões ultramarinas africanas.

Quais os aspectos fundamentais da política ultramarina de Sá da Bandeira?

II

Escolha um — um só — dos dois temas que, a seguir, se indicam e prepare-se para DESENVOLVÊ-LO, tendo em vista: 1) mostrar, ordenadamente, o que sabe sobre a matéria em questão; 2) redigir em linguagem correcta e clara.

1.º TEMA

Desenvolvimento do poder real em Portugal

D. João II, após ser aclamado rei de Portugal (1481), exigiu que os alcaides dos castelos lhe prestassem a seguinte menagem:

«Fulano... vos faço preito, e menagem pelo vosso castelo, e fortaleza (de...), de que me ora novamente encarregais, e dais cargo que a tenha, e guarde por vós, e vos acolherei no alto, e no baixo dela, de noite, e de dia, e a quaisquer horas e tempo que seja, irado, e pegado com poucos, e com muitos, vindo em vosso livre poder [...]. E o não entregarei a alguma pessoa de qualquer estado, grau, dignidade ou preeminência que seja senão a vós, meu Senhor, ou a vosso certo recado» (Rui de Pina, *Crónica de El-Rei D. João II*).

Leu com atenção esse documento? Pois bem *mostre* agora *tudo quanto sabe* acerca do que, a seguir, se pede:

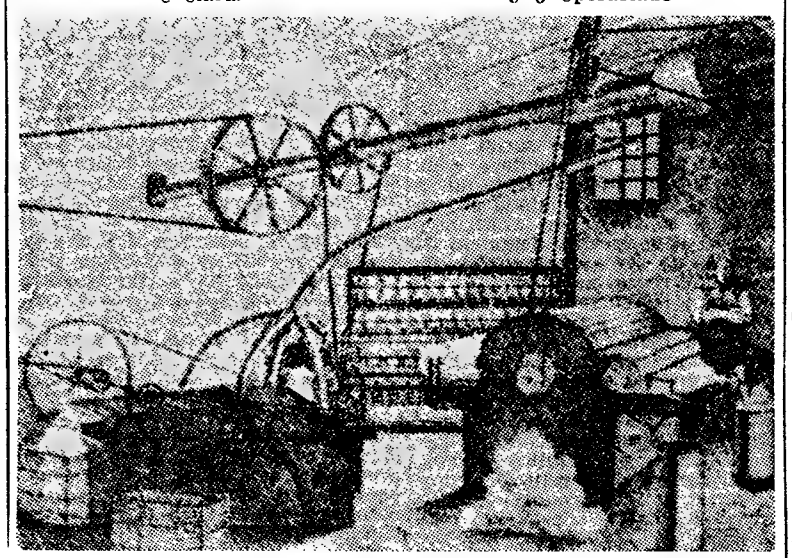
1) *Progressos do desenvolvimento do poder real, antes de D. João II:* que estabelecia a «Lei Mental»?; qual o significado da batalha de Alfarrobeira?

2) *Que pretendia D. João II com a exigência de menagem, anteriormente transcrita?* (Utilize o documento).

3) *Acção de D. João II e de D. Manuel I:* actuação de D. João II; a reforma dos forais de D. Manuel I.

2.º TEMA

O industrialismo, o capitalismo e o operariado



Na gravura reproduzida acima, ilustra-se um aspecto da industrialização da fiação no século XIX. Observe-a com atenção; considere a complexidade das operações efectuadas e o número de operários que elas exigem... E *explique:*

1) *Como se distingue uma fábrica contemporânea de uma oficina medieval no respeitante aos maquinismos e ao trabalho braçal?*

2) *Os grandes inventos técnicos e o industrialismo:* quais foram os grandes inventos técnicos que levaram ao industrialismo nos séculos XVIII e XIX?; que países se industrializaram primeiro?

3) *Consequências do industrialismo:* o capitalismo industrial; o operariado.

PROVA ESCRITA DE INGLÊS

Read the following text carefully, but do **not** *translate it.*

This morning I went for a walk along the shore and pocked up some more shells for my collection, which I will show you when I get home. The tide was coming in, and the waves broke over the pebbles, leaving a long line of white foam as they withdrew. Along the horizon I saw many sailing-ships and one steamer. There were also several small boats in the offing. I learnt the word «offing» from an old fisherman who was mending his nets on the beach. It means the part of the sea which lies immediately outside the harbour and within sight of the land.

I shall look it up in my dictionary when I get home. That is one of the disadvantages of being in lodgings, you have not your books with you.

I climbed up the rigging of a small vessel which was moored near the quay, but I should not like to do so when the boat is pitching and tossing on the open sea.

I) *Answer these questions* **in complete sentences:**

1) What hobby do you think the writer of this passage has?

2) When can you see a line of white foam on the shore?

3) What is a fisherman?

4) Why is the writer going to look up the word «offing» in his dictionary?

5) What is perhaps the only advantage of living in lodgings?

6) What might happen if the writer climbed up the rigging of the boat on the open sea?

7) Try to give the meaning of the proverb «Time and tide wait for no man».

II) *Translate into Portuguese:*

I'm sorry to say that I've had an accident with my yacht, which ran against a rock yesterday and broke her ruddler. The keel was also slightly damaged, but there is no leak.

Fortunately, I shall be able to mend it in time for the races, which come off on Thursday week.

Have you already done your piece of holiday translation?

I keep putting it off from day to day, but I suppose it must be done.

III) *Turn into English:*

a) As férias são necessárias não só para repousar mas também, às vezes, para ler alguns livros atraentes e instrutivos.

b) As crianças gostam mais da praia que do campo. Na praia, passam o tempo a brincar na areia, a apanhar conchas, a construir castelos.

As que ainda não sabem nadar, entretêm-se a chapinhar na água todas as manhãs.

c) O ar tonificante do mar faz-lhes bem. Quanto mais tempo estiverem na praia, tanto melhor para a sua saúde.

Adquirem, assim, novas energias para recomeçarem o estudo no ano lectivo seguinte.

IV) *Write a short composition* (about 15 lines) *under the title «My Summer holidays», using the following points:*

a) where you spend them;
b) the people you meet;
c) your favourite entertainment.

Ensino Técnico Profissional

Cursos de formação comercial
Curso de formação feminina
(1.ª chamada)

PORTUGUÊS

TEXTO

Na azinheira, a águia ia de ramo em ramo, soltando a cada investigação inútil, o seu grito melancólico.

...Toda a noite o ouvira, ora perto ou distante, sempre com uma nota de ira impotente e suplicação desprezada, na tenebrosa calada do matagal. Fui para a lucarna, instintivamente atraído, à escuta. Era um grito intermitente, primeiro muito fraco e repetido, como de alguém a gemer — gri! gri! gri! —; após, sùbitamente, essa voz dilatava-se, enrouquecida, fazendo quase um bramido. Uma mulher não expressaria melhor a angústia, o desespero e a morte.

Nas moradas dos ninhos, entre decorações de folhagens e carícias de poética doçura, as famílias de pássaros, de melros, de pintassilgos, rolas e poupas, chilreavam felizes e singelas, deslumbradas na irradiação do céu.

Só ela, a águia, ia chamando embalde pelos seus, através da vastidão do éter, em que a vibração luminosa ondulava.

Com os olhos alongados, via-a rastejar à flor do solo, pelas chapadas e penhascos, extenuada e rouca.

— Coitadinha! dizia eu comovido. Coitadinha!...

Então fiquei entorpecido num constrangimento profundo e singular, que nunca tinha experimentado. Sentia na goela o embaraço inexprimível, que é nas crianças o prólogo do choro soluçante e inconsolável, sob que a alma germina em bons impulsos e leais dedicações, como na terra se abrem as flores primaveris, sob o influxo das primeiras chuvas.

Antes que viessem surpreender-me corri a vestir-me, e resoluto, os olhos cheios de lágrimas e a corda à cintura, voltei a buscar depois as àguiazinhas.

(*Fialho de Almeida* — Contos)

I

Interpretação

O rapazito de que fala o texto subiu a uma azinheira e roubou as àguiazinhas que aí se encontravam num ninho. Quando a águia regressou, encontrou o ninho deserto.

Releia o texto com atenção e responda depois às seguintes perguntas:

1) De que modo exprimiu a águia

(Continua na página seguinte)

EXTERNATO CRISFAL

ADMISSÃO:
INSTITUTOS
FACULDADES

AV. REPÚBLICA, 83
TEL. 750047

ADMISSÃO INSTITUTOS | INDUSTRIAL COMERCIAL

organizados por | **EXTERNATO TÉCNICO PITÁGORAS**

com a colaboração da EDITORIAL DIVUL
CURSOS POR CORRESPONDÊNCIA
A iniciar no dia 15 de Outubro
Inscrições provisórias: R. Conde Redondo, 56 - 1.º, Esq.º — LISBOA

EXTERNATO SÁ DE MIRANDA
LICEAL E PRIMÁRIO
R. Alexandre Braga, 17 (à Estefânia) Telefs. 45310 e 537532
Inscrições durante o mês de Julho, para os antigos alunos
Para novos alunos, a partir de 1 de Agosto

EMISSORA NACIONAL DE RADIODIFUSÃO

PAGAMENTO DE TAXAS

Previnem-se os possuidores de licenças anuais de radiodifusão sonora ou de televisão terminadas em 5 (cinco) e semestrais terminadas em 0 (zero) ou 1 (um), de que devem pagar as taxas durante o corrente mês de Julho.

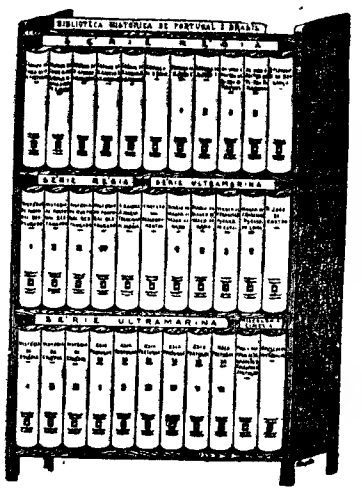
Estas taxas podem ainda ser pagas, voluntàriamente, acrescidas do valor da multa e dos respectivos adicionais, de 1 a 31 de Agosto. Findo este prazo e por imposição da lei serão cobradas através dos Tribunais das Execuções Fiscais.

AVISAM-SE, TAMBÉM, OS SRS. SUBSCRITORES QUE PROCEDAM AO PAGAMENTO DAS SUAS TAXAS POR MEIO DE VALE DE CORREIO, DE QUE A EMISSORA NACIONAL SE VÊ FORÇADA A RECUSAR TODOS OS VALES QUE NÃO MENCIONEM O RESPECTIVO NÚMERO DE LICENÇA.

CRÓNICA DE D. FERNANDO

DE **FERNÃO LOPES**
Com uma introdução do Professor SALVADOR DIAS ARNAUT

Está à venda mais um volume da **BIBLIOTECA HISTÓRICA DE PORTUGAL E BRASIL**, cuja publicação prossegue sob a direcção do Professor DAMIÃO PERES. Preço na tiragem vulgar: 80$00.



— * —

Biblioteca Histórica de Portugal e Brasil

Desta notabilíssima colecção estão à venda 28 volumes

Todas as obras são valorizadas por minuciosos índices onomásticos, tendo na tiragem vulgar o formato 22 × 15 e na tiragem especial 26 × 18 cm. Cada volume da tiragem especial — 150$00

— * —

O interessado deverá solicitar um impresso-proposta à

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO — PORTO
ou à FILIAL EM LISBOA
AV. ALMIRANTE REIS, 102, R/C. DTO — LISBOA-1

RECORTAR ESTE CUPÃO E REMETER À
LIVRARIA CIVILIZAÇÃO
Rua Alberto Aires Gouveia, 27
PORTO

(B H) Agradeço me enviem um impresso-proposta para aquisição na modalidade de PAGAMENTOS SUAVES e lista das obras desta Colecção:

NOME (Bem legível) .....
.....
ENDEREÇO .....
.....

OS EXAMES DO ENSINO TÉCNICO PROFISSIONAL

(Continuação da página anterior)

a sua dor quando viu que lhe tinham roubado os filhos?

Documente as suas afirmações com passos do texto.

2) Sentimentos profundos dominaram o rapazito perante o sofrimento da águia.

a) Que sentimentos foram esses?
b) E a que resolução o teriam levado?

3) O autor refere-se à influência benéfica das primeiras chuvas, no desabrochar das flores primaveris, para fazer uma comparação.

Diga em que consiste essa comparação.

4) Qual dos sofrimentos, o da águia ou o do rapazito que roubou o ninho, mais impressionou o examinando?

Justifique a sua resposta com clareza e sinceridade.

II

A palavra

1) Como reparou, o texto é rico de adjectivação

Dentre os muitos adjectivos que nele se encontram, atente nos seguintes:

«melancólico»
«fraco»
«leais»

a) Que substantivos qualificam?
b) Que qualidades lhes atribuem?
c) Substitua-os por sinónimos.

2) Procure no texto uma palavra composta, outra derivada, e ainda uma que seja simultâneamente composta e derivada.

Decomponha-as nos seus elementos de formação e indique o significado dos respectivos afixos.

3):

a) «que eu nunca tinha experimentado»
b) «que nunca tinha sido experimentado por mim»
c) «que eu estava experimentando pela primeira vez»

Nestas expressões encontra a mesma ideia expressa de três maneiras diferentes.

De que tipos de conjugação se trata?

III

A frase

1) «Antes que viessem surpreender-me, corri a vestir-me».

a) Separe as orações deste período e transcreva-as.

b) Como as classifica?

2) «Sentia na goela um embaraço *inexprimível*».

a) Classifique sintàcticamente a palavra em tipo diferente.

b) Se bem reparar, pode transformar este adjectivo numa oração subordinada de sentido idêntico.

Escreva-a então e classifique-a.

3) «Uma mulher não expressaria melhor a angústia, o desespero e a morte».

Escreva esta frase na voz passiva.

IV

Literatura

1) O autor do texto, Fialho de Almeida, viveu nos fins do século XIX e foi um contista notável.

Como sabe, este escritor pertence à chamada «Escola Realista».

a) Qual foi o principal representante deste movimento literário e quais as obras mais importantes que escreveu?

b) Refira-se sucintamente a uma delas—romance, conto ou, pelo menos, quaisquer trechos lidos em Antologia.

2) De toda a Literatura Portuguesa, qual foi o poeta que mais apreciou?

Indique a época literária em que viveu e as características fundamentais da sua obra.

V

Redacção

Só para as alunas do curso de formação feminina

Recorda-se neste texto um triste episódio de infância.

Quem não terá também, para contar, uma recordação, alegre ou dolorosa, que jamais se lhe apagará da memória?

Tente pois a examinanda lembrar-se da sua infância e narre um episódio que nela tenha ocorrido.

Pode, é claro, contar um facto vivido por si ou apenas qualquer outro de que fosse testemunha e a tivesse comovido ou simplesmente atraído a sua atenção.

V

Correspondência comercial

Só para os alunos do curso geral de comércio

A dolorosa experiência vivida pelo rapazinho da história fez despertar nele os bons sentimentos que lhe garantirão, de futuro, uma conduta generosa e recta.

Esta será sempre, na profissão que escolher, a sua melhor carta de recomendação.

Também nós encontramos, muitas vezes, pessoas cuja vida é um exemplo a seguir.

E é sempre tão agradável poder dizer bem — e só o bem! — daqueles que nos rodeiam..

Ora imagine o examinando que é, por exemplo, gerente de uma grande firma comercial.

Tem à sua volta muitos empregados de temperamentos e condutas diferentes. Um deles, o Sr. Júlio Rodrigues, óptimo empregado, saiu da sua firma por determinadas razões e procurou emprego numa outra.

São-lhe pedidas informações e o examinando, como gerente, vai fornecê-las.

Não se esqueça de explicar o motivo da saída do empregado, exaltar as suas qualidades humanas, capacidade de trabalho, etc.

O nome das firmas será da invenção do examinando.

SOLUÇÃO

I

Interpretação

1) A águia exprimiu a sua dor de um modo humano (uma mulher não expressaria melhor a angústia, o desespero e a morte): ela saltava gritando angustiada (...ia de ramo em ramo, soltando a cada investigação inútil o seu grito melancólico) até (...rastejar à flor do solo, pelas chapadas e penhascos, extenuada e rouca), exausta e sem esperança.

2) a) Os sentimentos que dominaram o rapazito foram os seguintes: o da curiosidade inquieta com que o instinto o alertou; em seguida pena, e da pena passou à comunhão comovida com a dor da águia; depois um constrangimento que até então nunca havia experimentado (que é nas crianças o prólogo do choro soluçante e inconsolável) e que seria nele o acordar do seu remorso, culminando no desejo de acção, acção reparadora.

b) Tê-lo-iam levado a ir buscar as águiazinhas e a repô-las junto da pobre mãe angustiada.

3) Assim como a terra seca recebe as primeiras chuvas da Primavera e se desentranha em flores, assim nas crianças (e nos adultos, porque não?) o choro é, muitas vezes, uma chuva que lhes desvela os sentimentos mais puros e recónditos.

O choro para este rapazinho foi essa tal chuva primaveril que lhe fez entender a tragédia da mãe águia, todo o mal que ele, inconscientemente, lhe havia causado.

4) Esta resposta é, evidentemente, de natureza subjectiva. Uma mãe colocar-se-ia mais no plano da águia (e no do rapazito também, quem sabe?). Um rapaz ou uma rapariga colocar-se-iam mais no plano do rapazito.

Situado no segundo plano viveria a situação do rapaz sujeito a um erro e ao seu remorso—talvez para mim pior do que a dor pura da mãe porque o remorso enegrece a dor.

II

A palavra

1) a) Grito — melancólico
grito — fraco
dedicações — leais

b) melancólico — *melancolia*,
fraco — *fraqueza*
leais — *lealdade*

c) *Melancólico* — triste,
fraco — débil.
leais — firmes

2) *inútil* — composta pelo prefixo *in* que indica negação e o radical *útil*;

azinheira — derivada de azinho e o sufixo *eira* que, neste caso, indica árvore;

enrouquecida — composta e derivada: prefixo *en* que indica mudança e o sufixo verbal *ecer* que indica mudança de estado.

3) a) Composta na voz activa

b) Composta na voz passiva

c) perifrástica activa

III

A frase

1) Antes que viessem surpreender-me /, corri a vestir-me /.

2) Subordinada conjuncional temporal e principal.

a) Atributo ou acessório

b) que não conseguia exprimir.
É uma oração subordinada relativa e adjectiva.

3) A angústia, o desespero e a morte não seriam mais bem expressos por uma mulher.

IV

Literatura

a) O principal representante deste movimento literário foi Eça de Queiroz.

As suas principais obras são: «A Ilustre Casa de Ramires», «A Cidade e as Serras», «Os Maias», «A Relíquia», «O Crime do Padre Amaro», «O Primo Basílio», os «Contos», as «Cartas de Inglaterra», as «Prosas Bárbaras», as «Últimas Páginas», etc.

b) Resposta de natureza subjectiva

2) Idem.

COMENTÁRIO — Ponto excepcional, realizado com cabeça e coração. E estas duas palavras são iguais a outras duas: pedagogia autêntica.

Texto muito bem escolhido, sua exploração humaníssima, fecunda e equilibrada.

Há um pequeno senão a opor: Porque não indicar as linhas onde se encontram os adjectivos para evitar pesquisas morosas e perturbadoras?

E duas considerações, estas alheias ao ponto em si:

A redacção para os alunos do Curos Geral de Comércio porque subordiná-la sempre a uma carta comercial que, por o ser, obedece a fórmulas incompatíveis com a livre expressão? (Note-se: a deste ponto pretende renovar o tema).

E porque insistir na disposição gráfica do texto e espaço para resposta tão pouco certa?

Mas calemos agora estas questões para falar só da nossa alegria.

Ficamos felizes com o aparecimento de um ponto assim: sereno, fundo, puro, humilde até na sua beleza sem alardes. Um ponto digno da juventude, em suma.

Até a gramática nele se humanizou...

EXAMES PARA AMANHÃ

Ensino Liceal

2.º ciclo — 2.ª chamada

Geografia — 9 horas
(90 minutos)
Desenho Geométrico ou **Composição Decorativa** — 11 horas
(120 minutos)

Ensino Técnico

Ciclo Preparatório
(2.ª chamada)

Língua e História Pátria—9 horas
(90 minutos)
(Pode utilizar dicionário)
Ciências Geográfico-Naturais
11 horas
(90 minutos)
Da matéria dos programas não versados nas aulas deve-se fazer a correspondente declaração no ponto não se apondo a assinatura).

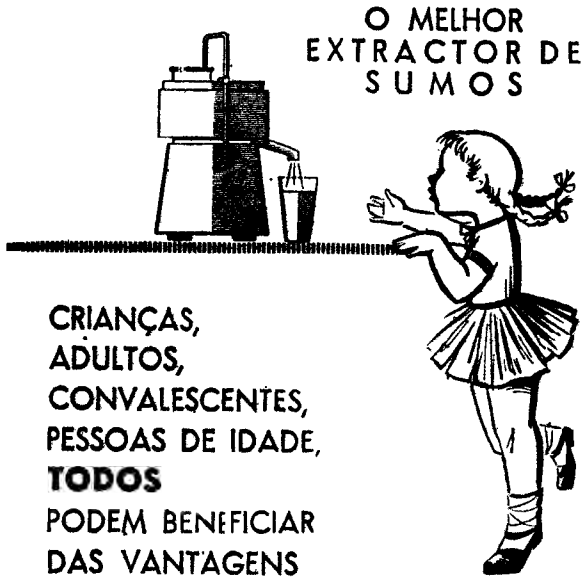
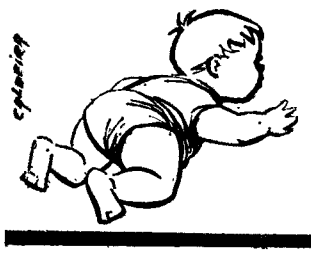
Cursos industriais
(2.ª chamada)

Matemática — 9 horas
(90 minutos)

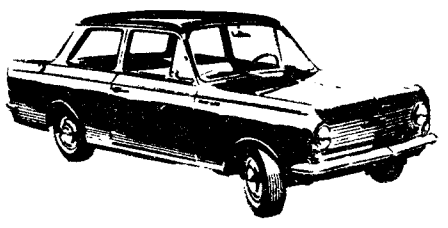
Cursos de formação comercial
(2.ª chamada)

Inglês — 10 horas
(90 minutos)

Externato D. Duarte
LICEAL: C. de Férias
Início 1 de Julho
ADM.: Inst. e Facul.
Av. Alvares Cabral, 32-2.º, Dt.º (ao Rato) Tel. 687129

MULTIPRESS BRAUN
O MELHOR EXTRACTOR DE SUMOS

CRIANÇAS, ADULTOS, CONVALESCENTES, PESSOAS DE IDADE, TODOS PODEM BENEFICIAR DAS VANTAGENS DOS SUMOS NATURAIS DE FRUTOS

MULTIPRESS
À VENDA NAS BOAS CASAS
REPRESENTANTES
RÁDIO INDÚSTRIAS, LDA.
Lisboa
No Porto: RÁDIO ATLÂNTICA

EXTERNATO TÉCNICO PITÁGORAS
Alvará do MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL para
ADMISSÃO INSTITUTOS | INDUSTRIAL COMERCIAL
NOVAS TURMAS EM ORGANIZAÇÃO
INSCRIÇÕES: R. Conde Redondo, 56 1.º Esq.º — T. 1. 536380

PERFEITO EM TODA A LINHA

viva VAUXHALL
EXPERIMENTE AS VANTAGENS DO MODELO 1966
IDEAL PARA AS SUAS FÉRIAS — Esc. 39 832$00 (Taxas incluídas)
AUTO-INDUSTRIAL
LISBOA Av. Duque de Loulé, 93 Tel. 538956-COIMBRA-LEIRIA
GM PORTUGAL

Marítimo atropelado mortalmente em Vila Real de Santo António

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, 7 — Um automóvel conduzido pelo sr. António da Paz Santos Pires, de 20 anos, solteiro, natural de Tavira, funcionário do Tribunal desta vila, colheu, esta madrugada, á entrada de Monte Gordo, o marítimo sr. Armando Pires Ferragudo, de 40 anos, solteiro, residente na Aldeia Nova, deste concelho, o qual ficou muito ferido. Conduzido ao hospital desta vila, seguiu, de ambulância, com destino ao de Faro, mas faleceu no caminho, pelo que o corpo deu entrada na casa mortuária do hospital desta vila.

Confraternização dos naturais de Espariz e Sinde

São frequentes e de feliz oportunidade as iniciativas análogas ás que os naturais das lindas freguesias de Espariz e de Sinde vão realizar no próximo dia 17 do corrente um almoço de confraternização.

Como objectivos principais e dominantes deste feliz encontro entre tantos conterrâneos das duas freguesias sobressaem: um desejo de convívio — para saudosa recorda de tempos passados — e o ponto de partida para a concretização de uma velha e justa aspiração, a construção da estrada Espariz-Sinde.

A comissão encarregada da elaboração deste almoço não se tem alheado a esforços e canseiras para reunir o maior numero possível de conterrâneos e amigos.

Tudo se conjuga para uma jornada de feliz convívio e sã amizade.

Os interessados devem entrar em contacto com o sr. António da Costa Fonseca, Rua Alves Torgo, 19, telefone 51 269.

UM PEQUENO IATE LARGOU DOS AÇORES PARA LISBOA

PONTA DELGADA, 7 — *(Do nosso correspondente)* — Largou esta noite, deste porto, com rumo a Lisboa, um pequeno iate de recreio «Flor do Mar», apenas com três tripulantes: o seu proprietário, capitetão-tenente Vítor Conceição Vitorino, imediato do navio-escola «Sagres», acompanhado pelo comandante Sequeira e pelo desportista açoriano António Manuel Coutinho.

O «Flor do Mar» foi construido nesta cidade, com madeiras micaelenses, segundo as técnicas modernas Mede sete metros e sessenta de comprimento e desloca três toneladas.

NOVO DELEGADO NO BARREIRO

BARREIRO, 6 — Por ter sido promovido e colocado na comarca do Porto o delegado do Procurador da República nesta vila, sr. dr. José Pereira da Graça, foi nomeado para preencher o seu lugar o sr. dr. Manuel Pereira, que exercia idênticas funções em Alcobaça. A tomada de posse está marcada para a próxima semana.

CADEIRAS PARA PLATEIA

Casa do povo ou Sociedade, em ferro e mad. Ver Teatro Variedades.

motor SAI AS 5.as FEIRAS

BRASIL PARA PRINCIPIANTES

(Continuação da 1.ª página)

bochado, mentiroso de mau gosto e «estrangeiro» no sentido pejorativo da palavra (...). Confesso que passei alguns dias desagradáveis — prossegue. — Senti-me isolado e abandonado, e sofri uma pequena desilusão.»

E, depois de se interrogar: «Teria eu me enganado?», reconhece: «Em poucas semanas percebi que não me enganara. A nata dos intelectuais brasileiros, escritores, teatrólogos e críticos, resolveu ler e, acto contínuo, defender e recomendar o «Brasil para principiantes». Com efeito, houve espíritos superiores. dos que respeitam acima de tudo a liberdade do escritor, que não deixaram de sorrir e de se mostrar compreensivos. E á indignação das primeiras horas seguiu-se um movimento de apreço pela obra e de simpatia pelo autor.

*

Peter Kellemen, ou o seu compatriota que se oculta sob esse pseudónimo, começa por se apresentar num consulado brasileiro do seu país com o propósito de obter um visto de emigrante. E, ao ser interrogado acerca da sua profissão, responde, naturalmente, com a verdade:

«— Médico.

«— Pretende exercer a profissão no Brasil?» — pergunta-lhe o cônsul.

«— Não sei... — responde ele — talvez com o tempo... não conheço a língua.»

E, com grande espanto seu, o cônsul decide sem mais considerações:

«— Então, em lugar de médico, vamos colocar: agrónomo. Assim posso fornecer o visto imediatamente. Sabe como são essas coisas, não? Quotas de profissões, instruções confidenciais do departamento de imigração, besteiras... sem importancia. Em todo caso, assim ficará cem por cento dentro das normas legais.»

O zeloso funcionário não quis obrigar o candidato a emigrante a prestar uma declaração falsa, mas simplesmente facilitar-lhe a vida — «dar um jeito», como se diz no Brasil. Precisava ainda de um atestado de vacina. O médico a quem se dirigiu, um francês já de certa idade que tinha vivido vinte anos no Brasil, aconselhou-o a que não se vacinasse... e passou-lhe o atestado. Ao mesmo tempo, foi-o elucidando acerca da vida no Brasil: «O ambiente, o clima, as pessoas serão para você, no início, como o cigarro para quem nunca fumou: começa dando tonteira, tosse, falta de ar... mas depois tudo se transforma. Será um prazer constante. Você vai adorar tudo. Mas é preciso que siga o meu conselho: prepare-se, para aprender, desde já duas línguas.»

«— Duas?

«— Sim. O português, que é o idioma que se fala no Brasil. E depois... o código secreto.»

Pelo atestado cobrou-lhe quatro mil e novecentos francos e cem pelos conselhos que lhe deu. «Nunca mais vi o velho. E nunca tirei tanto proveito de cem francos.»

O nosso homem começou por ter dificuldade para obter uma passagem de avião. Todas as companhias tinham os lugares tomados. Um comissário de voo, que conheceu por intermédio do porteiro do consulado, ofereceu-se, então, para lhe conseguir, a troco de uma pequena gratificação, um bilhete com 30 por cento de desconto. Desconfiou da fartura e recusou-se a aceitar. Mas os factos acabaram por lhe demonstrar que o homem não pretendia vigarizá-lo. E acabou por obter o seu bilhete com um abatimento de 232 dólares sobre o preço da tabela. Deu 70 dólares ao comissário, 30 ao porteiro, economizou 132 dólares e embarcou imediatamente. Destes factos, tirou logo uma conclusão: «...acabara de falar com dois representantes de um povo onde as leis são reinterpretadas, onde regulamentos e instruções centrais do Governo já são decretados com um cálculo prévio da percentagem em que serão cumpridos, onde o povo é um grande filtro das leis e os funcionários, pequenos ou poderosos, criam sua própria jurisprudência. Ainda que esta jurisprudência não coincida com as leis originais. conta com a aprovação geral, se é ditada pelo bom-senso».

*

Uma vez desembarcado, o imigrante vê-se a braços com algumas contradições que o surpreendem, com certos contrastes que o chocam e com pequenas mentiras convencionais que o desorientam. A sua saude mental arrisca-se a sofrer algum abalo. Mas não será por causa de uma «loucurazinha» que ele será expulso do país. Segundo os regulamentos, «o estrangeiro pode ser expulso do país, sendo doente mental, caso as manifestações apareçam dentro de seis meses após o embarque». No sétimo mês da sua permanência, conforme o critério geralmente adoptado, «as autoridades já aceitam a possibilidade de que você chegou completamente normal. mas, temporáriamente, se perdeu no grande labirinto dos «amanhãs» que significam «nunca», dos «apareça lá em casa» que não representam um convite, dos «virei se Deus quiser» que significam «não conte com a minha presença»; dos «já foi providenciado» cuja tradução é «ainda não vi o caso» nem sei do que se trata e, finalmente, «quando sua ficha ficar pronta, telefonaremos» que quer dizer «a ficha está na minha gaveta, você foi reprovado, não me amole mais».

Estas observações sagazes constituem uma introdução ao «código secreto» de que o cônsul lhe falou e que o imigrante não tardará a conhecer em toda a sua extensão e subtileza.

E' certo que o «Brasil para principiantes», escrito há alguns anos, está um pouco desactualizado. À data em que o autor desembarcou no Rio de Janeiro, ainda havia o transporte colectivo conhecido pelo nome de «lotação», carro ligeiro que tomava os passageiros em qualquer sítio e que representava um perigo constante para a segurança dos transeuntes, pois o motorista não tinha o menor respeito pela vida do seu semelhante. «A viagem de lotação proporciona as mesmas emoções da «montanha russa», mas é mais longa, custa menos e é incomparávelmente mais perigosa, o que dá maior sensação» — escrevia o autor naquela época. Foi Carlos Lacerda, quando governador do Estado da Guanabara, que pôs termo a essa loucura do tráfego. Felizmente, o transito, em comparação com o que acontecia nesse período calamitoso, passou a ser um pouco mais disciplinado nas ruas do Rio de Janeiro. Lembram-se de que o almirante Gago Coutinho, quando lá residia, viu-se obrigado a usar umas calças brancas a fim de os motoristas terem algum respeito por ele quando atravessava a perigosíssima Avenida Rio Branco. E à noite não se atrevia a sair à rua...

Peter Kellemen observa, com espírito, que «a população do Rio de Janeiro é de carácter muito alegre, comunicativa ao extremo, e está vivamente interessada na vida dos outros, sempre disposta a conversar com qualquer estranho só para ajudar a passar o tempo». Era assim, na verdade, quando ele desembarcou na antiga capital do Brasil. E era ainda assim o Rio de Janeiro que nós conhecemos há relativamente pouco tempo. Afigura-se-nos, porém, que as coisas mudaram um pouco. Ou seja porque a vida se complicou, os géneros encareceram astronómicamente, os salários não aumentaram na mesma proporção, a incerteza do dia de amanhã os preocupa e o espectro da inflação os desorienta, a verdade é que o carioca, naturalmente bem disposto e folgazão, perdeu um pouco da alegria que o caracterizava e do espírito comunicativo que o tornava simpático.

*

Um dos capítulos mais elucidativos e mais extensos do «Brasil para principiantes» é consagrado aos negócios bancários e económicos em geral. Intitula-se «Economia, finança, industria e comércio em ritmo de samba». Esse capítulo contém ensinamentos preciosos para orientar os negócios no Brasil, com certa elasticidade de consciência e usando das normas consagradas pelo «código secreto». O autor reconhece que «nos problemas económicos, as regras são iguais no mundo inteiro: para distribuir produtos é preciso primeiro haver trabalho e material. Da cartola do mágico, por exemplo, que você vê estar vazia, o mágico vai retirando os coelhinhos um por um... Você continua vendo a cartola vazia, mas sabe muito bem que o mágico colocou os coelhos lá dentro, sem que você o percebesse. Não se pode, de maneira alguma, tirar coelhos de uma cartola se eles não estiverem lá». Pois no Brasil tiram-se coelhos de uma cartola vazia. Este é o segredo de muitos negócios fabulosos em que os intervenientes não precisam de despender um cruzeiro para ganhar milhões. «Quando o comerciante quer comprar sem dinheiro, e vender a mercadoria a pessoas que também não possuem numerário, o *dinheiro* pedido para solucionar esse impasse chama-se *transação bancária*. E, finalmente, quando ele se mete num negócio grande, ou seja, uma expansão maior, modernizando, instalando e importando, sem que possa dar uma leve indicação sobre a data eventual da devolução do dinheiro recebido, a isso se chama financiamento».

*

E' bem certo que pela boca morre o peixe. Foi precisamente por se ter envolvido num negócio complicado cujos compromissos não pôde satisfazer nos prazos combinados, numa palavra, por pretender tirar coelhos de uma cartola vazia, que o autor deste livro deu com os burrinhos na água — e acabou por dar com os ossos na cadeia. Tinham-lhe dado um conselho que ele seguiu á risca:

«— Quando chegar o dia do vencimento, e não tiver dinheiro para satisfazer seus compromissos, não pague ou mude de residência». Neste caso, o «código secreto» não funcionou como ele esperava. A Polícia descobriu a nova morada — e foi-lhe bater á porta.

A vida no Brasil terá as surpresas, os defeitos, os inconvenientes, os ilogismos, as incongruências que lhe queiram atribuir. Mas a verdade é que os estrangeiros adoram viver no Brasil. Os viciados já não trocam por nada deste mundo o seu vício. Já não passam sem a droga. Se lhes forem dizer que terão de sair do país, farão tudo para ficar. O «código secreto» fornece soluções infalíveis.

...Excepção feita de alguns milhares de pobres e desiludidos imigrantes portugueses que sonhavam com a árvore das patacas e que, perdidas as ilusões e atirados para uma situação dolorosa, fazem bicha à porta dos consulados de Portugal, na esperança de serem repatriados um dia. E, no entanto, a imigração portuguesa continua a ser a mais útil, a mais adaptável ao meio e a mais desejada pelo Brasil, e os portugueses ainda desfrutam, mau grado a inobservância de um Tratado de Amizade e Consulta que continua a ser letra morta, de regalias que não são concedidas a nenhum outro estrangeiro. São, na verdade, imigrantes privilegiados. É que no Brasil, segundo o testemunho imparcial de observadores insuspeitos, «existem *imigrantes* e IMIGRANTES; *estrangeiros* e ESTRANGEIROS; *refugiados* e REFUGIADOS e, por fim, o PORTUGUÊS». Apesar de tudo, acreditem, ainda vale a pena viver no Brasil.

NORBERTO LOPES

Solta de pombos portugueses na cidade de Lérida

Com organização da Federação Portuguesa de Columbofilia, efectua-se no sábado uma solta de 2500 pombos-correios portugueses na cidade espanhola de Lérida. Os pombos pertencem ás colectividades filiadas nas Comissões Distritais de Aveiro, Évora, Leiria, Lisboa, Portalegre, Santarém e Setúbal.

YBARRA & C.IA, S. A.

VIAGEM ESPECIAL PARA:

VIGO, GIJON BILBAU

no navio:

«MONTE UMBE»

a sair em 14 de Julho

PREÇOS REDUZIDOS

OS AGENTES:

Em Lisboa:
AGÊNCIA MARÍTIMA TRANSATLÂNTICA, LDA.
Rua do Alecrim, 20-F, 1.º
Telefone 32 72 64

No Porto:
KENDALL, PINTO BASTO & C.ª LDA.
Rua Nova da Alfândega, 12
Telefone 2 84 21

ATELIER

Para arquitecto, na Lapa, 3 salas com 40 m², casa de banho e terraço. Informa das 11 às 12 660507.

Há fruta a apodrecer no Mercado Abastecedor

(Continuação da página central)

comem, afinal, fruta numa população de nove milhões?

A procura baixou de tal modo, que nos ultimos dois dias se verificou uma «quebra» de preços da ordem dos 50 por cento. Peras que se vendiam a 10 escudos, estão hoje a 5 escudos e 4$50.

Limões, excelentes, que cá fora «custam os olhos da cara», há-os aos cabazes, apodrecendo, ao sol, apenas a 2$50!

Mas ninguém pega nesta fruta! Porquê?

— O retalhista comprou nos ultimos tempos fruta cara. Os preços estavam elevados, há pouco tempo atrás, e é natural que não queiram comprar mais enquanto não venderem aquela que compraram — disse-nos o sr. António Ramos Estêvão, um dos mandatários do Mercado Abastecedor.

Mas quem sofre com isto? — O publico. O mesmo de sempre...

Uma das formas para solucionar este problema, que se está a tornar angustiante para os vendedores do Mercado Abastecedor, era o publico comprar a fruta directamente naquele mercado — o que pode legítimamente fazer. Mas um óbice para esse processo se efectuar é a venda da fruta só se fazer ali em volumes geralmente excessivos para o consumo normal de uma família média.

Mas porque não se organiza o publico em pequenos grupos, dividindo entre si a mercadoria e os encargos? — sugere outro mandatário daquele mercado.

Outro processo, sugerimos nós, aproveitando para manifestar a estranheza quanto ao facto de isso ainda não se verificar: ainda há pouco tempo, nestas colunas, aplaudimos uma iniciativa da Junta Nacional das Frutas, que através dos postos de venda da U. C. A. L. distribui fruta mais barata, «directamente do produtor».

Acontece, porém, que as quantidades vendidas nesses postos — 20, ao que nos foi informado — não satisfazem de nenhum modo a procura do publico.

Sabemos que não é só o Grémio dos Produtores de Vila Franca de Xira que fornece a fruta destinada a essa iniciativa que se integra num plano do sr. ministro da Economia, no intuito de «descentralizar» a venda de fruta, tornando-a, simultaneamente, mais barata.

Sabemos, pois, que a Junta compra fruta no Mercado Abastecedor, pedindo aos seus mandatários a colaboração necessária para esse fim.

Porque não compra então, agora, a Junta, mais fruta, solucionando simultanemente os dois problemas prementes — o encarecimento do produto e a situação dos produtores representados no Mercado Abastecedor?

Estamos certos que esta via de solução mereceria os aplausos do publico ávido de fruta, dos produtores e mandatários angustiados, e do próprio sr. ministro da Economia, que tanto interesse dedicou a este caso que continua a aguardar uma solução que deve — e não será tão difícil — ser encontrada.

Limões — a 2$50 o quilo — apodrecem ao sol...

Vida religiosa

Curso Intensivo de Teologia em Fátima

Por iniciativa do Instituto de S. Tomás, efectuar-se-á em Fátima, de 15 de Agosto a 4 de Setembro, um Curso Intensivo de Teologia para religiosas e religiosos (não clérigos), membros de institutos seculares e leigos empenhados em tarefas directivas ou interessados numa vivência e empenho cristãos cada vez mais esclarecidos. O programa global pretende dar uma visão panoramica de toda a Teologia.

Para inscrições ou quaisquer informações devem os interessados dirigir-se ao Instituto de S. Tomás, Convento dos Dominicanos (Fátima).

Festas associativas

Esta noite, ás 22 horas, abrilhantado pelo conjunto musical «Jacinto e seus gaúchos», efectua-se um baile na sede da Sociedade Filarmónica João Rodrigues Cordeiro dedicado aos associados e suas famílias.

III JOGOS DESPORTIVOS LUSO-BRASILEIROS

Está prevista para amanhã, ás 12 horas, a chegada ao Aeroporto de Lisboa, no voo da Varig, do Destacamento Precursor da Delegação Brasileira participante nos III Jogos Desportivos Luso-Brasileiros, constituído pelos seguintes elementos: brigadeiro Jerónimo Bastos, general Antónii Barcelos, ten. cor. Dr. Áureo Brito, major Vicente Almeida, e jornalista Lúcio Guimarães.

KLOSTERS SUNWARD FERRIES

SAÍDAS REGULARES SEMANAIS PARA

GIBRALTAR

pelo moderno ferry-boat «SUNWARD»

PARTIDAS DE LISBOA:

Todas as segundas-feiras á meia-noite

REGRESSO — SAÍDAS DE GIBRALTAR:

17 horas de todas as quartas-feiras, com chegada a Lisboa ás 8.00 horas de quintas-feiras.

(PODE LEVAR O SEU AUTOMÓVEL)

Para passagens e informações, procure o seu Agente de Viagens ou os Agentes Gerais em Portugal

AGÊNCIA MARÍTIMA «OCIDENTE», LDA.

P. Duque da Terceira, 11-3.º — Telef. 32 81 91/5 — Telex 211 Ocidente-Lisboa

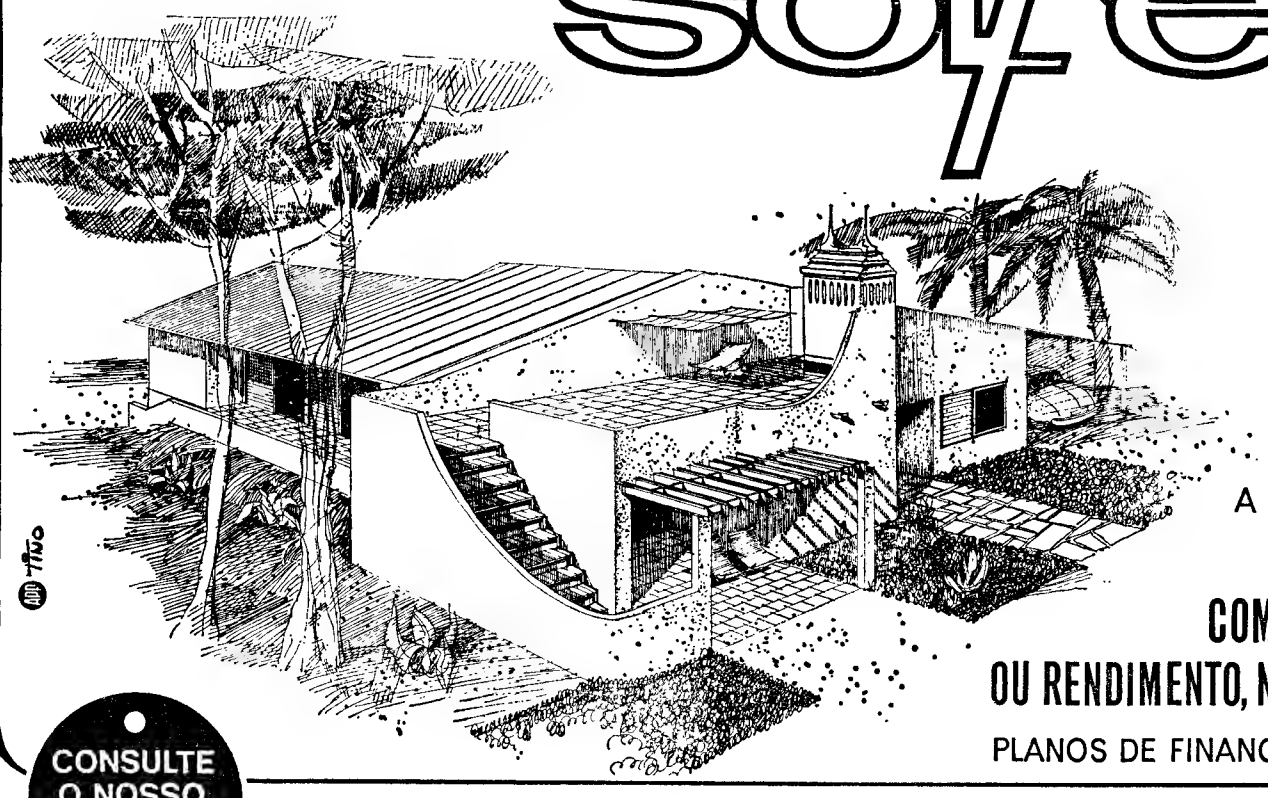
no Porto:

«INTERNAVE» — AGÊNCIA INTERNACIONAL DE NAVEGAÇÃO E COMÉRCIO, LDA.

Rua Ferreira Borges, 57-1.º — Telefs. 2 92 94 e 2 45 37

O SOL QUANDO NASCE NO ALGARVE... É PARA SI EM

soléias



- Clima excepcional durante todo o ano
- Moradias de seis tipos diferentes
- Zona Hoteleira com piscina
- Campo de Ténis
- Zona Comercial com boliche, restaurante e esplanada

GRANDE EMPREENDIMENTO PROJECTADO POR URBANISTAS DE PRIMEIRO PLANO QUE ESCOLHERAM PARA SI A MARAVILHOSA PRAIA DO CARVOEIRO

COMPRE A SUA MORADIA PARA VERANEIO OU RENDIMENTO, NA ENCANTADORA PAISAGEM ALGARVIA

PLANOS DE FINANCIAMENTO ATÉ 36 MESES

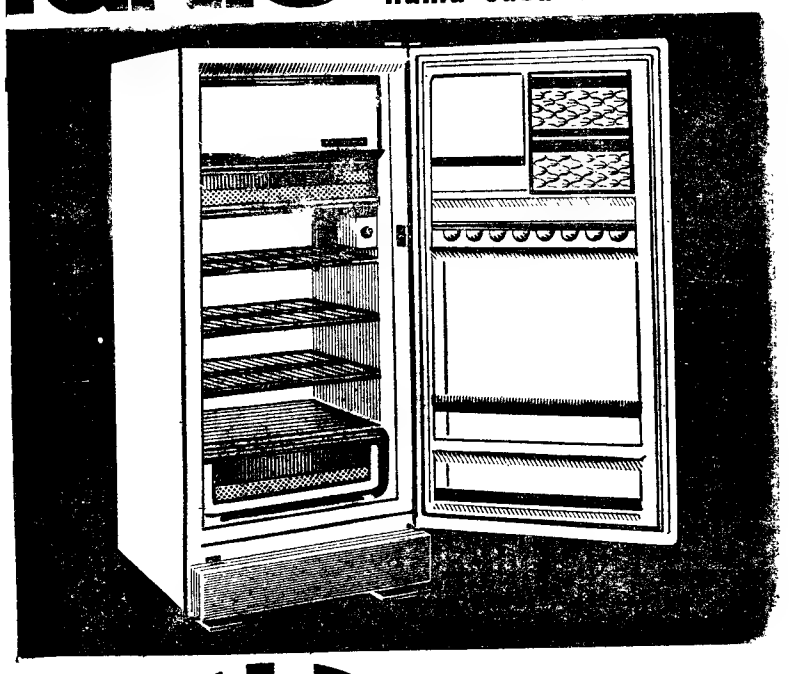
CONSULTE O NOSSO PLANO DE VENDAS

IMOBILIÁRIA CONSTRUTORA GRÃO-PARÁ, S.A.R.L.
Av. Infante Santo, 56 A B D-Tel. 661036-661069-Lisboa

EMPRESA ASSOCIADA

SOCIEDADE IMOBILIÁRIA DO ATLÂNTICO, S.A.R.L.
R. Alexandre Herculano, 12-1º-Esq.-Tel. 55 3183-Lisboa

IGNIS para uma vida mais bela numa casa mais cómoda



SPAZIALE 2S (**) mais espaço e mais frio na sua casa

ESPACIAL

Um decisivo aumento da capacidade do frigorífico e diminuição do volume exterior. O isolamento térmico em espuma poliuretânica expandida permitiu reduzir a espessura das paredes, tornando-as mais compactas e resistentes. O espaço é coisa importante na casa de hoje: um frigorífico onde se coloca tudo, e tudo nos seus justos lugares, é um elemento positivo para o bem estar da Família. A técnica ESPACIAL é um processo que a IGNIS pela primeira vez adoptou em exclusivo em escala industrial, que recebeu em todo o mundo os mais entusiásticos aplausos.

ESPACIAL

Uma simples e genial concepção permite a melhor conservação do património alimentar. O compartimento-congelador especial, estampilhado com a marca internacional 2S, atinge a temperatura de 12 graus abaixo de zero, conservando os alimentos congelados durante várias semanas. Os alimentos congelados significam: qualidade, economia e prática: alimentos de primeira escolha, já prontos e sem desperdício a um preço que não sofre as oscilações do mercado.

A série mais completa
modelos desde 65 a 305 litros de capacidade integralmente garantidos.

A conquista do espaço e do frio é uma ideia **IGNIS**

IGNIS

frigoríficos
máquinas de lavar roupa
congeladores
máquinas de lavar loiça

Distribuidores Exclusivos:

Soc. de Rep. **SIDA - SUECA,** *limitada*
Rua de S. Nicolau, 44-48 — LISBOA-2

BANCO TOTTA-ALIANÇA

Fundado em 1842
RUA AUREA, 69 A 79 — LISBOA-2
PORTUGAL

ELEVAÇÃO DO CAPITAL SOCIAL DE 150 MIL PARA 250 MIL CONTOS
EMISSÃO DE 100 MIL ACÇÕES

1.º **O Capital do Banco é elevado de 150 000 para 250 000 contos, pela emissão de 100 000 acções do valor nominal de Esc. 1000$00 cada.**

2.º **A subscrição encontrar-se-á aberta de 4 a 11 de Julho próximo na sede do Banco em Lisboa e na Filial do Porto, sendo reservada aos actuais accionistas.**

3.º **Cada accionista terá direito a subscrever duas acções da nova emissão por cada três que possua, sendo indispensável a apresentação dos títulos no acto da subscrição. Poderá também concorrer a eventual rateio.**

4.º **As acções serão pagas de uma só vez, sendo o seu preço de emissão de Esc. 1500$00 cada uma, acrescido do Imposto de Mais Valias, de Esc. 203$50 por acção.**

5.º **As novas acções receberão 50 % do dividendo referente ao ano de 1966.**

Lisboa, 28 de Junho de 1966

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

DOIS ANDARES EM ÓPTIMO LOCAL DE LISBOA

NEGÓCIO URGENTE

Cada um c/3 assoalhadas, hall, peq. corredor, cozinha, despensa e casa de banho. R. Afonso Lopes Vieira, 56-2.º esq. e frente.

Trata o próprio.

Mostra a porteira todos os dias inclusive domingo.

Inf.: Telef. 282388 — CASCAIS

S. R.

Ministério da Economia

SECRETARIA DE ESTADO DA INDUSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se publico que nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias uteis, durante as horas de expediente, e pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA para o estabelecimento, na freguesia da Cova da Piedade, concelho de Almada, de uma linha mista a 30 kV, com 166 m, parte aérea com 136 m e parte subterrânea com 30 m, do apoio n.º 45 do terno de 30 kV da linha dupla Laranjeiro-Lazareto, ao posto de transformação e contagem n.º 7 da Junta Autónoma das Estradas.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 29 de Junho de 1966.

O Engenheiro Chefe

Guilherme Martins

S. R.

Ministério da Economia

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se publico que nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias uteis, durante as horas de expediente, e pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento, na freguesia de Caparica, concelho de Almada, de uma linha mista, a 6 kV, com 252 metros, parte aérea com 232 metros, e parte subterrânea com 20 metros, do apoio n.º 7 da linha para o Monte do Areeiro ao posto de transformação da SOCOPAIL — Sociedade Concelhia de Panificação Almadense, Ld.ª

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 30 de Junho de 1966.

PelO Engenheiro Chefe

Joaquim Gonçalves dos Santos

LOTE P/ PRÉDIO DE RENDIMENTO NA PAREDE

Lote c/ projecto e cálculos aprovados, no melhor sítio da Parede, entre a estação e a Praia.

Prop. JOAQUIM BARAONA
Est. Marginal, Lote J. M. E., 2.º C
Tel. 282388 — CASCAIS

COMPANHIA ANGOLANA DE AGRICULTURA

«CADA»

Sede em Angola: Porto Amboim

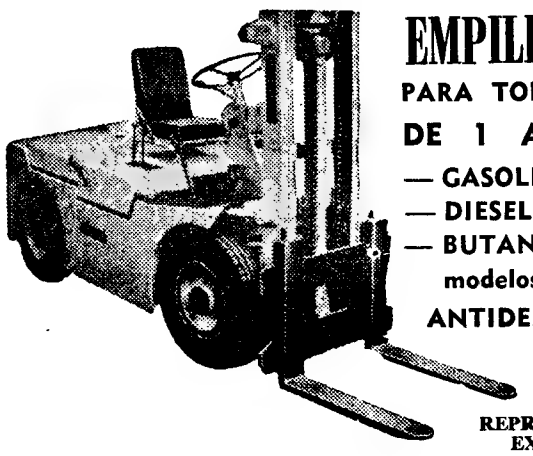
Desde o dia 9 do passado mês de Maio que está a pagamento no Banco de Angola, em Luanda, ou na Sede da Companhia em Porto Amboim, o dividendo votado na Assembleia Geral de 28 de Abril do corrente ano.

Avisam-se os Senhores Accionistas residentes no exterior da Provincia de Angola, que desejarem efectuar a transferência do seu dividendo, que deverão apresentar nos Escritórios da Companhia em Lisboa, na Rua do Comércio, 56-2.º, Esquerdo, até ao dia 20 do corrente mês, atestado de residência bem como relação das acções que possuem.

Nos Escritórios da Companhia em Lisboa, serão prestados todos os esclarecimentos.

Lisboa, 6 de Julho de 1966.

A ADMINISTRAÇÃO



EMPILHADORES

PARA TODOS OS FINS
DE 1 A 5 TON.:
— GASOLINA
— DIESEL
— BUTANO PROPANO
modelos especiais
ANTIDEFLAGRANTES

ARMAX BATIGNOLLES

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
MOTODIESEL, L.DA
R. São Paulo, 242-244
Telef. 323938 LISBOA

FRIGORÍFICOS

QUEM PRECISA PROCURA
QUEM PROCURA ESCOLHE
QUEM ESCOLHE COMPARA
QUEM COMPARA DECIDE-SE

NA GRANDE EXPOSIÇÃO
do Largo de Santa Bárbara, 13-1.º — LISBOA
ONDE SÃO REALMENTE MAIS BARATOS

†

José Nunes da Fonseca

AGRADECIMENTO E MISSA DO SÉTIMO DIA

Suas filhas, genro, irmãs e cunhados vêm agradecer a todas as pessoas que os honraram com a sua presença no funeral do saudoso extinto e participam que a missa do sétimo dia, por sua memória será celebrada amanhã, ás 12 e 15, na igreja de Nossa Senhora da Conceição (á Praça do Marquês de Pombal), ficando desde já muito reconhecidos a quantos se dignarem assistir a este piedoso acto.

Porto, 7 de Julho, de1966.

A FAMILIA

O "MUNDIAL" DE FUTEBOL

A selecção nacional de futebol segue amanhã (9 horas) para Manchester

Finalmente, aproxima-se a hora da partida da selecção nacional de futebol para Inglaterra. Amanhã, ás 9 horas, num avião da TAP, o «onze» lusitano sairá do aeroporto da Portela para ao princípio da tarde chegar a Manchester, onde no hotel Stanney ainda permanecerá até, pelo menos, disputar os três jogos dos oitavos de final do campeonato do Mundo.

Ontem, á tarde, dirigentes e jogadores, foram apresentar cumprimentos de despedida ao sr. Presidente da Republica, e ministros da Educação Nacional e director-geral dos Desportos. O Chefe do Estado recebeu com a maior simpatia a delegação portuguesa, tendo formulado votos no sentido de se conseguir um comportamento digno no difícil torneio. Profundo conhecedor dos problemas do futebol, o sr. almirante Américo Thomaz trocou impressões com todos os jogadores a quem apresentou os seus dois netinhos.

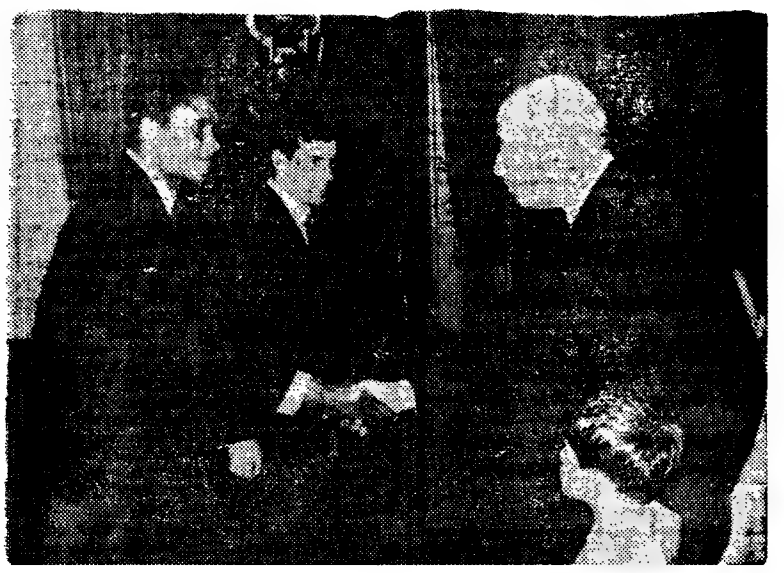
De manhã, a selecção efectuou um treino de conjunto no Estádio da Luz e, hoje, voltará ao mesmo recinto para realizar a ultima sessão de preparação que consistirá em ligeiros exercícios físicos.

Qual será a selecção?

Ainda não foi anunciada a constituição da equipa que, no próximo dia 13, enfrentará a Hungria.

Supõe-se, no entanto, que estão firmes os seguintes jogadores: Carvalho, Vicente, Hilário, Jaime Cruz, Coluna, José Augusto, Eusébio, Torres e Simões.

As principais duvidas incidem nos lugares de defesa-direito e defesa-central para os quais são candidatos, respectivamente, Morais, Germano e Alexandre Baptista.



O Chefe do Estado cumprimentando o jogador Eusébio

36 ANOS DE CAMPEONATOS

Chile — 1962

A 7.ª edição do «Mundial» reuniu 56 inscritos, mas em virtude das desistências da Indonésia, Canadá, R. A. U., Sudão e Roménia, por um lado, e do apuramento nato do Brasil (campeão) e do Chile (país organizador), 49 nações participaram na fase das eliminatórias. Estas classificaram 14 selecções ás quais se juntaram brasileiros e chilenos para a «poule» final, que abrangeu o período compreendido entre 30 de Maio e 17 de Junho.

Os concorrentes foram divididos em quatro grupos, sendo a seguinte a representação:

EUROPA — Alemanha Federal, Inglaterra, Bulgária, Espanha, Hungria, Itália, Suíça, Checoslováquia, Rússia e Jugoslávia.

AMÉRICAS — Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, México e Uruguai.

Os resultados dos jogos disputados foram estes:

Grupo I — Uruguai, 2-Colômbia, 1; Rússia, 2-Jugoslávia, 0; Jugoslávia, 3-Uruguai, 1; Rússia, 4-Colômbia, 4; Rússia, 2-Uruguai, 1, e Jugoslávia, 5-Colômbia, 0.

Apurados: Rússia e Jugoslávia.

Grupo II — Chile, 3-Suíça, 1; Alemanha Federal, 0-Itália, 0; Chile, 2-Itália, 0; Alemanha Federal, 2-Suíça, 1; Alemanha Federal, 2-Chile, 0, e Itália, 3-Suíça, 0.

Apurados: Alemanha Federal e Chile.

Grupo III — Brasil, 2-México, 0; Checoslováquia, 1-Espanha, 0; Brasil, 0-Checoslováquia, 0; Espanha, 1-México, 0; Brasil, 2-Espanha, 1, e México, 3-Checoslováquia, 1.

Apurados: Brasil e Checoslováquia.

Grupo IV — Argentina, 1-Bulgária, 0; Hungria, 2-Inglaterra, 1; Inglaterra, 3-Argentina, 1; Hungria, 6-Bulgária, 1; Hungria, 0-Argentina, 0, e Inglaterra, 0-Bulgária, 0.

Apurados: Hungria e Inglaterra.

Nos quartos-de-final:

Chile, 2-Rússia, 1; Jugoslávia, 1-Alemanha Federal, 0; Brasil, 3-Inglaterra, 1, e Checoslováquia, 1-Hungria, 0.

Nas meias-finais:

Brasil, 4-Chile, 2, e Checoslováquia, 3-Jugoslávia, 1.

Na final, disputada em Santiago do Chile, o Brasil venceu a Checoslováquia, por 3-1.

Os golos foram marcados por Amarildo (18 m.), Zito (69 m.), Vavá (77 m.) e Masopust (16 m.).

As equipas:

BRASIL — Gilmar; Djalma Santos, Mauro, Zózimo e Nilton Santos; Zito e Didi; Garrincha, Vavá, Amarildo e Zagalo.

CHECOSLOVÁQUIA — Schroif; Tichy, Popluhar, Pluskal e Novak; Masopust e Kvasnak; Pospichal, Scherer, Kadraba e Jelivevk.

Para os 3.º e 4.º lugares, o Chile bateu a Jugoslávia, por 1-0.

Inglaterra — 1966

Setenta e um países inscreveram-se na 8.ª edição, mas o número ficou consideràvelmente reduzido em virtude das desistências dos países africanos que discordaram do sistema de apuramento.

Os recalcitrantes foram os seguintes: África do Sul (suspensa), Algéria, Camarões, Coreia do Sul, Egipto, Etiópia, Gabão, Ghana, República da Guiné, Libéria, Líbia, Mali, Marrocos, Nigéria, Senegal, Sudão, Síria e Tunísia.

Na fase das eliminatórias intervieram 51 países, sendo de anotar o afastamento da Checoslováquia (2.º em 1962) e da Jugoslávia (4.º em 1962).

Os dezasseis qualificados para a final:

EUROPA — Alemanha Federal, Bulgária, Espanha, França, Hungria, Itália, Portugal, Suíça, Rússia e Inglaterra (país organizador).

AMÉRICAS — Argentina, Chile, México, Uruguai e Brasil (campeão).

ÁSIA — Coreia do Norte.

Portugal encontra-se no Grupo C (Manchester e Liverpool).

Datas dos quartos-de-final:

23 de Julho, vencedor do Grupo A-2.º do Grupo B, em Londres; vencedor do Grupo B-2.º do Grupo A, em Birmingham; vencedor do Grupo C-2.º do Grupo D, em Liverpool; vencedor do Grupo D-2.º do Grupo C, em Middlesborough.

As meias-finais serão disputadas em 25 de Julho, em Liverpool (Vencedor Birmingham-Vencedor Middlesborough) e em Londres (Vencedor Londres-Vencedor Liverpool).

A final está marcada para o dia 30 de Julho, em Londres.

Os melhores marcadores

Ordem dos melhores marcadores de golos nos campeonatos realizados:

Fontaine (França), 13 em 1958; Kocsis (Hungria), 11 em 1954; Stabile (Argentina), 8 em 1930; Ademir (Brasil), 8 em 1950; Leónidas (Brasil), 7 em 1938; Szengeller (Hungria), 6 em 1938; Schiaffino (Uruguai), 6 em 1950; Probst (Áustria), 6 em 1954; Morlock (Alemanha Federal), 6 em 1954; Rahn (Alemanha Federal), 6 em 1954; Pelé (Brasil), 6 em 1958; Pedro Cea (Uruguai), 5 em 1930; G. Nejedly (Checoslováquia), 5 em 1934; K. Cohen (Alemanha), 5 em 1934; Piola (Itália), 5 em 1938; Colaussi (Itália), 5 em 1938; Sarosi (Itália), 5 em 1938; Heggi (Suíça), 5 em 1954; Mc Parland (Irlanda do Norte), 5 em 1958); Vavá (Brasil), 5 em 1958.

Três jogadores marcaram quatro golos no decorrer do mesmo encontro: Ademir (Brasil), Kocsis (Hungria) e Fontaine (França).

FEIXE DE NOTÍCIAS

● **A taça «Jules Rimet» não será exposta ao público durante o torneio, em virtude de se encontrar (bem fechada) num Banco.**

● **Se todos os bilhetes dos jogos do «Mundial» forem vendidos, a receita será de 140 mil contos. A televisão pagará 24 mil contos para poder transmitir os encontros.**

● **Bobby Moore deve ser o «capitão» da selecção de Inglaterra.**

● **A rainha Isabel e o príncipe Filipe assistirão ao jogo de abertura do «Mundial»: Inglaterra-Uruguai.**

● **Alf Ramsey, seleccionador inglês, afirmou: «Venceremos o campeonato do Mundo».**

HOJE, À NOITE

ACTIVIDADES DA F. N. A. T. — 20.º campeonato nacional de voleibol, 2.ª categoria, «poule» final: Lisgás-B. N. Ultramarino, C. N. Electricidade-Sorefame e Acta-Atral.

ACTOS DE POSSE — Dos novos corpos gerentes do Sport Lisboa e Benfica, no Pavilhão da Luz, ás 21 e 30.

FUTEBOL DE SALÃO — Torneio do Clube Oriental de Lisboa: Relampagos de S. João-G. D. «Os Corvos», Violinos B. Sacor-Desp. e Juventude, Leões da Calçadinha-Muletas Negras F. C. e Praiense A. C.-C. F. «Os Jovens», a partir das 21 horas.

Está formada a equipa francesa de atletismo que defrontará a de Portugal

A equipa da França, que, amanhã chega a Lisboa, para enfrentar a selecção nacional, no Estádio Alvalade, no sábado e domingo, é constituída pelos seguintes atletas:

100 metros — Hermet e Ducasse (10,6 e 10,7 s).

200 m. — Fenquil e Roy (21,4 e 21,7 s).

400 m. — Morinau e Vercammen (48 e 48,2 s).

800 m. — Veysat e Gustin (1 m 48,9 e 1 m 49,4 s).

1500 m — Colin e Bontoux (3 m 43,6 e 3 m 44,3 s).

5000 m. — Le Flochi e Lechevallier (14 m 0,2 e 14 m 12,8 s).

10 000 m. — Rault e Martinage (29 m 35,2 e 29 m 38,4 s).

110 m. bar. — Paris e Tetaria (14,6 e 14,6 s).

400 m. bar. — Ollivier e Le Bolch (51,5 e 52,1 s).

3000 m. obst. — Guine e Nallard (9 m 4,4 e 9 m 10 s).

Altura — Elliot e Le Herisse (2,06 m e 2,00 m).

Comprimento — Mahieu e Debief (7,34 m e 7,21 m).

Triplo-salto — Gaismier e Agnes (15,01 m. e 15,02 m.).

Vara — Moreaux e Colusso (4,40 m. e 4,35 m.).

Peso — Petit e Lefevre (16,10 m. e 16,09 m.).

Disco — Cudennec e Chaze (48,14 m. e 49,62 m.).

Dardo — Sevestre e Butet (69,10 m. e 68,30 m.).

Martelo — Lawglais e Rebourg (55,96 m. e 54,20 m.).

4X100 m. — Fenquil, Mermet, Roy e Egarins (suplente Ducasse).

4X400 m. — Barrian, Fassier, Vereammen e Moriceau (suplentes Olivier e Gustin).

Das marcas e tempos assinalados aos nossos adversários só não estão, de momento, ao alcance dos atletas portugueses as seguintes: 10 000 m., 400 m. bar, altura, vara, peso e dardo.

Oferecem de certo modo duvidas, os 800 m., 1500 m. e comprimento. Temos, portanto, cerca de 50 por cento de probabilidades para ganharmos nove das vinte provas do programa o que constituiria para nós um precioso incentivo para futuros cometimentos.

Contra Portugal a 84.ª internacionalização de Alain Mimoun

PARIS, 7 — (F. P.) — No encontro de atletismo Portugal-França Alain Mimoun substituirá nos 10 mil metros, Martinage, que por razões de família não pode deslocar-se. Assim, Mimoun entrará pela 84.ª vez na selecção francesa.

BOLETIM DO DIA

DADOS E INFORMAÇÕES DE CONSULTA QUOTIDIANA

Programa da Rádio

EMISSORA **1.º programa** — 451 m — 665 kc/s — Às 18: Noticiário; 18 e 10: Danças; 18 e 35: Rádio Mocidade; 19: Noticiário regional; 19 e 10: Atenção Luanda!»; 19 e 15: Conjuntos instrumentais; 19 e 25: A Ciência e o Homem; 19 e 45: Variedades; 20 e 30: Diário sonoro — Boletim meteorológico; 21: Bailarico; 21 e 20: 1.º episódio do folhetim «Exodus»; 21 e 36: Musica brasileira; 22: Ontem e hoje; 22 e 30: Noticiário — Boletim meteorológico; 22 e 40: Espectáculo, magazine de teatro e cinema; 0: Noticiário; 0 e 50: Ultimas notícias; 1: Fecho.

2.º programa — 397 m — 755 kc/s — Às 18: Que quer ouvir?; 18 e 40: Musica sinfónica; 20: Noticiário — Boletim meteorológico; 20 e 15: A ópera em 3 actos «O Rouxinol»; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

3.º programa — 94,3 m — Às 23: Musica sinfónica; 0: Festivais de Hitzacker de 1965; 0 e 30: Solos de viola dedilhada por Andres Segovia; 0 e 50: Ultimas notícias; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS — 290,1 m — 1034 kc/s — Às 17: Noticiário; 17 e 2: Bossa nova; 17 e 15: Campeão português; 17 e 30: Cartas ao sr. produtor; 17 e 45: Ela e o seu mundo — SEQUÊNCIA 18: 18: História da tia Joaninha; 18 e 15: Clube das Donas de Casa; 19: Noticiário; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio jornal; 20: Noticiário; 20 e 15: Ribalta — QUADRANTE 2-9-0; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Conjuntos vocais; 21: Noticiário; 21 e 8: Um conjunto; 21 e 15: Rádio motorismo; 21 e 30: Variando para agradar; 22: Noticiário; 22 e 2: Composições de...; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23: Noticiário; 23 e 5: Grande roda.

Modulação de frequência — 90,7 mc/s Às 17: Noticiário; 17 e 50: O nosso programa; 19: Noticiário; 19 e 14: Em órbita; 20: Noticiário; 20 e 52: Boa noite em FM; 21: Noticiário; 22: Noticiário; 22 e 2: Programa á Gô-Gô; 23: Noticiário; 23 e 5: Grande roda; 0 e 2: A noite é Vorig; 1 e 3: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,7 m — 782 kc/s — Às 17: Noticiário; 17 e 2: Clube do Disco; 17 e 46: À procura de um nome — PROGRAMA 18; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19: Noticiário; 19 e 2: ...dirige o ritmo; 19 e 15: Vozes de Paris; 19 e 30: Robb'alac; 19 e 45: Melodias para si — PROGRAMA PARA TODOS; 20: Noticiário; 20 e 3: Rádio placard; 20 e 17: Variedades; 20 e 45: Os nossos artistas; 21: Noticiário; 21 e 8: Orquestra; 21 e 15: Hoje é vedeta...; 21 e 30: Apenas musica; 21 e 45: Desfile de estrelas; 22: Noticiário; 22 e 2: Bossa nova; 22 e 15: Ele e ela; 22 e 30: Conjuntos de ritmo; 22 e 45: O fado na voz de...; 23: Noticiário; 23 e 5: Clube da Juventude; 0 e 2: Meia-noite; 2: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 18: A orquestra e coros de Ray Conniff; 18 e 25: Boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da basílica dos Mártires; 19 e 5: C. C. C. igual a C. C. C.; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: Conjuntos vocais; 19 e 45: Histórias do Totobola; 20: Sinfonia da vida; 20 e 15: Musica para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Sucessos musicais; 21 e 30: Fados de Coimbra; 21 e 45: Canções por Mireille Mathieu; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Musica de sempre; 22 e 45: À esquina do tempo; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256 m — 1169 kc/s — Às 18: Uma orquestra; 18 e 15: Noticiário regional e boletins de filmes e religioso; 18 e 30: Terço da basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 5: Musica seleccionada; 19 e 25: Publicações recebidas e boletim de filmes; 19 e 30: Conjuntos vocais; 19 e 45: Histórias do Totobola; 20: Musica e acaso; 20 e 15: Musica para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21 Mosaico; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: A musica é boa companhia; 22 e 30: Musica de sempre; 22 e 45: À esquina do tempo; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE — 397 m — 755 kc/s — Às 17: Abertura; 17 e 5: Rumo ao futuro; 17 e 15: Separador; 17 e 20: Musica do século XX ou concerto; 17 e 45: Noticiário; 17 e 55: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — 188 m — 1594 kc/s — Das 17 e 30 ás 19: Clube Radiofónico de Portugal; 19 ás 22: Rádio Graça; 22 ás 2: Rádio Peninsular.

Programa da TV

HOJE — Às 19 e 30, Abertura; 19 e 32, Telejornal — edição da tarde; 19 e 45, «Voo de Emergência» (episódio filmado da série Fury. Interpretação de Peter Graves, Boby Diamond, William Fawcet, Jimmy Baird e James Seay; 20 e 10, Nós, As Mulheres»; 20 e 40, Carta de Espanha; 21, Telejornal — edição da noite, que inclui a etapa do dia da Volta á França em Bicicleta; 21 e 35, Boletim Meteorológico; 21 e 40, Agenda da Praça; 22, Reportagem do Exterior; 0 e 5, Telejornal — ultimas notícias; 0 e 10, Meditação; e 0 e 15, Fecho.

AMANHÃ — A's 19 e 30, Abertura; 19 e 32, Telejornal — edição da tarde; 19 e 45, Vigilantes da Floresta; 20 e 10, Homens e Aviões — programa quinzenal de divulgação aeronáutica; 20 e 35, Fim de Semana; 21, Telejornal — edição da norte, que inclui a etapa do dia da Volta á França em Bicicleta; 21 e 30, Boletim Meteorológico; 21 e 35, Agenda da Praça; 21 e 40, Sangue na Estrada — programa apresentado por Joaquim Filipe Nogueira; 22, C oncurso — Dize tu, direi eu!» (2.ª sessão — 2.ª série); 22 e 30, Fados, por Carlos Ramos; 22 e 50, Mister Solo; 23 e 40, Telejornal — ultimas notícias; 23 e 45, Meditação; e 23 e 50, Fecho.

Serviços urgentes

Telefones

BOMBEIROS — Sapadores, 322222 ✲ Voluntários, 538524.
ÁGUA, GÁS E ELECTRICIDADE — Companhia das Águas, 361353 ✲ Companhias Reunidas, 537021 ✲ Gazcidla, 538821 ✲ Gazcidla (dom. e feriados), 382069.
POLICIA E G. N. R. — Serviço de emergência, 115 ✲ Segurança Pública, 366141 ✲ Judiciária, 735380 ✲ Marítima, 326456 ✲ Internacional, 362721 ✲ Viação e Trânsito, 42205 ✲ G. N. R. (área rural), 36865).
SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 ✲ Enfermagem permanente, 766161 ✲ Enfermagem de urgência, 43738 ✲ Hospital de Santa Maria, 775171 ✲ Hospital de S. José, 860131 ✲ Sangue, oxigénio e soro, 771161 ✲ Transfusões, soros e oxigénio, 538524.
TRANSPORTES — Aeroporto, 721101 ✲ Caminhos de ferro (C. P.), 869029 ✲ Caminhos de ferro (Estoril), 361121 ✲ Estação Fluvial (T. Paço) 325345 ✲ Estação Mar. de Alcântara, 663195 ✲ Estação Marítima da Rocha, 672445 ✲ Estação Fluvial (Belém), 638531

Farmácias de serviço

● Em Lisboa — Turno H

(Ver pelos bairros das imediações o telefones entre parêntesis)

AJUDA — Lopes Ribeiro, R. do Cruzeiro, 117 (633288) ✲ Boa Hora, R. dos Quartéis, 25-27 (637777).
ALCÂNTARA — Lisbonense, R. Leão de Oliveira, 2-B (637020).
ALVALADE — Alvalade, Av. da Igreja, 18-B (712070) ✲ Gasparinho, R. Dr Gama Barros, 54-A (710465) ✲ Ideal, Av. Almirante Gago Coutinho, lote 90 (712803).
ANJOS — Colonial, R. Forno do Tijolo, 40 (841122) ✲ São José, R. dos Anjos, 41 (50730).
ALTO DO PINA — Nobel, R. Actor Vale, 53 (842152)
AREEIRO — Vera Cruz, Pr Afrânio Peixoto, 2-B (724941) ✲ Onilde, Av João XXI, 13-A (726848)
ARROIOS — Oriental de Lisboa, R. de Arroios, 215 (45079).
AVENIDAS NOVAS — Miranda, Campo Pequeno, 36-B-C (710716) ✲ Cosmos, Av. João Crisóstomo, 44-C (40592) ✲ Sagres, Av Luís Bivar, 69-71 (47213) ✲ Cardeira, Av. Duque de Avila, 32-C (43495).
BAIRRO ALTO — Gonçalves, Ld.ª, R. de Rosa, 176-178 (362687).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso R. 21, 41 (389216)
BAIRRO DA MADRE DE DEUS — Romena, R. B 6 R. Marquês de Olhão 1-A (383800)
BAIXA — Centro Farmacêutico, R. das Portas de St.º Antão, 88 (321211) ✲ Unifa, R. da Vitória, 21 (323793)
BELÉM — Ocidental, R. D. Jerónimo Osório, JPM, 3 (610256).
BENFICA — Benfica, Est de Benfica, 678-E (702532) ✲ Sousa, Est de Benfica, 429-431 (780027)
CAMPO GRANDE — Neoterapia, Campo Grande, 138 (774682).
CAMPO DE OURIQUE — Porfírio, R. Francisco Metrass, 59 (663349) ✲ Ivone, Ld.ª R. Silva Carvalho, 232-C (650760).
CAMPOLIDE — Central de Campolide, R. General Taborda, 17 (680304)
CARNIDE — Leal de Matos, R. Neves Costa, 33-35 (780181)
CHARNECA — São Bartolomeu, Quinta dos Balsares de Baixo, Vila Paulo Jorge 1 (790969)
CONDE DE REDONDO — Salutar, Rua Conde de Redondo, 9-A (733411).
ESTEFÂNIA — Universal, R. Actor Taborda, 5-1 (44158)
ESTRELA E LAPA — Paivas & Parente, R. de St.ª António á Estrela, 96-98 (665196) ✲ S. A. E. Silva, Filhos, R. de S. João da Mata, 76 (661010)
GRAÇA — Arnail, R. das Escolas Gerais, 88-A (863940) ✲ Morão, Largo da Graça, 63 (860700)
LUMIAR — Alameda, Al. das Linhas de Torres, 201-B (790942) ✲ S. Tomé, Est do Desvio, lote 12-C (790704)
MARVILA — Marvila, R. Direita de Marvila, 25 (381612).
MOURARIA — Tavares, R. da Palma, 194 (863350)
OLIVAIS (Sul — António Rosas, R. C 1, lote 199 (380610).
PENHA DE FRANÇA — Zional, R. Mo- Rais Soares, 56-C (847708) ✲ Europa, Av. General Roçadas, 27-A-B (843880).
PICHELEIRA — Mariuz, Calç. da Pichelaira, 140-B-C (720703-728395).
REGO — Prates & Mota, R. da Beneficência, 91 (773728)
S. BENTO — Silva Santos, R. da Escola Politécnica, 80 (660280) ✲ Vieira, R. dos Poiais de S. Bento, 73 (663573).
DE ST. APOLÓNIA AO PEATO — Nova Luz, Rua D. Domingos Jardo, 28-A (843439) ✲ Martins, Ld.ª R. Fernão de Magalhães, 33 (849448).

● Na Linha de Sintra

AMADORA — S. Jorge — R. C, loja 5, Reboleira; Campos — R. Elias Garcia, 185 (Tel. 930072); Clabel — R. António Sardinha, lote 5, loja B (Tel. 931551); Dias — Av. Marquês de Pombal, lote 9 (Tel. 934589).
DAMAIA — Confiança — Estrada Militar, lote D (Tel. 971023).
QUELUZ — André — Avenida Elias Garcia, 151 (Tel. 950043); e Queluz — Avenida Miguel Bombarda, lote 4 (Tel. 951844)
CACÉM — Central — R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034).
MEM MARTINS — Química — Est Mem Martins, 285 (Tel 2910012).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel. 980456)
SINTRA — Marrazes — Vile — L. Rainha D. Amélia, 20 (Tel. 980155).
COLARES — Colares — Abreia (Tel. 299088)

● Na Linha de Cascais

ALGÉS — Nifo — Avenida Combatentes da Grande Guerra, 64 (Tel 212070).
CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro 1-A (Tel 242839).
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — R. Costa Pinto, 186 (Tel. 2420034).
OEIRAS — Godinho — R. Candido dos Reis, 98 (Tel. 2430090)
PAREDE — Aisir — Av Gago Coutinho — Bairro das Caixas de Previdência (Tel 2472948)
ESTORIL — Lopes — R. Hangar, 3 (Tel. 260008)
CASCAIS — Misericórdia — Rua do Regimento 19, n.º 41 (Tel. 280141); Cascais — Rua Conde de Monte Real, Bairro das Caixas (Tel 282407).

● Na Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes — L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137).
ALHOS VEDROS — Gusmão — R. Candido dos Reis, 30 (Tel 224020)
ALMADA — Nuno Alvares — R. Nuno Alvares Pereira, 39 (Tel. 2700504).
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Est. Nacional, 174
BARREIRO — Pimenta — R. Conselheiro Joaquim A. de Aguiar, 259 (Telefone 2273012)
COVA DA PIEDADE — Atlântico — Quinta do Pombal, 1 (Tel. 274365).
MOITA — Silva Rocha — P. da Republica, 16 (Tel 239029)
MONTIJO — Montepio — R. Almirante Reis, 93 (Tel. 230035).
SESIMBRA — Leão — Av. Salazar (Tel. 229025).
SETÚBAL — Bocageana — R. do Romeu (Tel. 23425); Bairros — B. Santos Nicolau (Tel. 23330).
SEIXAL — Godinho — L. da Igreja, 51 (Tel 2218580)

CENTRO DE ENFERMAGEM PERMANENTE
Injecções — Tratamentos — Velas — Soros — Oxigénio — Camas articuladas — Ambulância
Telef PPC 76 61 61

MÉDICO PERMANENTE
CLÍNICA GERAL
CHAMADAS TELEFÓNICAS 76 61 46

CENTRO ENFERMAGEM DE URGÊNCIA SANTA MARTA
INJECÇÕES, TRATAMENTOS E VELAS, OXIGÉNIO, SOROS E CAMAS ARTICULADAS
Rua Conde Redondo, 56, 2.
Telef 43738

SILENCIOSOS E PORTA-BAGAGENS

Montagem rápida

Silenciosos para todas as marcas de carros e tubos de escape, temos em «stock», fazemos todos os modelos, assim como para camions e tractores

VIANA & FILHOS, LDA.
Rua Actor Taborda, 20
Telef. 734688
(ao Saldanha)

LIMPEZA E RESTAURO DE CARPETES

Consulte os serviços especializados da **FÁBRICA DE TAPEÇARIAS SULTÃO.** Pedidos aos escritórios: R. Conde Redondo, 64, 2.º. Dir. — Telef 59288.

Orçamentos grátis

CARLOS EDUARDO CARDOSO MOREIRA

FALECEU

Maria José Ferro Palma Moreira, Maria Joaquina de Barros Rocha, Jorge Joaquim Rocha, Carlos Jorge de Barros Rocha, Mário José de Barros Rocha, irmãs, cunhados e demais família participam o seu falecimento e que o funeral se realiza amanhã, ás 9.30 horas, da Igreja de S. João de Deus, para jazigo no cemitério de Beringel (Beja).

AGÊNCIA SALGADO DA RUA DA ROSA — TELEF. 324257

Luís Brehm Faria Ferreira

Missa do 30.º Dia

AGRADECIMENTO

Isaura Varino Faria Ferreira, Maria Luzia Brehm Faria Ferreira, Óscar Luís Brehm Faria Ferreira, e Mário Varino, participam que amanhã, dia 8, pelas 9.30 horas, na Igreja de São João de Deus, será rezada Missa pelo eterno descanso de sua Alma.

Agradecem reconhecidos ás pessoas, que se dignarem assistir a este piedoso acto; assim como a todas as que por qualquer forma lhes testemunharam o seu pesar, e a quem o não fizeram directamente.

Luís Brehm Faria Ferreira

Missa do 30.º Dia

MANUEL DA CUNHA PEREIRA, PARTICIPA AOS COLEGAS DO CURSO DE 1933/1940 — LICEU PEDRO NUNES que se celebra Missa de sufrágio, amanhã, dia 8 pelas 9.30 horas na Igreja de São João de Deus. Bem haja a todos que queiram acompanhá-lo nesta romagem de saudade.

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Efect	Compra	Venda
Cons. 4 3/4 % 1. 10 ...	677$00	677$00	678$00
Cons. 3 % 1. 10 ...	744$00	743$00	745$00
Cons. 3 1/2 % 1. 10 ...	855$00	854$00	857$00
Centenários 4 % 1940 ...	1.985$00	1.985$00	1.990$00
Obg. Tes. 4 1/2 % 1942	—	1.012$00	—
Obg. Tes. 4 1/2 % 1943	—	1.012$00	—
Obg. Tes. 4 1/2 % 1944	—	1.012$00	—
Externo 1.ª série	—	1.200$00	—
Externo 1.ª série cor.	1.250$00	1.250$00	—
Externo 2.ª série	—	1.250$00	—
Externo 2.ª série cor.	—	1.250$00	—
Externo 3.ª série	1.350$00	1.270$00	—
Externo 3.ª série cor.	—	1.340$00	1.350$00
Caut. 3.ª série s/l.	300$00	300$00	301$00
Obrigações			
Aguas Lisboa 5 %	485$00	480$00	490$00
Norte de Portugal 5 %	—	101$00	—
Gás, Elect. 3 3/4 %	—	920$00	—
Gás, Elect. 4 %	—	—	940$00
Gás, Elect. 4 1/2 %	940$00	935$00	945$00
Gás, Elect. 5 %	970$00	970$00	975$00
U. E. P. 3 3/4 %	—	—	—
U. E. P. 4 % 1945	—	90$00	91$00
U. E. P. 4 % 1948	—	—	—
U. E. P. 4 1/2 %	—	—	—
U. E. P. 5 % 1951	—	93$50	95$00
Sonefe	775$00	770$00	780$00
M. do Douro	950$00	950$00	960$00
H. E. S. Estrela	—	—	—
C. P. 4 1/2 %	1.002$00	1.001$00	1.003$00
Metropolitano	1.001$00	1.000$00	1.002$00
TAP	995$00	995$00	997$00
Acções			
Bancos			
Alentejo	—	1.180$00	—
Angola	—	1.400$00	1.480$00
Espírito Santo	—	11.000$00	11.500$00
Lisboa & Açores	—	—	4.400$00
Portugal	—	2.405$00	2.450$00
Ultramarino	1.426$00	1.426$00	1.428$00
Agricultura	1.260$00	1.250$00	1.270$00
Crédito Predial	—	1.550$00	1.570$00
P. Atlântico	—	—	—
Totta Aliança	—	—	—
Seguros			
Fidelidade	—	—	—
Mundial	343$00	342$00	345$00
Sagres	—	—	—
Tagus	—	—	—
Soberano	—	1.300$00	1.800$00
C.ºs Ultramarinas			
Ag. Cassequel	—	555$00	560$00
Ag. das Neves	—	80$00	85$00
Agricultura Colonial	—	—	—
Açúcar de Angola	—	805$00	825$00
Boror	—	131$00	—
Cabinda	—	20$00	22$00
Cadá	1.510$00	1.512$00	1.520$00
Col. do Búzi	—	73$00	74$00
Ilha do Príncipe	—	—	440$00
Incomati	—	—	800$00
Moçambique	64$00	64$00	65$00
Zambézia	—	45$00	47$00
Diamantes	1.173$00	1.172$00	1.176$00
Lobito	—	530$00	540$00

Comp.ºs diversos	Efec.	Compra	Venda
Cimentos Tejo	—	1.950$00	—
Cimentos Leiria	—	—	1.500$00
Industrial Aliança	—	—	—
Portugal e Colónias	1.400$00	1.390$00	1.410$00
Nac. de Navegação	—	1.030$00	1.050$00
Col. de Navegação	—	—	—
Port. de Celulose	—	4.850$00	4.900$00
Port. de Pesca	—	1.000$00	—
Port. de Tabacos	338$00	338$00	340$00
Tabacos de Portugal	—	—	—
Petroquímica	—	3.900$00	3.950$00
Termoeléctrica	—	1.830$00	1.850$00
Sacor	5.105$00	5.105$00	5.150$00
Socel	3.870$00	3.850$00	3.880$00
U. F. Azoto	966$00	966$00	967$00
Águas, Electricidade e Gás			
Aguas Lisboa 1934	—	555$00	570$00
Aguas Lisboa 1936	—	—	500$00
Eléct. das Beiras	—	1.790$00	1.850$00
Gás e Electricidade	419$00	419$00	419$50
H. Alto Alentejo	272$00	272$00	273$00
H. E. Cávado	1.420$00	1.420$00	1.425$00
H. E. Zêzere	1.535$00	1.535$00	—
Nac. de Electricidade	1.670$00	1.665$00	1.675$00
União Eléctrica Port.	248$00	247$00	248$00
H. Douro	1.444$00	1.442$00	1.445$00
H. E. S.	—	—	2.030$00
F. Invest. Atlântico	—	173$90	175$50
C I D E S	—	118$70	122$30

BANCO BORGES & IRMÃO

PAÍSES	COMPRA	VENDA
África do Sul — Rand	35$50	37$50
Alemanha — Marco	7$05	7$25
América:		
Dólares de 1 a 2	28$40	28$70
Dólares de 5 a 1000	28$60	28$90
Argentina — Peso	$10	$15
Áustria — Shilling	1$10	1$15
Bélgica	$55,7	$57,7
Brasil — Cruzeiro	$01,1	$01,6
Canadá — Dólar	26$40	26$90
Dinamarca — Coroa	4$07	4$27
Espanha — Peseta	$47,5	$48,5
Congo — Franco	$06	$08
França	5$77	5$92
Holanda — Florim	7$80	8$05
Inglaterra — Libra	79$50	81$00
Itália — Lira	$04,55	$04,7
Marrocos — Dirham	4$60	5$10
Noruega — Coroa	3$90	4$10
Suécia	5$40	5$70
Suíça — Franco	6$60	6$75
Ouro:		
Inglaterra (Libra Isabel)	285$00	295$00
Inglaterra (Libra)	285$00	295$00
Portugal — barra fino	32$80	33$50

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Telef. 321273

CARTAZ DOS CINEMAS

ESTREIAS DE HOJE

ESQUADRILHA 633 — SÃO JORGE

WINNETOU — AVIS

DUELO NO RIO BRAVO — POLITEAMA

TIVOLI
Telef. 5 05 95
(M. 12 anos)
Às 3 da tarde e 9.30 da noite
7.ª MÊS
26.ª SEMANA
Um espectáculo maravilhoso em TODD-AO em 70 mm
MÚSICA NO CORAÇÃO
c/ Julie Andrews e Christopher Plummer

EDEN
Telef. 32 07 68
As 15.15, 18.30 e 21.30
(Adultos)
Um filme com interpretações excepcionais
UMA VIDA POR VIVER
com Gleen Ford — Geraldine Page

MONUMENTAL
Telef. 55 51 31
As 15.15 e 21.30
Um filme de grande e extraordinária categoria
O EMISSÁRIO DA MAFIA
com Alberto Sordi — Norma Bengele

POLITEAMA
Telef. 32 63 05
HOJE, ás 21.30
ESTREIA
Um filme de acção sempre arrebatadora
DUELO NO RIO BRAVO
com Guy Madison e Madeleine Lebeau
A história do mais temido pistoleiro do Far West... Era o primeiro a disparar...
Scope-Col. (M. 12 anos)

SÃO JORGE
Telef. 5 41 53/54
Às 21.30
ESTREIA
(M. 17 anos)
ESQUADRILHA 633
com Cliff Robertson—George Chakiris — Maria Perschi
As 15.15, 18.15 (M. 12 anos)
MÁSCARAS PARA TODOS

estúdio 444
Telef. 75 0095
As 15.30 e 21.45
(Adultos)
11.ª SEMANA
DE SENSAÇÃO
AS ESCRAVAS AINDA EXISTEM
Realização de Maleno Malenotti

MUNDIAL
Telef. 53 87 43
Às 15.15, 18.15 e 21.30 (Adultos)
(M. 17 anos)
A espirituosa comédia
O HOMEM QUE GOSTAVA DAS RUIVAS
com Moira Shearer e John Juskin
(AR CONDICIONADO)

EUROPA
Telef. 66 10 16
As 15.30 e 21.45
(M. 12 anos)
REVOLTA NA BOUNTY
com Marlon Brando, Trevor Howard e Richard Harris

AVIS
Telef. 4 71 63
(M. 12 anos)
Às 21.45
(M. 12 anos)
O 1.º e espectacular filme da nova «Temporada - Suspense», com Lex Barker, Karin Dor e Pierre Brice
WINNETOU
— A REVOLTA DOS APACHES —
Fotografia em Cinemascope e Eastmancolor
AR CONDICIONADO

RESTELO
Telef. 61 03 75
Às 21.30
(Adultos)
TÓTÓ DA ARÁBIA

LIZ
Telef. 4 85 60
As 21 horas
(Adultos)
A MULHER DE PALHA
NORMAN NO HOSPITAL

CINEMA IDEAL
Telef. 32 41 94
As 15.15 e 21 h.
(M. 17 anos)
A ÚLTIMA AMBIÇÃO
O GUME DA NAVALHA

ESPLANADA PORTUGÁLIA
Telef. 47663
As 21.30
(M. 12 anos)
A MÃO DO GORILA
AVENTURAS DE D. JUAN

IMPÉRIO
Telef. 55 51 34
As 15.15 e 21.30
(M. 12 anos)
A vida de um génio
EL GRECO

estúdio
As 15.30, 18.30 e 21.45
(Adultos)
8.ª SEMANA
O maior filme de sempre
ÁFRICA ADEUS

SÃO LUIZ
Telef. 32 71 72
Às 15, 18.15 (p. r.) e 21.30
(Adultos)
Homens que eram feras e só como feras mereciam viver
INFERNO NA TERRA

CONDES
Telef. 32 25 29
Às 15.15, 18.15 (p. r.) e ás 21.30
(M. 12 anos)
A mais extraordinária aventura dos tempos modernos
O SATÉLITE MISTERIOSO
(Le ciel sur la tete)
Um «suspense» de antecipação rodado a bordo do porta-aviões Clemanceau
Real Yves Ciampi em Eastmancolor e Franscop

ROMA
Plateia 72 77 78
Balcão 72 91 92
Às 15.30 e 21.45
(Adultos)
2.ª semana de êxito
Hardy Kruger, Catherine Deneuve, Charles Vanel e Marilu Tolo
no «melhor filme francês de 1965»!
RUDES PAIXÕES
(Le Chant du Monde)
Uma obra-prma de MARCEL CAMUS
AR CONDICIONADO

ODEON
Telef 32 62 83
As 15 e 18 horas (p. r.) e 21.30
4.ª SEMANA
E ULTIMA
O melhor filme português de sempre
AMOR DE PERDIÇÃO
Realização de António Lopes Ribeiro segundo o famoso romance de Camilo. Com António Vilar, Assis Pacheco, António Silva.
(M. 12 anos)

ALVALADE
As 15.45 (p. r.) e 21.45
(Adultos)
INFERNO NA TERRA
com Ben Gazzarra e Rod Steiger
As 15.45: «Modelos de Paris» (Adultos)

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

MONUMENTAL — As 21 e 45: «A cidade não é para mim» (12 anos)
VASCO SANTANA — As 21 e 45: «A Rabeca» (17 anos)
VILLARET — As 21 e ás 23: «Quando é que tu casas com a minha mulher?» (17 anos)

CINEMAS

ARCO IRIS — As 21: «Coplan acção imediata» (12 anos).
CAPITÓLIO — As 21 e 30: «O Cardeal» (17 anos).
CINEARTE — As 21: «O repasto das feras» (17 anos)
IMPERIAL — As 21: «Quo Vadis» (12 anos).
JARDIM — As 21: «Mata Hari, agente secreto» (17 anos)
OLIMPIA — As 19: «O Barão da Serra» (12 anos)
PARIS — As 21: «Passaporte para o desconhecido» (12 anos).
PROMOTORA — As 21: «Com a maldade na alma» (17 anos)
SALÃO LISBOA — «Rebeca» (17 anos).
CINE-MOSCAVIDE — «Luzes sem Ribalta» (12 anos).
B. V. LOURES — «A Comédia do Mundo» (12 anos).
CINE-ORIENTE — F. B. I agente implacável» (17 anos).
CINE-CASTANHEIRA — «Sandokan contra o Leopardo» (12 anos)

● Na Linha de Sintra

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 15: «A 6.ª testemunha» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — As 21 e 15: «Aventuras de Pil e Mili» (12 anos)
MEM MARTINS — CINE-CHABY — As 21 e 30: «De cor morena» (17 anos).
ERICEIRA — CASINO — As 21 e 15: «O indomável» (17 anos)

● Na Linha de Cascais

TEATROS

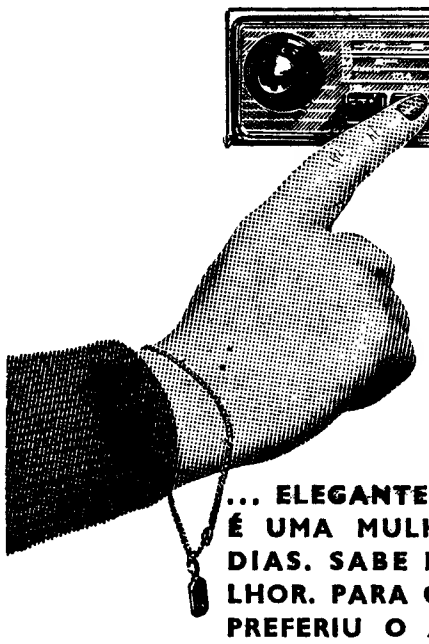
ALGÉS — STADIUM — As 21: Variedades (12 anos)

CINEMAS

PAÇO DE ARCOS — CINE-TEATRO — As 21 e 15: «A herança» (17 anos).
OEIRAS — OEIRAS-CINE — As 21: «O maior império do mundo» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e 30: «Quando os abutres voam» (17 anos).

● Na Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — As 21 e 15: «Um dólar furado» (17 anos).



ELA É MODERNA...

... ELEGANTE, CULTA, VIAJADA. É UMA MULHER DOS NOSSOS DIAS. SABE ESCOLHER O MELHOR. PARA O SEU CARRO ELA PREFERIU O AUTO-RÁDIO PHILIPS. TEVE BOM GOSTO. O AUTO-RÁDIO PHILIPS DISTINGUE-SE PELA QUALIDADE E PELA BELEZA DAS SUAS LINHAS.

GARANTIA INTERNACIONAL

AO COMPRAR UM AUTO-RÁDIO PHILIPS NÃO TERÁ APENAS A QUALIDADE QUE DISTINGUE UMA MARCA DE PRESTÍGIO MUNDIAL. ALÉM DE OUTRAS VANTAGENS, TODOS OS AUTO-RÁDIOS PHILIPS BENEFICIAM DE GARANTIA INTERNACIONAL QUE LHES PROPORCIONA A ASSISTÊNCIA TÉCNICA PHILIPS EM TODO O MUNDO.

AUTO-RÁDIO PHILIPS

BUNGALOW ESTILO AMERICANO
ÚNICO NO GÉNERO NA COSTA DO SOL

Lindo e funcional, const. em forma de L, num lote com 900 m2. Composto de hall, lav. e beng., living-room com 72 m2, ou seja sala estar de 9×6 c/ fogão e alpendre 4,5×4, sala jantar c/ 4×4,40, coz., desp., casa lavar e engomar, quarto criada c/ roup. e c. banho, 3 g. quartos, 5 roup. e 2 c. banho, garagem c/ 40 m2, e ainda cave c/ 25 m2 p. adega e arrecadações. Boa construção e bons acabamentos. Aquecimento Thermovent. Já tem telefone. É situado em BIRRE, no Bairro dos Diplomatas.

TRATA: POLICARPO — CASCAIS — TELEF. 281497
TAMBÉM ATENDE AO DOMINGO

bom apetite

RESTAURANTE BÓLIDE
(Premiado nos concursos do S. N. I.)
A MANHÃ
BACALHAU NO FORNO A BÓLIDE
ARROZ DE FRANGO À TRIPEIRINHA
Diàriamente especialidades da casa
AV. DE ROMA, 7-A — Telef 763522

CHURRASCO
RESTAURANTE
ABERTO ATÉ ÀS 3.30 H
Rua das Portas S. Antão, 83
Telef 323059

Restaurante CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA
Est. da Torre - Lumiar - Tel. 790168
ESPECIALIDADES DIARIAS
SALAS RESERVADAS PARA BANQUETES E LANCHES DE CASAMENTO
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR

RESTAURANTE REFÚGIO DO TAVARES
Casa especializada em MARISCOS E FRANGO NO ESPETO
Serviço à lista
Av. Braga, N.º 3 — Telef 62475
PÓVOA DE VARZIM

RESTAURANTE CUBANA
Av. Miguel Bombarda, n.º 14
Telefone 77 32 80
COZINHA PORTUGUESA
Amanhã: Bacalhau á Cubana
Sábado: Caldeirada á Cubana

CALDAS DA RAINHA
HOTEL ROSA
120 anos ao serviço do Turismo
Todo o conforto
Serviço de Restaurante
Av. Miguel Bombarda, n.º 14
(Aberto todo o ano) Telef. 22163

CALISTA
JOAQUIM ALVES ANTUNES
EX-CALISTA DO CABELEIREIRO DO CHIADO
Participa aos seus estimados clientes que se mudou para a R. Nova da Trindade, 1-1.º — LISBOA — Telef 33022.

15 000 CONTOS para Cabo Verde

Foi hoje assinado, no Ministério do Ultramar, um contrato de empréstimo pelo Banco de Fomento Nacional á província de Cabo Verde, na importância de 15 000 contos, destinado a ser coberto por subscrição pública em acções nominais de 1000 escudos. Este empréstimo destina-se ao aumento de capital da Companhia de Pesca e Congelação *(Congel)*, com sede em S. Vicente. Assinaram, em nome da província o ministro Silva e Cunha e pelo Banco de Fomento o governador prof. Daniel Barbosa. Assistiram ao acto o subsecretário de Estado do Fomento Ultramarino e o comandante Sacramento Monteiro.

A fachada do edifício do actual Instituto de Medicina Tropical, extinto para dar lugar á Escola Nacional de Saúde Pública e Medicina Tropical, que funcionará nas mesmas instalações, devidamente ampliadas

A criação da Escola Nacional de Saúde Pública e Medicina Tropical

põe termo à existência independente de um prestigioso estabelecimento científico

O decreto-lei enviado para o «Diário do Governo» e pelo qual é criada em Lisboa a Escola Nacional de Saúde Pública e de Medicina Tropical, põe termo á existência independente de um dos nossos mais prestigiosos estabelecimentos científicos — o Instituto de Medicina Tropical.

Na origem do presente diploma esteve o trabalho de uma comissão composta pelo prof. Francisco Cambournac, director do Instituto de Medicina Tropital; pela dr.ª D. Maria Luísa Van-Zeller, directora-geral de Saúde; pelo dr. Bernardino Pinho, director do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge; pelo prof. Guilherme Jorge Janz, do Instituto de Medicina Tropical, e pelo dr. Artur José Rocha Martins Barbosa, chefe da repartição de Saúde do Ministério do Ultramar.

A Escola Nacional de Saúde Pública e de Medicina Tropical fica na dependência dos Ministérios do Ultramar e da Saúde e Assistência, «atendendo ás circunstâncias ocorrentes e nomeadamente ao facto de essa Escola ter por objecto estudos que hoje são professados em estabelecimentos de ensino integrados naqueles ministérios (Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge, que de futuro se consagrará apenas a actividades investigadoras e laboratoriais, e Instituto de Medicina Tropical)».

Mas prevê-se no articulado que a referida Escola virá a transitar para o Ministério da Educação Nacional quando assim se mostre conveniente e possível.

Serão construídos novos pavilhões no actual Instituto de Medicina Tropical

A Escola, na qual são desde já criados Cursos de Saúde Pública, de Medicina do Trabalho, de Medicina Tropical e Elementar de Higiene Tropical, funcionará nas instalações actualmente ocupadas pelo Instituto de Medicina Tropical, na Junqueira. Como os serviços próprios do Instituto já mal cabem nas edificações actuais, será necessário construir novos pavilhões, cuja implantação, a norte do edifício principal, foi aliás recentemente estudada, durante uma visita ao local dos ministros do Ultramar e das Obras Públicas.

Entre outras funções que lhe venham a ser cometidas, a Escola Nacional de Saúde Pública e Medicina Tropical tem as de ensino, de investigação e de divulgação.

Dado que a complexidade dos problemas da saúde pública impõe o recrutamento de técnicos altamente especializados em variadas disciplinas, e que tal preparação só pode ser obtida numa Escola de Saúde Pública devidamente estruturada e apetrechada, compreende-se o contributo que ao novo estabelecimento dará o Instituto de Medicina Tropical, pelas suas tradições no ensino e na investigação e também pelas magníficas instalações de que dispõe desde 1958.

Mais de 2200 médicos diplomados em Medicina Tropical

Efectivamente, Portugal foi o terceiro país do Mundo a fundar um estabelecimento científico votado especialmente á medicina tropical: a Escola de Medicina Tropical, inaugurada em 1902, e transformada em Instituto de Medicina Tropical em 1935.

Como manifestações mais importantes da actividade do Instituto de Medicina Tropical, deve referir-se a realização anual de cursos para médicos (obrigatórios para todos os que desejam ingressar no quadro de Saúde do Ultramar) e de que resultou a concessão do diploma de Medicina Tropical a mais de 2200 médicos; a realização de missões de estudo aos territórios portugueses do Ultramar; a realização de trabalhos de investigação, e a participação dos seus professores em organizações, conferências e congressos de carácter nacional e internacional, de tal modo qualificada que o corpo docente do Instituto tem lugar de relevo nas instituições internacionais relacionadas com as diversas matérias de que se ocupa — Higiene e Climatologia, Patologia e Clínica Tropicais, Entomologia e Helmintologia, Hematologia e Protozoologia, Bacteriologia e Virologia, Epidemiologia e Biostatística.

Para a realização da sua importante actividade de ensino e investigação, dispõe o Instituto de três grandes laboratórios para os alunos, de dois anfiteatros climatizados para aulas teóricas, de grande biblioteca e de serviços de documentação bibliográfica e fotográfica, biotério, renário, insectário, etc., além de diversos laboratórios especializados. Pode-se recordar que se faz no Instituto a cultura da tsé-tsé, com o objectivo de estudar experimentalmente a transmissão natural da doença do sono e segundo métodos originais postos em prática sob a orientação do sr. prof. dr. J. Fraga de Azevedo.

Actividade notável no combate às endemias nas províncias ultramarinas

Desde os estudos do prof. Aires Kopke, em 1905, sobre o tratamento pelo atoxil da doença do sono, afecção que até então levava inexoràvelmente á morte, a Escola (depois Instituto) de Medicina Tropical foi desenvolvendo as suas investigações na Metrópole e no Ultramar. As missões de estudo ás províncias ultramarinas, em especial ás mais pequenas, que não tinham uma estrutura sanitária adequada, transformaram-se em missões de estudo e de combate a determinada doença. A primeira actividade deste tipo foi a Missão de Estudo e Combate á Doença do Sono da Guiné, chefiada pelo prof. Oruz Ferreira, actual subdirector do Instituto. Mais tarde, com a criação da Direcção-Geral de Saúde e Assistência do Ministério do Ultramar, os serviços de saúde passaram para a dependência dela, reservando-se ao Instituto as tarefas propriamente de ensino e investigação. Mas entretanto as Missões do Instituto realizaram acção notável. Entre os trabalhos que tiveram maior repercussão, salientam-se o extermínio da doença do sono na ilha do Príncipe, o combate á mesma endemia na Guiné (onde a doença do sono ficou reduzida a focos residuais de fraca intensidade); a resolução de diversos problemas de saúde publica em Cabo Verde, e sobretudo a irradicação da malária; e as missões permanentes de estudo e combate a endemias em S. Tomé e Timor. Ainda no ano passado o Instituto efectuou novas missões de estudo a S. Tomé (erradicação da malária), a Timor (aspecto local de algumas endemias) e a Cabo Verde (anquilostomíase, combate á lepra, etc.). E decorreu no Instituto de Medicina Tropical um simpósio sobre um novo medicamento para o tratamento das bilharzíases, medicamento cujo ensaio se fez naquele estabelecimento (serviço do prof. Cruz Ferreira), aliás no seguimento de outros ensaios terapêuticos efectuados com diversos medicamentos específicos das doenças tropicais.

A Escola de Medicina Tropical foi primeiramente dirigida pelo dr. António Ramada Curto, a quem sucederam no cargo o prof. D. António de Lencastre (1904), o prof. Silva Telles (1906), o prof. Aires Kopke (1928) e, desde a transformação de Escola em Instituto, o dr. António Damas Mora (1935), o dr. Vasco Palmeirim (1939), o prof. Fraga de Azevedo (1943) e o prof. Salazar Leite (1962). Desde 1964, é director do Instituto o prof. Francisco Cambournac.

ESTÁ ELABORADO

O PROGRAMA COMEMORATIVO DA INAUGURAÇÃO DA PONTE DE LISBOA

Encontra-se já definitivamente elaborado o programa das comemorações da inauguração da ponte sobre o Tejo em Lisboa, a efectuar no dia 6 do próximo mês de Agosto.

Do programa constam as seguintes cerimónias:

Ás 10 e 30 — cerimónia da inauguração; ás 13 — chegada do cortejo que acompanha o sr. Presidente da Republica á Praça Afonso de Albuquerque e desfile em frente do Palácio de Belém; ás 13 e 30 — abertura da ponte ao publico; ás 16 — abertura da exposição retrospectiva da ponte; ás 21 e 30 — iluminações publicas, arraiais, concertos e marchas populares; ás 22 — recepção oferecida pelo presidente da Camara Municipal de Lisboa nos Paços do Concelho, e ás 0 e 30 — fogo de artifício no rio e nas colinas da margem sul do Tejo.

No dia 7, efectuam-se os seguintes actos:

Ás 9 horas — regatas de remo e vela, provas de natação na área compreendida entre a ponte e a doca de recreio em Belém, Porto Brandão e Trafaria; ás 10 — missa campal no Santuário de Cristo Rei; ás 15 e 30 — sessão solene nos Paços do Concelho de Setubal; ás 17 — revista pelo Chefe do Estado á concentração das frotas de pesca e de recreio de Sines, Setubal e Sesimbra, no rio Sado; ás 18 e 30 — tourada de gala na praça Carlos Relvas, em Setubal; ás 21 — jantar e recepção no cas o de S. Filipe, oferecidos pelas autoridades administrativas de Setubal; ás 21 e 30 — iluminações publicas e arraiais em Lisboa, Setubal e Almada; ás 22 — bailados da fonte luminosa da Praça do Império, em Lisboa, e ás 23 — fogo de artifício no rio Sado.

Finalmente, no dia 8, efectuam-se as seguintes cerimónias:

Ás 11 horas — apresentação do filme sobre a construção da ponte; ás 12 — abertura da exposição de trabalhos do concurso «A ponte vista pelas crianças»; ás 16 — passeio Lisboa-Estoril-Lisboa, oferecido pelo ministro da Marinha, com recepção a bordo em navio da Marinha Mercante; ás 21 e 30 — iluminações publicas e arraiais em Lisboa, Setubal e Almada; ás 22 — recepção oferecida pelo ministro das Obras Publicas, no Palácio Nacional de Queluz.

Os transportes pela ponte sobre o Tejo

Foi publicado no «Diário do Governo» (1.ª série, de 1 do corrente) o decreto, pelo Ministério das Comunicações, que estabelece, como nos referimos, o regime dos transportes colectivos de passageiros pela ponte sobre o Tejo e seus acessos.

NONAGENÁRIA

ENCONTRADA MORTA EM SUA CASA

ÉVORA, 7 — Numa dependência da sua casa, sita á Rua da Cal Branca, foi encontrada morta a senhora Maria Joaquina de Sousa, viuva, de 93 anos, que até há pouco tempo se dedicava á venda de jornais nesta cidade. Era natural de Santa Bárbara de Nexe (Faro). Não há suspeita de crime.

O Chefe do Estado

visitou a Estação Zootécnica Nacional

SANTARÉM, 7 — O Chefe do Estado, acompanhado do ministro da Economia, secretário de Estado da Agricultura, director-geral dos Serviços Pecuários e de outras individualidades, visitou hoje, particularmente, a Estação Zootécnica Nacional, em Fonte Boa.

O sr. almirante Américo Thomaz foi ali recebido pelo governador-civil do distrito, pelo director daquele estabelecimento, sr. dr. Joaquim da Silva Portugal, veterinários e pessoal técnico.

Depois de ter observado instalações no campo, o Chefe do Estado tomou o café com a sua comitiva, tendo a seguir procedido ao descerramento de uma lápida comemorativa da visita.

Por ultimo, foi servido um almoço na casa da direcção.

SE DURANTE O DIA OS SEUS AFAZERES O NÃO PERMITEM

MARCAMPO

CONVIDA-VOS A VISITAR O SEU

SALÃO DE EXPOSIÇÃO

na Av. Almirante Gago Coutinho, 102-B

TODAS AS 5.AS-FEIRAS DAS 21 ÀS 24 HORAS

para apreciarem os últimos modelos de CARAVANAS das marcas «ECCLES», «FLECHA», «MARCAMPO» e «SPRITE»

CURSO DOS LICEUS

FEMININO — DIURNO — NOCTURNO

LARGO CONDE POMBEIRO, 12 — TELEF. 57048

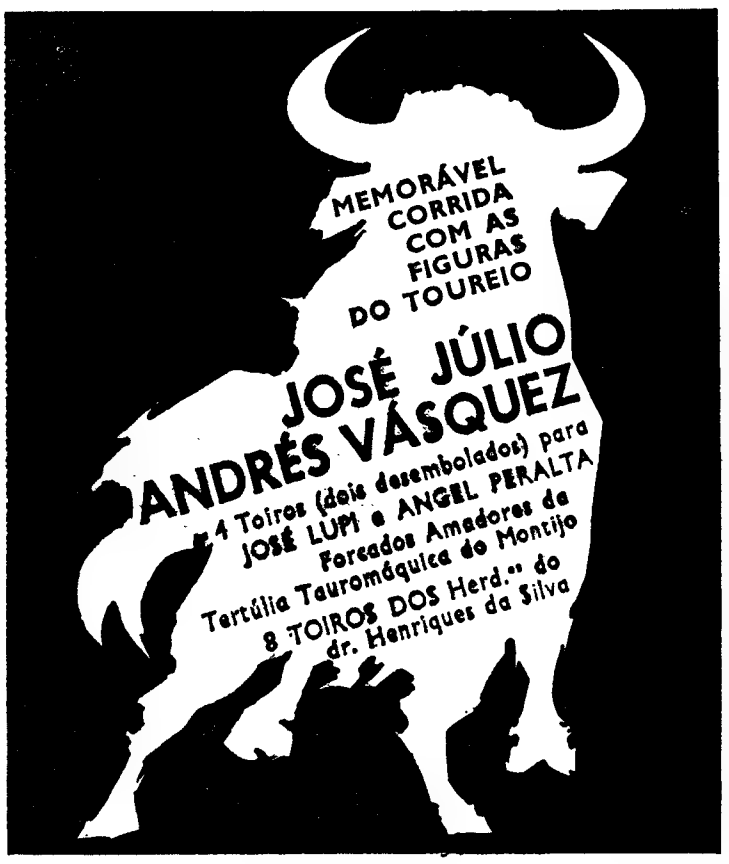
(entre os Anjos e o Campo Santana)

LATINA

M/6 ANOS

CAMPO PEQUENO

HOJE, ÀS 22 HORAS



Bilhetes à venda nos locais do costume

(Telefs. 761539, 771819, 30769 e 321712)

Vida literária e artística

2.º CADERNO
SUPLEMENTO SEMANAL DO
Diario de Lisboa
N.º 414
7-7-1966

A ETERNA QUESTÃO DAS CÉLEBRES CARTAS DE SOROR MARIANA

NUM LIVRO DE ANTÓNIO BELARD DA FONSECA

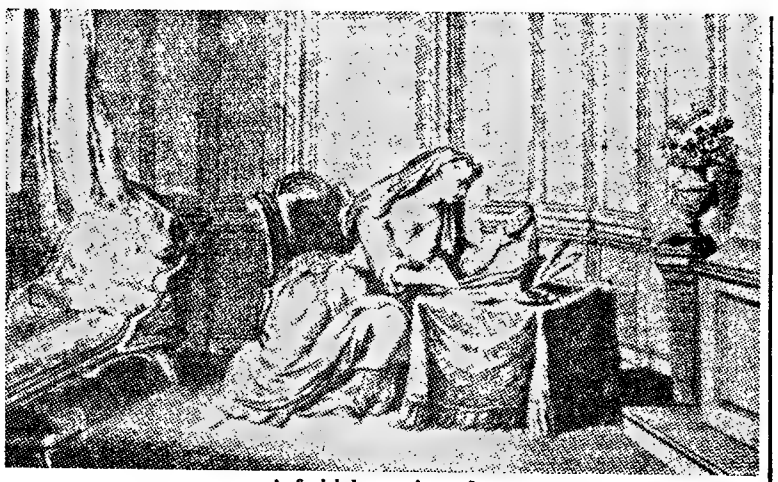
por MANUEL MENDES

DESDE que há cerca de três séculos, exactamente em 1669, se publicaram em França as célebres *Lettres Portugaises* — ou como se intitulavam na edição de Colónia, do mesmo ano, *Lettres d'amour d'une religieuse* —, nunca mais o problema da autoria dessas cartas, que tão grande voga alcançaram, apaixonando para sempre o leitor, deixou de ser discutido acaloradamente e muitas vezes com cegueira. Passavam, ora como autênticas, escritas na sua língua originária por uma religiosa portuguesa, que as enviara ao seu sedutor francês e este as facultara para traduzir, ora como obra de pura ficção, nascida do engenho mentiroso de um hábil homem de letras, que se baseava em indícios presumíveis, ou porventura em informações fornecidas pela gabarolice incorrigível de um vulgar *coureur de femmes*.

Nestas hipóteses se debatia o problema, embora com o decorrer do tempo fossem aparecendo notícias e documentos que denunciavam os figurantes do drama, e até, com toda a precisão, a cena onde ele se representara. Pronunciou-se o nome do galante-homem, ficando ainda, por cerca de século e meio, no anonimato, a personalidade da vítima de tão grande como desatendida paixão — a presumível autora das *Cartas*. Descoberto o nome desta, acidentalmente, Luciano Cordeiro viria a realizar, sobre essa base, um livro de investigação aturada e notável. Tudo parecia concorrer, por fim, para a incontestada autoria portuguesa das famosas missivas da freirinha de Beja. Os factos encadeavam-se uns nos outros, indiscutìvelmente, estabelecendo um quadro que dir-se-ia não oferecer duvidas.

Não obstante, os dois partidos haviam de continuar em acérrimo despique, envolvendo-se na contenda investigadores e críticos, a pontos de ainda este ano, em França, o poeta Claude Aveline se haver visto forçado a recorrer aos tribunais, exigindo que fosse dada reparação á sua honorabilidade de escritor, ferida pelo destempero de linguagem de dois eruditos, que, militando em critério oposto ao seu, vieram renovar a pugna, não se limitando a pôr em duvida, mas negando com veemência a autoria das *Cartas* a Soror Mariana Alcoforado.

O gentil-homem sedutor



A freirinha apaixonada

É longa de relatar a peleja, que há tanto se arrasta e agora recrudesce. O contributo de criteriosa investigação histórica e sagaz senso crítico, que Luciano Cordeiro trouxe ao esclarecimento do problema, afigura-se não ter bastado para pôr termo á obstinada e velha contenda. Quando tudo parecia evidente, acrescido com algumas achegas posteriores, eis que a chama se reacende, mais com subtilezas conjecturais do que com a aquisição de novos factos incontroversos, no sentido de roubar á monja de Beja a autoria daquele seu carpir e revoltado protesto de coração apaixonado e traído. Clama-se, fazendo finca pé num *registo de privilégio* do editor, que aquele escriba francês, que havia figurado como tradutor das *Cartas*, é de facto quem com pena mistificadora as inventou e redigiu, a modos de obra novelesca. Tudo o

(Continua na 3.ª página)

DAUMIER LEILOADO EM PARIS

No palácio parisiense Galliera foi apresentado há dias um conjunto excepcional de trabalhos dessa figura singular da arte oitocentista que foi Daumier. Acompanhando uma vasta colecção de litografias, figuraram na exposição 31 esculturas e 13 desenhos, que documentam facetas diversas do artista. E todas essas obras foram postas a leilão, dispersando-se ao sabor das predilecções e recursos de compradores circunstanciais. As esculturas, em especial, despertaram vivo interesse, destacando-se as que representam Guizot, por quem Daumier manifestava sincera admiração, e figuras da sociedade da época, como «O Homem de negócios», «O Dandy», «O Advogado», «O Amoroso», etc.

Daumier representado por ele próprio, numa escultura em gesso que foi posta á venda em Paris, em leilão efectuado no Palácio Galliera

Um esplendido catálogo, com 171 reproduções em fotogravura, é o que fica para conhecimento publico no termo dessa jornada comercial em que um grande artista teve, mais uma vez, as suas obras espalhadas pelos mais diversos destinos.

DIAGNÓSTICO DE UM CRÍTICO

Pierre-Henri Simon

e a literatura francesa

por GINETTE GUITARD-AUVISTE

Não foi por acaso, decerto, que o crítico literário de «Le Monde», Pierre-Henri Simon, publicou «Ce que je crois» (edição Grasset) e, quase simultaneamente, um «Diagnostic des Letres Françaises Contemporaines» em que são coligidos os seus principais artigos de crítica naquele jornal entre 1961 e 1963. Neste livro se documentam, transpostas para a realização literária, as doutrinas expostas no capítulo «Literatura» do seu ensaio, que é a expressão de um *credo*. Se foi acaso, é um acaso feliz, visto que permite apreciar as nuances e a moderação com que o crítico tempera o seu critério quando o aplica ao que outros pretenderam exprimir e não quando se representa inteiro num movimento de eloquência doutrinal em que esvazia o seu saco de tudo o que lhe pesa, o exaspera e o choca. Lançando-se impetuosamente num momento, refreando-se em outro, o crítico está sempre tenso perante o mesmo obstáculo infranqueável: a coisa literária, no aspecto mais acentuado da sua modernidade.

Pierre-Henri não se recusa, sem duvida, a examinar este aspecto da literatura. Assim o demonstram as suas páginas sobre o «nouveau roman» e sobre a «nouvelle critique». Mas, quando o lemos, não podemos deixar de oscilar entre a admiração por essa ho-

(Continua na ultima página)

Victor Hugo

e a caricatura

Na Casa de Victor Hugo, instalada na antiga residência do escritor, Place des Vosges, em Paris, foi há pouco inaugurada uma exposição de caricaturas alusivas a diversos passos da sua vida e da sua obra. Desenhos de Moynet, Daumier, André Gill, etc., formam um conjunto sugestivo que documenta a trajectória irrequieta e por vezes desconcertante do autor de «Les Misérables».

O baptismo satírico do impressionismo

por VARELA ALDEMIRA

DEPOIS da guerra de 1870, os artistas de vanguarda recusados ou admitidos por favor no *Salon* decidem agrupar-se em «Sociedade anónima), tendo por objectivo expor e directamente vender as suas obras ao público. Como, porquê, e qual o título dessa sociedade com sócios catalogados pelos nomes, não sendo anónimos? Eles representavam uma corrente artística de incerta etiqueta: não conformistas, pintores do *plein air*, intransigentes, naturalistas, independentes, muitos apodos e nenhuma nomenclatura definida e adequada aos seus princípios estéticos. E a sede, ou o local para a primeira exibição? O fotógrafo Nadar facilita o seu estúdio na sobreloja do 35, Boulevard des Capucines, frequentado por *tout Paris;* um gesto de mecenas bonachão que ficará na história. Igualmente célebre a data da abertura do certame, 15 de Abril de 1874.

Dos trinta concorrentes destaca-

(Continua na página seguinte)

O baptismo satírico do impressionismo

(Continuação da página anterior)

vam-se Pissarro, Monet, Renoir, Cézanne, e o ponderado Degas, na camaradagem de pouca duração ao retirar-se para um discreto e aristocrático solipsismo. Notou-se a falta de E. Manet, o de maiores responsabilidades na batalha renovadora, alguns justificando essa ausência pela hostilidade com Renoir e Cézanne, dois talentos ainda enigmáticos para o critério de E. Manet; uma razão *a priori* insuficiente. Também é inaceitável a fuga por disparidades com Nadar, de quem o pintor aceitou um retrato fotográfico de Baudelaire para gravar a água-forte, de igual modo gravando a máscara de Edgar Poe, 1856, servindo de modelo um daguerreótipo americano. Da mesma procedência nadarista e cordial seriam as fotos para o seu *Maximiliano*. A renúncia de E. Manet à exposição organizada pelo grupo baseava-se em duas causas de peso. Primeiro, a suspeita de uma «Sociedade anónima» que lhe parecia envolver problemas de direito comercial impróprios de artistas sem eira nem beira. Segundo, o triunfo absoluto no *Salon* do ano anterior, em a tela do *Bon Bock*, o moderno Franz Hals de Batignolles ovacionado e apregoado aos quatro ventos. Garantida oficialmente a sua glória, o pintor aspira ao *Hors Concours* e à Legião de Honra, distinções que receberá no devido momento para consagrar um revolucionário na ordem estabelecida. O artista patriota fez a guerra e não quer misturas com «proscritos» e desgovernados. Não há outra explicação para o caso.

Óra, dizem os livros que o título de um dos óleos de Monet, *Impression. Soleil levant*, causou engulhos trocistas a um reporter bufão do *Charivari*, e daí a original denominação da nova escola: Impressionismo. A «Sociedade anónima» resolvera a dificuldade crismal, graças a Monet e à crítica do azar. Nada mais acrescenta a erudita e histórica vulgarização. Todavia, parece-nos, interessante um exame mais circunstancial, pois no fundo de muitos azares existe, às vezes, um propositado espírito-santo de orelha...

Interrompemos o discurso para ouvir a pergunta de um aluno:

— Tendo E. Manet recusado a sua participação na mostra de 1874, por incompatibilidades ideológicas, artísticas e pessoais com os seus colegas, pode ser considerado impressionista?

— Pode, sim senhor. A interrogação é oportuna. Já lá vamos, dispensando-nos de apreciar as qualidades de cada pintor, influências e confluências, as indirectas e as directas sobejamente conhecidas. O nosso tema pertence mais directamente à psicologia da arte nas suas reacções implícitas, observadas por um determinismo explícito.

Que significa o impressionismo, em termos concretos e discretos? O impressionismo é a pintura de um instante no improviso técnico e retiniano. Improviso na aparência, porque o exemplo de Monet, com o seu expontâneo rosicler da alvorada, oferece-nos um instante que se repete todos os dias, sejam quais forem as suas variantes. Na presença do motivo, o pintor evoca as anteriores emoções num reconhecimento imediato. Não há experiência sem reminiscência. É costume associar a ideia do impressionismo à representação paisagística da luz, tomando-a como principal personagem do quadro; mas o fenómeno das impressões e sensações momentâneas acontece igualmente nos assuntos de interior, entre quatro paredes, e por aí se iniciou E. Manet antes de levar as tintas para o campo. E foi um impressionista pela vontade, pela palavra e pelas obras realizadas. Reparem nisto: A textual «impressão» entre pintores já era glosada, pelo menos, desde sete anos antes, 1867, e surgiu no prefácio que E. Manet escreveu para a sua exposição individual: «Não pretendo que considerem perfeito o autor destes trabalhos; ele é sincero e *n'a songé qu'à rendre son impression*». Cá está o vocábulo inocente, esquecido, despercebido, mas escrito e impresso muito antes da *impression* de Monet em 1874. Escapou aquele termo à especulação dos críticos na hora própria, e do qual ninguém se riu, distraídos com outros negócios o pio Nadar e o *Charivari* das p.adas. O publico do Boulevard des Capucines estava no direito de se divertir com a ousadia daquelas pinturas, desde que pagasse um franco de entrada. Porém, esse publico hostil e desatento esperou dez dias, depois da abertura das salas, para reconhecer a «impressão» registada no catálogo e dar-lhe asas para voar. De que maneira? Vemos aqui o dedo mágico do fotógrafo admirador da nova causa artística. *Le Grand Nadar, qui est bon comme le pain, nous preta le local*, e o resto, dirá Monet, reconhecido, ao lembrar o homem mãos rotas para os amigos, salutar como o pão que alimenta, generoso como um pai agasalhando os hóspedes sob o seu tecto. O bom Nadar colabora no *Charivari*, folha satírica onde actuam Daumier, Gavarni, Cham, e um redactor seu afeiçoado, Louis Leroy, discípulo e assistente do mestre Labiche. Na crítica dos costumes pela sátira não bastam a galhofa e a jocosidade. É preciso convencer, ensinar, apontando o ridículo onde se julga ver o intangível, e a verdade onde parece residir a mentira. Se o *contundente Charivari*, fundado em 1832, sustentou vinte processos no reinado de Luís Filipe, prova uma importancia no seu *castigat ridendo* muito além da vulgar anedota humorística. Mais tarde apresenta-se com o axioma pertinente e menos percuciente de respeitar os vencidos; e desde 1858 ali escreve Leroy, atrás citado, entregue ás letras depois de abandonar a modesta profissão de gravador e pintor, de algum modo, conhecido e sabido nos bastidores das artes plásticas.

Animado por Nadar, o camarada Leroy arranca do seu engenho uma crónica vinda á luz em 25 de Abril, sob a epígrafe, *L'Exposition des impressionistes*. A divisa ambicionada para autenticar o famoso grupo estava presente, escrita a sério, e nada mais era preciso. Bastaria o cabeçalho do artigo. Mas, a propaganda pelo riso é a que melhor convém ás multidões irreflectidas. No texto parodiante, o crítico imagina visitar o salão em companhia de um amigo paisagista e passadista, que na presença dos quadros, empalidece, sofre tonturas, sente-se *impressionado* ao contemplar tantas e perturbadoras *impressões*. De juízo perdido, ou recuperado, o pintor convertido retrata-se, renuncia aos princípios da antiga escola; e á saída implica com o porteiro, censura-lhe o detestado academismo da sua farda impecável e do seu rosto bonito. Muitas comédias, dramas e farças inventou o colaborador de Labiche, mas nenhuma como esta deu fama e proveito ao nome de Leroy. O sucesso consistiu em erguer com a pinça analítica a palavra *impression*, submersa no catálogo, lançando-a no argumento de uma cena teatral. E só então o publico reparou e fixou a palavra, dez dias depois de aberta a exposição.

O que a crítica sisuda, metódica, não foi capaz de empreender, conseguiu-o a caricatura, a sátira, descobrindo uma autenticidade inadvertida aos olhos dos que não podem ver. E os pintores interessados, agradecidos, adoptaram o baptismo do bem-vindo impressionismo, a revolução artística mais notável, mais inteligente e mais bela na história da pintura. O que veio depois é um carnaval de moto perpétuo na farandola de aglutinantes novidades.

A propósito de Nadar, que «emprestou» aos artistas a sua casa para nela exporem os seus trabalhos, recordamos o *Salão Bobone* da Rua de Serpa Pinto, a dois passos do Chiado. Era o protótipo dos estabelecimentos no sistema francês do ultimo quartel do século passado. O cliente entrava directamente no salão, de esplêndida luz zenital, museu obrigatório de retratos fotográficos de variada característica. Se desejasse ser atendido, o visitante subia cinco degraus e transitava para a galeria de largas vidraças, submetendo-se á pose em frente do aparelho. Noutras dependências da construção térrea funcionavam os laboratórios. Augusto Bobone foi condiscípulo de Columbano na aula de Miguel Lupi; mas, não passando da cepa torta em pintura, resolveu-se pela fotografia, associado a um Fillon de quem herdou a propriedade oficinal. A partir de 1910, com a chispa do negócio, a viuva de Bobone retira das paredes o mostruário fotográfio e aluga aos pintores (quieta no emprestar) o santuário de excelente luz caída do céu. E por ali desfilou meia Lisboa durante uma vintena de anos, não para tirar o retrato, mas sim para ver pinturas e desenferrujar a língua nas apreciações críticas. Columbano, menos assíduo, e ainda menos como expositor, fulminou aquelas paragens com o sarcasmo de «peste bobónica».

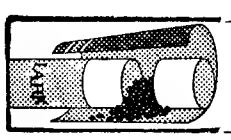
O imóvel sucumbiu vencido pela concorrência, a inflação de outras epidemias exibicionistas, para se erguer no local um edifício de cinco andares, o do numero 15. Nem para as belas-artes, nem para o comércio fotográfico, este evoluído no equipamento, menos aparatoso, o mester facilitado por apetrechos de algibeira e pela electricidade que dispensa as claraboias. Já não existem Bobones distinguidos pelas «Casas reais» e por muitos «Grands-Prix». A diversão é acessível a todos, e as lojas da especialidade vivem para os amadores industriosos. Sem querer, adjectivamos o substantivo industria, tão combatido em França pelos sucessores imediatos de Daguerre. Mas ele permanece, evidente na classificação e no conceito, segundo vemos entre nós pelo actual «Grémio Nacional dos Industriais de Fotografia». Industriais, efectivamente, como Ingres determinara no seu Manifesto, sem os impedirmos de serem perfeitos, artistas no brio da sua função, embora escravos das lentes e da máquina, o condicionalismo irredutível de ciência menor. Ao pintor bastam-lhe os olhos e as mãos obedientes á sua introspecção, virtude sensorial na ciência de uma Arte maior.

Mas, senão quando, uma voz de curiosa sintomatologia ouvimos há meses (23-2-1966) através da Imprensa, na inauguração da sede do referido Grémio português, o lamento de um profissional acerca do «baixo nível que ainda existe no ramo sob o ponto de vista artístico, acrescentando ser indispensável formar um escol nessa actividade». Dir-se-ia a presença lastimosa de Nadar, ou de Bobone, no eco distante de além tumulo. Ora, se ainda existe o que nunca devia existir, é porque nas artes e ofícios da *Tecne* helénica, onde perduram as regras, os métodos, as disciplinas, se abandona o culto da sensibilidade para os juízos de apreciação estética, os que distinguem o belo do feio (quando o feio não é belo), do mesmo modo que na ética se requerem julgamentos de valor relativos ao bem e ao mal, ao falso e ao verdadeiro...

(Conclui no próximo artigo)

VARELA ALDEMIRA

"Não há nada que satisfaça mais do que Lark."



O único cigarro com três filtros, sendo o intermédio de puros grânulos de carvão activado

FUME LARK: O NOVO CIGARRO MAIS POPULAR NA AMÉRICA

À VENDA EM TODO O PAIS

Representante: TABACARIA INGLESA — LISBOA

CIDADE
PRAIA • CAMPO
Sempre as mais recentes novidades nacionais e estrangeiras.

Romano

216-RUA AUGUSTA-218
LISBOA

ACTIVIDADE EDITORIAL

Nova edição
de um livro de poemas
de David Mourão-Ferreira

Esgotou-se em menos de três meses, pelo interesse de um público largo que consagrou o seu significado na literatura portuguesa contemporânea, a edição original do livro de poemas de David Mourão-Ferreira, «Do Tempo ao Coração». Entretanto, já se encontra no prelo, devendo sair na próxima semana, uma nova edição da referida obra, que será igualmente lançada por *Guimarães Editores*, na sua colecção «Poesia e Verdade». A principal diferença que esta edição apresentará em relação á anterior consistirá na versão inteiramente nova de um dos trinta e nove poemas que constituem o livro.

A mesma editora anuncia ainda, para Outubro, a publicação de um livro de ensaios do mesmo autor, intitulado «Hospital das Letras», em que são estudadas, entre outras, as obras de Sá de Miranda, Bocage, Garrett, Cesário Verde, Jaime Cortesão, Fernando Pessoa, Sá-Carneiro, Almada Negreiros, Cecília Meireles e Vinícius de Moraes. Finalmente, por alturas do Natal, serão publicados, num único volume intitulado «Obra Poética I», os anteriores livros de poesia de David Mourão-Ferreira, cujas segundas edições já de há muito se encontram esgotadas.

URBANO TAVARES RODRIGUES

NOVA EDIÇÃO DE «AS AVES DA MADRUGADA»
DE URBANO TAVARES RODRIGUES

A poucos anos do seu aparecimento, repõe-se, agora, á atenção dos leitores o livro de novelas «As Aves da Madrugada», de Urbano Tavares Rodrigues, em 2.ª edição, apresentada pela Livraria Bertrand. Na carreira intensamente criadora do novelista foi esta colectânea uma das mais expressivas afirmações das suas qualidades de estilo, de efabulação, de sentimento apaixonado e dramático da vida e das pessoas. «As Aves da Madrugada» abriu na temática do escritor — sem dúvida «uma das personagens mais ricas da jovem literatura portuguesa» — novos rumos que continuaram e vão continuar a afirmar-se numa arte de incessantes revelações.

Para esta edição, imprimindo-lhe um significado de maior relevo literário, escreveu Óscar Lopes um «Pequeno Ensaio de Compreensão Estrutural», em que analisa o teor *exemplar* das novelas de Urbano Tavares Rodrigues, a sua temática, o seu estilo de composição narrativa, o sentido profundo dessa «vontade absurda de sofrer por todos os dramas, definíveis e indefiníveis... entrevistos numa experiência privilegiada». A 2.ª edição de «As Aves da Madrugada» constitui, assim, com este estudo magistral de Óscar Lopes, um passo de importante projecção no destino literário do novelista.

«HISTÓRIA UNIVERSAL»
DE CARL GRIMBERG

Foi há pouco dado a público mais um volume da «História Universal», do historiador sueco Carl Grimberg. Esta obra famosa, difundida no mundo pela consagrada colecção «Marabout», é editada, entre nós, por Publicações Europa - América, em tradução do prof. Jorge B. de Macedo. O notável trabalho, aliando á lúcida interpretação dos fenómenos históricos e á rigorosa concisão na exposição da matéria uma apresentação de carácter divulgador, em volumes de pequeno formato, com inúmeras ilustrações a cores e a preto e branco, mapas e quadros cronológicos, constitui um instrumento de grande utilidade para todos os estudiosos.

O presente volume — o terceiro «De apogeu da Grécia clássica á civilização helenística», terá o seguinte sumário: As guerras fraticidas; A primeira idade de ouro das ciências; A antiga comédia ática; O declínio político da Grécia; A hegemonia da Macedónia; A época helenística, apresenta-nos um sugestivo quadro da velha civilização grega, com todos os seus esplendores e vicissitudes.

Sairá dentro de semanas o 4.º volume, abrangendo um importante período da história da humanidade (A Grécia e as origens do poderio romano).

«Os Descobrimentos Pré-Colombinos dos Portugueses»
— oitavo volume das Obras Completas de Jaime Cortesão

Como tantos outros trabalhos fundamentais do grande mestre historiador e grande português, que foi Jaime Cortesão, este que preenche o 8.º volume das «Obras Completas» meritóriamente publicadas pela *Portugália Editora* é agora revelado pela primeira vez no nosso País. Escreveu-o o autor durante o seu longo exílio e surgiu em 1941 na monumental «Historia de America y de los Pueblos Americanos» sob o título «Los Portugueses». A edição agora apresentada nas «Obras Completas» segue fielmente o texto original na nossa língua legado pelo insigne escritor e investigador, que trouxe com ele contribuição decisiva para a demonstração dos precedentes portugueses no descobrimento da América.

Na «explicação do plano» que precede o magistral estudo afirma Jaime Cortesão que em raros capítulos da história, como nos Descobrimentos, «é mais patente a preeminência dos factores económicos na origem e no desenrolar dos acontecimentos. Outra *estrela do norte*, o materialismo histórico, ou antes, o ponto de vista económico, tem de guiar os nautas neste *mare magnum* da história das navegações». Com lucidez extrema e com conhecimento profundo, o historiador conduz os leitores de «Os Descobrimentos Pré-Colombinos dos Portugueses» ao longo dos capítulos apaixonantes desta obra: «Causas da Expansão Geográfica dos Portugueses»; «A Política de Sigilo na Expansão Marítima»; «Condicionalismo da Navegação á Vela no Oceano Atlântico»; «Os Descobrimentos no Tempo do Infante D. Henrique e de D. Afonso V»; e «As Viagens para Ocidente durante o reinado de D. João II». Documentos e índices meticulosos acompanham o texto, que é também valorizado com mapas e gravuras.

O empreendimento da *Portugália Editora*, erguendo este património fundamental de cultura que é a edição das «Obras Completas» de Jaime Cortesão, vai prosseguindo no seu rumo que é de verdadeiro interesse nacional.

NOVO «IMORTAL»

O crítico literário e musical, antigo ministro e director da Hachette, Jean Mistler, foi eleito para o lugar da Academia Francesa deixado vago pela morte do conde de Harcourt. Mistler recebeu 21 votos a favor, contra 7 concedidos a Henri Monfreid e 7 votos em branco. Os académicos Jean Guéhenno e Jean Rostand protestaram com veemência contra o resultado do escrutínio que, na sua opinião, traduz grave quebra de nível na Academia.

seja um senhorio despreocupado...

Os problemas ficam por nossa conta!

Avaliação de prédios • Cobrança de rendas • Pagamento de contribuições, impostos, seguros • Estudo, orçamentos, fiscalização e financiamento de obras.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

UM CASO ESPECIAL NA BANCA PORTUGUESA

SOROR MARIANA

(Continuação da 1.ª página)

mais não conta, nem merece atenção, depois que se encontrou tal registo miraculoso.

Posto assim o caso, parecia de bom senso crítico rever toda a questão, tornar a vasculhar os arquivos portugueses, analisar em França que valor provatório têm tais *registos de privilégio*, e trazer de novo a já gasta questão para um plano de sensatez, lucido e desenvolvido, juntando todo o material publicado, algum disperso, ao mesmo passo que lhe acrescentasse acaso o contributo de novas informações. Seria util rever a questão, confrontada nos seus multiplos aspectos, analisar com sagacidade o que por um lado se sabe e por outro se conjectura, determinando em que bases assenta o problema e daí tirando as suas justas e consequentes conclusões. Era isto imprescindível.

De tal tarefa se incumbiu, e bem, o dr. António Belard da Fonseca, num livro recentemente publicado, no qual confirma as qualidades de perspicácia crítica que já em outras obras tem revelado. Recapitulou toda a questão, encontrando resposta a duvidas, algumas futeis, e trazendo, por seu turno, certas achegas de verdadeira importância esclarecedora. Conhecedor de Beja, sua terra natal — sua e da celebérrima monja —, isso o ajuda a apresentar-nos esclarecimentos de alta importância, que revelam como muitas referências das *Cartas* se ajustam perfeitamente á topografia e á vida da cidadezinha alentejana na ultima metade do século XVII. Desde o convento ás ruas, dos hábitos monacais aos nomes referidos, das condições do cativeiro freirático ás possibilidades do assalto de um amoroso, dos problemas históricos no que concerne á biografia de Soror Mariana até á atenta análise de *registos de privilégio*, que estudou no arquivo onde se encontra o que respeita á licença de publicação das famigeradas missivas — tudo analisou e coordenou de maneira notávelmente esclarecedora. Deste livro poderemos dizer que é, depois do aparecimento da obra de Luciano Cordeiro, o mais completo trabalho que se tem realizado sobre tão debatido e já estafante problema.

Tudo quanto se joeira, de objectivo e relacionado com o local onde a freira apaixonada escreveu as suas *Cartas*, não podia ser inventado seja por quem for, que não tivesse um conhecimento tão directo dos lugares e circunstâncias. O escriba francês não o podia ter conjecturado, nem mesmo expresso por informação de segundos. São pequenas notas que saltaram do bico da pena, mas que tudo situam no seu devido local, dando-lhe presença e vida própria. Outros aspectos da investigação conferem ainda ao livro o seu valor, como uma nova e mais consequente ordenação das *Cartas*, mas isso são problemas que não cabem numa simples notícia como esta, sem outras pretensões que não sejam a de chamar a curiosidade para tão util e esclarecedor trabalho. — M. M.

ESCAPARATE

(De 27 de Junho a 4 de Julho de 1966)

Autores portugueses

Título — «Meditação dos Dias».
Autor — Zacarias de Oliveira.
Distribuidor — Livraria Nelita.
Numero de páginas — 307.
Preço — 25$00.

Título — «Vinte Horas de Liteira».
Autor — Camilo Castelo Branco.
Distribuidor — Parceria A. M. Pereira.
Colecção — Obras de Camilo Castelo Branco, 62.
Numero de páginas — 302.
Preço — 35$00.

Título — «Bocage. O Homem que Destruia o Amor».
Autor — Herlander Machado.
Distribuidor — Parceria A. M. Pereira.
Colecção — Ensaio de Teatro.
Numero de páginas — 128.
Preço — 30$00.

Autores estrangeiros

Título — «O Fardo e a Glória».
Autor — John F. Kennedy.
Tradutor — H. Silva Horta.
Editora — Ulisseia.
Colecção — Documentos do Tempo Presente — 36.
Numero de páginas — 359.
Preço — 45$00.

Título — «A Reforma».
Autor — Owen Chadwick.
Tradutor — H. Santos Carvalho.
Editora — Ulisseia.
Colecção — Um Livro Pelicano, RS 55.
Numero de páginas — 458.
Preço — 40$00.

Título — «Jean-Christophe» — Vol. II.
Autor — Romain Rolland.
Tradutor — Vidal de Oliveira e Carlos Dante de Morais.
Editora — Livros do Brasil.
Numero de páginas — 342.
Preço — 60$00.

Título — «O Planeta dos Macacos».
Autor — Pierre Boule.
Tradutor — Calado Trindade.
Editora — Ulisseia.
Colecção — Sucessos Literários, 44.
Numero de páginas — 274.
Preço — 25$00.

Título — «Psicologia».
Autor — Peter R. Hofstätter.
Tradutor — Ernesto Sampaio e José Corte Real.
Editora — Editora Meridiano.
Colecção — Enciclopédia Meridiano Fischer, 4.
Numero de páginas — 457.
Preço — 50$00.

ALCIDES DE CAMPOS

fala-nos de literatura francesa, da projecção externa da nossa literatura e de possibilidades editoriais

Nascido no Alentejo há trinta anos: «sobreiro alentejano plantado em Paris (e o mais extraordinário é que as raízes pegaram!, embora os meus ramos se estendam, saudosos, na direcção da planície imensa, queimada por mil sóis, requeimada por mil ansieddes...)» — Alcides de Campos, mercê do seu talento e das suas excepcionais qualidades de trabalho que lhe permitiram tornar-se em pouco tempo (e isso não é nada fácil) um escritor de língua francesa, exerce em Paris as funções de leitor e tradutor dos manuscritos em língua portuguesa e espanhola para os editores Robert Laffont, Casterman, Pierre Seghers e François Maspero, a par das suas actividades de jornalista e colaborador dos semanários *Témoignage*, *Lettres Françaises*, *Nouvel Observateur*, *Le Monde*, *Les Lettres Nouvelles* e *Le Populaire*. Correspondente em Paris das edições e da revista *Poésie Vivante*, de Génève, prepara uma breve antologia da Poesia portuguesa contemporanea.

ALCIDES DE CAMPOS

Autor dramático, Alcides Campos publicou agora nas edições Guy Chambelland *AN 37*, *Antologia de Gritos*. Os seus primeiros trabalhos em língua francesa são: *Procès du Silence* e *Dieux et Assassins*.

A sua longa permanência em Paris, a actividade literária que ali desenvolve, o conhecimento que possui da vida intelectual do nosso País e de França, investe-o de uma autoridade singular para falar de *lá* e de *cá* e do possível binário *cá-e-lá*.

Ouvindo-o para o «Diário de Lisboa, fizemo-lo na certeza de que prestávamos um bom serviço aos leitores deste jornal, incluindo escritores e editores que têm nele, em Paris, um homem probo pronto a fazer tudo o que lhe for possível pela divulgação da nossa literatura.

— Como encara a vida literária em França?

— Como já tive ocasião de dizer em mais de um artigo para a Imprensa portuguesa, a vida literária francesa é, antes de mais, árdua e equívoca. Esclareço rápidamente as minhas palavras com dois nomes bastante conhecidos no nosso País: Jean-Paul Sartre e Françoise Sagan. (Note que a ortografia destes dois nomes lado a lado já é deveras chocante!).

No primeiro caso (Sartre), a ascensão não foi fácil. *A Náusea*, seu primeiro romance, foi sucessivamente recusado por vários editores. Se o escritor tivesse abandonado nessa altura o seu calvário de «porta a porta», o nome de Sartre talvez nunca tivesse «existido». Felizmente, a perseverança era, e é, uma das qualidades maiores do escritor-filósofo.

No segundo caso, Françoise Sagan viu-se célebre e rica de um dia para o outro, graças a um estúpido artigo de François Mauriac na sua célebre crónica semanal do *Figaro Littéraire*, em que o discutido escritor católico se preocupava mais com a idade e a moral defendida pela romancista recém-nascida do que com as suas qualidades literárias — nulas de qualquer maneira. Hoje, todos nós sabemos que uma só página de *A Náusea*, mesmo considerando o revés da tentativa domanesca de Sartre, é capaz de ofuscar toda a obra de F. Sagan.

O cepticismo converteu-se em moeda corrente na vida literária francesa. Não posso, pelo menos no imediato, fugir á forma de *pagamento* mais comum .

— Qual a extensão e a importancia do *nouveau roman*?

— Designação cómoda posta a circular por meia-duzia de jornalistas imediatamente após a publi-cação de *Les Gommes*, de Robbe-Grillet, e das primeiras teorizações escritas deste e de Roland Barthes, o «nouveau roman» nunca constituiu nem constitui, em França, qualquer movimento ou escola. Numa encruzilhada da História, onde todas as artes procuram renovar as suas formas de expressão, seria abusivo querer reunir sob o título de «nouveau roman» as tentativas isoladas de alguns romancistas que, embora undos na teorização das mesmas ideias (renuncia do romance psicológico, etc.) se separam pelos resultados que cada um deles, independentemente, procura, e obtém. A personalidade literária de Nathalie Sarraute é tão distante da de Alain Robbe-Grillet como a de Michel Butor está longe da de Claude Simon ou a de Robert Pinget de Claude Ollier.

A personalidade literária de Nathalie Sarraute é tão distante da Alain Robbe-Grillet como a de Michel Butor está longe da de Claude Simon ou a de Robert Pinget de Claude Ollier.

Para Nathalie Sarraute, a «era da suspeita» é a reuncia ao tempo e ao espaço pela adopção de um subjectivismo sem limites. Com a qual teoria Robbe-Grillet está absolutamente de acordo, convicto de que a vida futura do romance depende da «morte da personagem» em face das «coisas»: intactas e dominantes, testemunhas atentas e inexoráveis da nossa existência. O seu comportamento como autores, porém, difere profundamente.

Michel Butor, mais prudente, prefere situar o romance contemporaneo dentro de um ciclo transitório de pesquisas que, a julgar pela sua obra, não são tão passageiras como ele parece pretender... A sua extensão é restrita. A sua importancia crescente. Mas ambígua.

Doente há mais de vinte anos, o romance procura um remédio e uma nova juventude. O problema não é novo. E esta luta em que ele se debate, fazendo estalar aquilo que se chegou a considerar os seus limites, é só por si um sinal de vigor e de sobrevivência futuras.

— V. veio a tornar-se um escritor de língua francesa. Porquê? Não tem obras publicadas em português? Não gostaria de se ver publicado na língua nacional? Há hipóteses?

— A princípio, por acaso. Depois, por necessidade. Necessidade de me justificar e á minha obra. Necesidade de viver. Mas nunca teria chegado lá se uma grande vocação pela língua francesa (unica nota brilhante dos meus anos

(Continua na 7.ª página)

Uma 2.ª edição revista pelo autor e de há muito esperada pelo publico.

AS AVES DA MADRUGADA

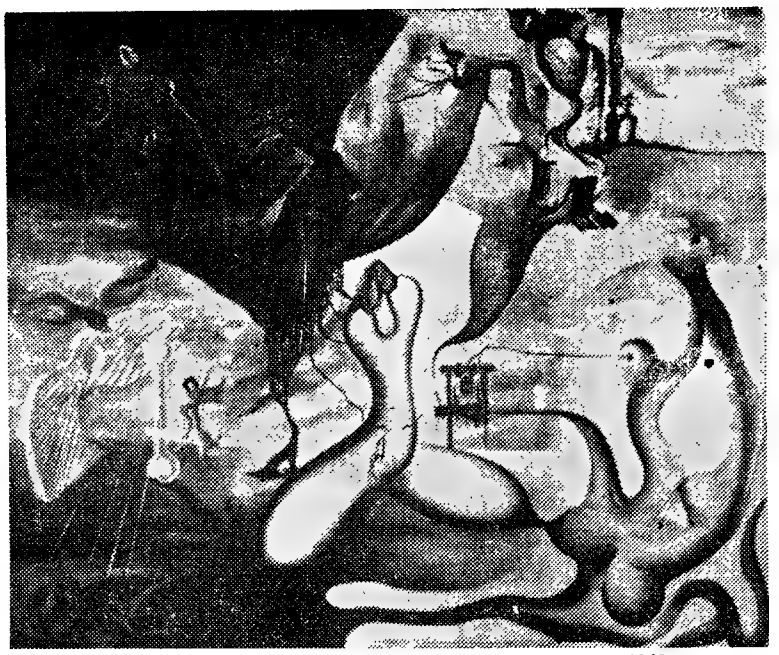
novelas de

Urbano Tavares Rodrigues

Com um notável prefácio de
Óscar Lopes

Um livro da colecção
«AUTORES PORTUGUESES»

LIVRARIA BERTRAND



Composição surrealista intitulada «Cadavre Exquis» e datada de 1948 em que colaboraram António Domingues, Fernando Azevedo António Pedro, Vespeira e Moniz Pereira. (Da colecção Editorial Confluência e reproduzida no volume «A Pintura Surrealista em Portugal», da editora Artis)

Estudo de José-Augusto França sobre a pintura surrealista em Portugal

A esplendida Colecção de Arte Contemporanea, editada por *Realizações Artis* e já com quinze volumes anteriormente publicados, tem agora a valorizá-la mais uma edição de sensacional interesse: «A Pintura Surrealista em Portugal», com estudo do ensaísta e nosso prezado colaborador José Augusto França e desassete reproduções, duas das quais a cor. A história do movimento pictural surrealista entre nós, nos seus antecedentes e na evolução afirmada a partir de 1948, é traçada por J. A. França com o conhecimento seguro e documentado que lhe advém da sua participação pessoal nesse movimento. O papel desempenhado nele por António Pedro, Candido Costa Pinto, Vespeira, Fernando Azevedo, Alexandre O'Neill; os grupos que intentaram prosseguir a sua actuação, as influências directas e indirectas que exerceram e ainda se prolongam, são assinalados com vivacidade pelo autor.

Da sua interpretação, muitas discordancias se afirmaram já em outras oportunidades ou virão a afirmar?se perante estas páginas de recensão e síntese. Segundo José Augusto França, «sem o rompimento que o Surrealismo provocou ao nível da promoção mais velha da *terceira geração*, mais incerto e mais difícil, sem duvida, teria sido o caminho que os jovens pintores portugueses depois trilharam — e sem a sua acção consciencializante de novos valores e de novos planos poéticos não teria a poesia portuguesa criado novas necessidades de imaginário, depois do lirismo *presencista* e do romantismo neo-realista». Mas, pouco adiante, reconhece: «É evidente que o Surrealismo falhou, entre nós, ao nível de grupo (ou de grupos) e de acção colectiva, de responsabilidade moral, para além da formação que num ou noutro pintor ou escritor tenha impresso».

No acordo ou na divergência, o estudo de J. A. França é uma oportuna evocação e um tónico convite á opinião pessoal, ao debate e á formação de uma consciência histórica da arte moderna em Portugal.

Quadro do pintor e poeta Alexandre O'Neill, de 1948, designado por «A Linguagem». (Da colecção de J. A. França e reproduzido em «A Pintura Surrealista em Portugal», da editora Artis)

«O Idiota» num teatro de Paris

A companhia do Teatro Gorki, de Leninegrado, levou a Paris, apresentando-a no Théatre des Nations, uma versão cénica do romance «O Idiota», de Dostoievski. A adaptação foi feita por G. Tovstonogov, mas a crítica parisiense não foi favorável, assinalando que a peça reduziu a vasta criação dostoievskiana a um caso simples de amor infeliz e que a interpretação é apenas uma caricatura anacrónica do naturalismo de Stanislavski.

O Prémio Miró

A pintora austríaca Martha Jungwirth, de Viena, obteve recentemente o Prémio Juan Miró no concurso realizado por ocasião da exposição internacional de desenhos abstractos em Barcelona. Nesta exposição, que se organiza regularmente desde o ano de 1962, tomaram parte outros seis artistas austríacos.

EXPOSIÇÃO DE ESPIGA PINTO

A pintura de Espiga Pinto, patente no Casino Estoril, salienta uma juventude sadia, ao expressar inquietações estéticas nada comuns por uma arte muito próxima, digamos assim, do abstraccionismo, ou nos moldes do chamado neofigurativismo.

As cores quentes reflectem a alma do Alentejo, assim como as grandes dimensões dos trabalhos parecem querer indicar que a terra alentejana envolve o mundo. O ritmo harmonioso, extraordinário das suas figuras indica, também, o desejo, patente no Alentejo, de viver num universo sem fim.

Pintor nascido em Vila Viçosa (1910), não pode furtar-se á relação directa e exclusiva com os objectos de trabalho do Alentejo e ao comentário dos temas sobre o diálogo dos homens com os carros ou com as charruas, ou com as grades, ou das mulheres com as escadas e as colheitas da azeitona e com as lonas de as aparar. De facto, Espiga Pinto recria o Alentejo e torna-nos familiares as suas harmonias pela expressiva intimidade com que trata e cristaliza a nossa província alentejana. A temática ruralista é tomada pelo pintor alentejano nas coordenadas ambientais, segundo uma severa síntese formal, o que lhe empresta um notável sentido de pintura mural devido, digamos assim, á monumentalidade da sua pintura.

A sua exposição representa, aliás, uma sedimentação dos seus trabalhos anteriores pelo domínio oficinal e clareza concretizadora e confirma a sua existência como um dos maiores valores da nossa novíssima pintura.

«A MEMÓRIA D... do...

D.zer que o aparecimento de um novo livro como *A Memória das Palavras*, de José Gomes Ferreira, constitui um acontecimento excepcional para a vida intelectual portuguesa, poderia passar por lugar-comum.

E contudo, pensando-se bem, a publicação de um livro como *A Memória das Palavras* justifica, de facto, o uso e abuso de uma tal asserção. Aqui, com este livro que se deveria, sem mais, definir como «romance-vida», cria-se, como raríssimamente sucede, uma espécie de estupefacção pelo escritor — como no caso do nosso Cesare Pavese de *Il mestiere di vivere* («Ofício de Viver») se esta última fosse uma obra póstuma. De um escritor que se expõe em publico, aos escárnios, aos moteios, á incredulidade sistemática da plateia anónima, ou, pior ainda, aos aplausos frenéticos da «claque» dos conformistas, todos eles reconhecíveis, ai de nós, pois enchem sempre o empíreo do galinheiro. Como um fenómeno de feira — o Anão Bangonghi, o Engolidor de Fogo, o Homem Serpente, sei lá.

É evidente que José Gomes Ferreira estava a par de tudo isto, já que quis acrescentar como subtítulo do livro «*ou o gosto de falar de mim*», qual fórmula mágica capaz de atrair, de despertar, como a voz de um charlatão da praça publica, a curiosidade de uns e de outros, até mesmo a dos surdos, pois garante que haverá ali exibição, que haverá ali um desenvolvimento regular do princípio ao fim, chova ou faça ven-

RIA DAS PALAVRAS»

de José Gomes Ferreira

— um romance-vida

por ARRIGO REPETTO

nto de
lemória
es Fer-
cimento
intelec-
passar

bem, a
como *A*
stifica,
de uma
te livro
definir
-se, co-
e, uma
pelo es-
o nosso
ciere di
se esta-
ra pós-
se ex-
árnios,
ade sis-
na, ou,
frenéti-
nistas,
ai de
o em-
um fe-
o Ban-
Fogo, o

Gomes
e tudo
r como
osto de
ula má-
sportar,
ntão da
ade de
o a dos
haverá
aii um
o prin-
ça ven-

Lin-
urrea-

TO

u com
es com
a azei-
aparar.
ecria o
ares as
ressiva
e cris-
entreja-
tomada
coorde-
uma se-
he em-
de pin-
assim.
a pin-

esenta,
s seus
omínio
zadora
como
nossa

to. E como se isso não bastasse, um prefácio, três páginas dedicadas á mulher, onde, expondo uma a uma as suas duvidas, ansias e receios, acaba por revelar que não são poucas e bem arriscadas, para um actor de sessenta e cinco anos, as partes que a talagarça decorada lhe impõe que recite.

O que tudo somado, reforça a expectativa dos que costumam emitir juízos sobre a reputação de outrem, e, se for o caso, horrorizarem-se com as tentações do próximo.

Mas, uma vez entrados a fundo na representação, assim que as primeiras gargalhadas soem a falso e com os primeiros aplausos fora de tempo, tanto uns como outros, quer incrédulos, quer conformistas, não podem deixar de dar-se conta que se trata de um jogo da verdade, um jogo, portanto, que não lhes diz respeito, que não pode de modo algum diverti-los, uma vez que é feito com as cartas a descoberto, da forma mais correcta, respeitando todas aquelas regras que jamais foram escritas mas que existem, segundo as quais o próprio ter é um dar e o dar ainda um dar que custa renuncias, mortificações e tantos, tantos outros silêncios.

«E então — lê-se em *A Memória das Palavras* — deixei que os dias, as semanas, os meses, os anos se escoassem, com a certeza de que a *lucidez inconsciente* acabaria por iluminar a boca dos gritos verdadeiros...» «Preferi viver meses, anos, séculos, ao lado de mim mesmo, misterioso, á espera... Porque em Arte, meus queridos amigos e inimigos, esperar é criar.»

De facto, durante trinta anos ou pouco menos, José Gomes Ferreira conseguiu permanecer silencioso, por muito que a vida instasse, envolvendo-o, como a todos os outros, nos seus altos e baixos de sempre. Cerrando os dentes aos acontecimentos, decerto por mais de uma vez, para que a sua obra de exaltações, de verificação estreme de uma vocação, se conseguisse realizar.

Ele que parecia destinado ao beijo da glória, ele que, menino prodígio, começara a poetar e a compor musica por volta dos sete, oito anos, amimado, compreendido por adultos de casa e de fora, encorajado, aplaudido; ele que, aos dezassete anos, vira executar um seu poema sinfónico, *Idílio Rustico*, á famosa orquestra de David de Sousa, no teatro Politeama de Lisboa, e, pouco depois, ouvira Aura Abranches, a actriz, citar os seus versos de *Lírios do Monte*.

José Gomes Ferreira, porém, deixou passar trinta anos sobre a publicação de *Longe*, o seu segundo livro de poesias, até á grande revelação de *Poesia I*.

«E eu? — interroguei-me» — recorda agora o autor em *A Memória das Palavras*. — «Sim. E eu?» «Que raio de mundo de versos era aquele tão longe do que eu sonhava e rangia em carne e lama? Que diabo de mundo era aquele tão longe, longe de mim?... Sim, tão longe...» «Aliás uma palavra carregada de nevoeiro, ausência e tardinha.» «Longe... (Para quando o perto?)» «E detive-me no desespero da encruzilhada, a boca a saber-me a versos que não queria fazer. E depois?» — perguntei-me — «Que publicaria a seguir? Outro livro sem mim? *A Floresta Adormecida?*»... «Fora! Antes o Deserto pelo esquecimento dentro!»

E lê-se ainda em *A Memória das Palavras:*

«Só aos vinte anos aprendi por fim, e á minha custa, a necessidade do silêncio, tão util em todos os princípios do mundo. Embora — atenção! — de nenhuma forma enjeite essa década inicial da minha carreira, de espontanea pureza troixa, que me concedeu a vantagem de poder gozar, durante cerca de trinta anos, as prerrogativas de escritor, dispensado de exibir novos documentos comprovativos, senão quando muito bem o entendesse. O que — observe-se de passagem —, com o enbranquecer dos cabelos se tornou numa tortura terrível, por saber que num prazo cada vez mais curto, cada vez mais curto, me veria forçado a jogar tudo numa unica cartada. Como efectivamente sucedeu em 1948».

De facto, se o seu publico regresso á poesia data de 1948, quando Carlos de Oliveira e Joaquim Namorado o convenceram a publicar *Poesia I* na famosa colecção coimbrã do Galo, não pode certamente dizer-se que José Gomes Ferreira a ela tivesse renunciado no entretanto. Pelo contrário. Todos os seus actos, todas as suas acções se realizaram ou acabaram por se resolver em função e em prol dela, dessa poesia «total», «ser vivo» a que aspirava em segredo. Mesmo a longa permanência de cinco anos na fria cidade norueguesa de Kristiansund — onde desempenhou a missão de cônsul —, que iria reduzir-se a uma fuga de si próprio, numa espécie de indigestão de solidão, prepararam-no para a sua futura militança de poeta.

JOSÉ GOMES FERREIRA

Tanto assim é, que o ano seguinte ao seu regresso a Lisboa foi decisivo para a sua carreira literária, como ele próprio já no-lo confiou no seu Diário:

«Na noite de 8 de Maio de 1931, num segundo andar da Rua Marquês de Fronteira, encontrei, finalmente, a expressão autêntica do poeta autêntico, há tanto procurada! A terceira tentativa, para uma série de poesias que eu intitulava *Poemas da Reincidência*, escrevi dum jacto e quase sem emendas o poema *Viver sempre também cansa!*» «E para marcar bem, para separar bem o novo do antigo poeta, acrescentei sub-reptíciamente ao Gomes Ferreira, com que assinara os *Lírios do Monte* e as duas edições de *Longe*, o meu nome próprio: José. Passei a ser José Gomes Ferreira.»

A Memória das Palavras, esse livro excepcional que, em grande parte, não seria mau ver traduzido para uso de tantos jovens poetas da nossa terra que gostam de cingir a cabeça de louros mundanos e de salão, é tudo isto: um longo, extenuante itinerário do poeta, a eterna e silenciosa ansia de descoberta: do «discurso automático» á «cristalização» do verso, do «poema-como-melodia-musical-inexpressa» ao «poema-ser-vivo». E mais ainda.

Encontra-se aí o testemunho estupendo da problemática estética de toda uma época — desde o ultimo romanticismo de um João de Deus ao lirismo panteísta de um Pascoaes, do alexandrinismo declamatório de um Guerra Junqueiro ao modernismo de Fernando Pessoa, e dos homens da *Presença* até ao neo-realismo dos anos 40 — e está aí também, á guisa de contraponto, a história, com as suas penadas e os seus sobressaltos, da implantação da Republica portuguesa até o advento da ditadura — a servir de fundo.

Finalmente, está aí o poeta e o homem: José Gomes Ferreira. Não foi por acaso que, ao tentarmos uma definição, escolhemos para *A Memória das Palavras* a de «romance-vida».

ARRIGO REPETTO

(Palestra proferida na Rádio Italiana, sob a rubrica «Resenha de Cultura Portuguesa».)

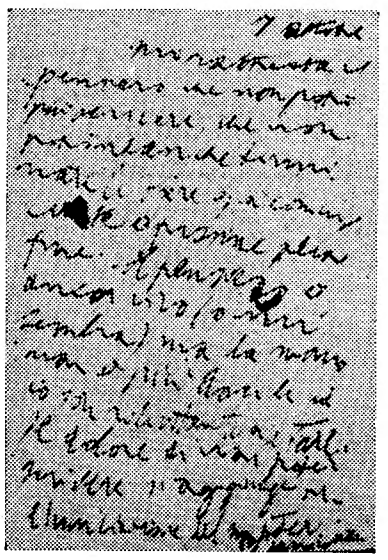
Papini examinando o seu busto, modelado por Bartoli

GIOVANNI PAPINI

MORREU HÁ DEZ ANOS

Não se trata de insistência: trata-se, sim, de um preito de justiça á memória de um Homem extraordinário, escritor dos maiores da Itália e da Europa, a despeito dos seus excessos, que certa juventude — não a inquieta e dramática no seu viver —, mas a outra, a que se julga senhor do mundo, por mãos alheias, não entendeu ainda e considera o grande florentino como um escritor ultrapassado, Papini que continua vivo, a despeito da sua morte, ocorrida, precisamente, há 10 anos.

O homem que aspira seja ao que for pratica sempre erros. Muitos deles, filhos de ingenuidades e boa fé. Os mais novos, ao encarar os mais velhos, censuram-lhes os erros, mas não os justificam, por ignorância ou por inadvertência.



O manuscrito da penúltima página dos «Diários», de Papini

É o velho problema das gerações.

— «Cada vez mais alto, cada vez mais desgarrado, cada vez mais míope por causa daquela ânsia de ler; sempre vestido com as roupas usadas do pai, descuidado e remendado, com os bolsos cheios de papel, um chapéuzinho enrugado na cabeça, e nos pés os sapatos remendados muitas vezes. Tinha já, aos quinze anos, as pregas do descontentamento e da amargura ao redor da boca; uma ruga lhe marcava e lhe partia a fronte.» («Papini», de Roberto Ridolfi).

Estas palavras — e muitas outras — dão parte da infância de Papini. E é preciso conhecer os amargores de uma infância isolada e triste, de uma infância cheia de impaciências do conhecimento, sem nada se possuir, para se avaliar a amargura dessa criança que, anos depois, revolucionaria a literatura italiana e se tornava num dos seus maiores Mestres.

O Homem que adoptara como legenda da sua vida a substância destas palavras — «Altezza non tollera vicinanza» — caminhou sempre como um isolado, a despeito de tantos «amigos» e admiradores. Estes exaltavam-no, mas os «amigos» temiam-no porque, no dizer de Julien Luchaire, Papini «não discutia, retalhava. Não julgava, desprezava. Não falava, mordia». Claro que isto não é bem exacto, e quem conheceu Papini sabia da sua ternura íntima, da grandeza do seu coração, da força da sua amizade, da exaltação da sua solidariedade e até dos seus exageros quase até ao infinito. E até eu próprio, que o conheci pessoalmente e de Papini recebi expressões de afectuosidade, posso dizer quanto era grande esse coração de florentino, a quem a morte levou há 10 anos, no dia 8 de Julho de 1956.

Papini, que amava a juventude e em 1913, á nova geração, dirigiu palavras de amargura e nunca de ressentimento, o grande Gianfalco foi exaltado, caluniado, ameaçado e renegado e quase esquecido. Apesar disso, continua vivo. Vivo como o génio do seu pensamento e da sua prosa — «o mundo da sua cruz».

Nesta breve e simples homenagem de evocação de Mestre Papini, façamos nossas estas palavras de Giuseppe Prezzolini, o «Julião», do seu «Homem Liquidado»:

— «No fundo da sua ternura inexplorada e insatisfeita, a sua necessidade de amor, que encontrou tanta sordidez em sua volta. E para quem nenhum de nós fez o bastante.»

MARQUES GASTÃO

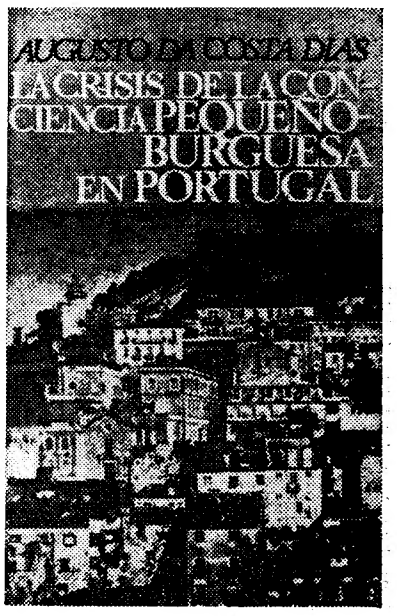
«A Crise da Consciência Pequeno-Burguesa» de Augusto Costa Dias em tradução espanhola

As letras portuguesas estão decididamente a chamar a atenção de muitos editores estrangeiros, sinal de que o publico de outros países se vai interessando também pelos escritores da nossa terra. Até em países da Europa Oriental, os escritores portugueses estão a ter publico.

E não se trata apenas dos escritores de romances e novelas. Até os ensaístas vão passando as fronteiras.

Desta feita é o ensaio de Augusto Costa Dias sobre a geração de 1890, intitulado «A Crise da Consciência Pequeno-Burguesa», que é posto ao alcance do leitor espanhol numa elegante tradução, saída da Colecção Ibérica, de Barcelona. A tradução é de Juan Eduardo Zuñiga.

A nota editorial tem interesse crítico quando diz que «a geração portuguesa de 1890 — coetanea da nossa geração de 98, com a qual apresenta similitudes muito patentes — em frente de uma crise económica e política desencadeada em Portugal pelo «ultimatum» inglês (que representou para aquele país crise paralela á que trouxe a Espanha a perda de Cuba e das Filipinas) reagiu elaborando um pensamento e uma arte sentimentais, inoperantes e irracionais. Assim o nacionalismo literário da geração de 90 português, que não foi capaz de afrontar a profunda crise,



A capa da edição espanhola

económica e social do seu país, abriu o caminho para que as forças pequeno-burguesas, que, em suma, representam, estruturem anos depois, normas políticas antidemocráticas e caducas base do que se chamou o Integralismo Lusitano».

É uma edição elegante com sugestiva capa esta publicação catalã do livro de Augusto Costa Dias.

PRÉMIO ALBERT LONDRES

O jornalista Yves Courrière (ao centro), distinguido com o Prémio Albert Londres

O Prémio Albert Londres, que consagra a memória de um notável escritor de livros de viagens e é atribuído anualmente a um repórter da especialidade, foi concedido neste ano a Yves Courrière, da Rádio-Luxemburgo, pelas reportagens realizadas em 1965. Tendo nascido em Paris em 1935, o premiado começou muito jovem ainda a percorrer o mundo, efectuando notáveis reportagens na Argélia, no Congo, na América do Sul e nas Antilhas.

A fotografia junta representa-o entre o consagrado escritor Joseph Kessel e a viuva do patrono do Prémio, Florise Albert-Londres.

PEQUENO MAGAZINE

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 7 de Julho de 1936 publicava:

«PARIS, 7 — As 7 horas da manhã de hoje foi dada, no Vesinet, a partida dos 90 corredores que vão disputar a Volta Ciclista à França, a tradicional e mais famosa prova deste género na Europa.

«As operações da partida decorreram no meio do geral entusiasmo e grande interesse, que a abstenção dos italianos não prejudicou.»

CURIOSIDADES

● A travessia dos Alpes em avião

Géo Chavez, piloto peruano, foi o primeiro aviador a atravessar os Alpes. Saira de Briga, na Suíça, depois de já ter batido o «record» mundial de altitude, em Blackpool, Inglaterra, nos primeiros dias de Setembro de 1910.

Foi em 23 daquele mês que Chavez cometeu a proeza, que acabou por ser fatal.

Obrigado a uma aterragem forçada, próximo de Domodossola, o aparelho que tripulava capotou, ficando Chavez gravemente ferido, pelo que veio a falecer alguns dias depois.

● O verdejante País do Sol Nascente

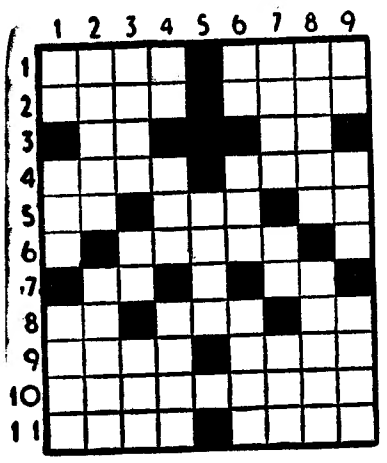
Os arvoredos que revestem de imponentes manchas verdejantes dois terços da área do País do Sol Nascente produzem grandes quantidades de madeira, a qual, sendo ainda o principal material de construção no Nipon, é, no entanto, insuficiente para as crescentes necessidades. Constituem, igualmente, as florestas importante fonte de fornecimento de carvão vegetal, combustível ainda indispensável para abastecer a maior parte das casas japonesas nas zonas rurais.

Durante e após a ultima guerra, foram abatidas árvores em quantidades excepcionais, mas nos ultimos anos tem sido notável o repovoamento florestal. Hoje, os 24 400 000 hectares de zona arborizada contêm cerca de 1 830 000 metros de madeira em pranchas. O facto de mais de metade do país ainda estar coberta de florestas resulta da preponderancia de terras montanhosas, impróprias para a agricultura em larga escala.

● A primeira banda militar

A primeira banda militar foi organizada em 1741, por ordem de Maria Teresa da Austria, para «puxar» o regimento dos «pondoures», recrutado pelo «freiherr» Von Der Trenk, na guerra contra Frederico, «O Grande».

PALAVRAS CRUZADAS



(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 4155

HORIZONTAIS: 1 — Coiro curtido. Rio da Alemanha que nasce no Tirol. 2 — Estrada manífica que ia de Roma a Brindes. Rói. 3 — Seguia. Compaixão. 4 — Oferecerá. Chão. 5 — Viração. Remo para trás. Nesse lugar. 6 — Lombada. 7 — Rio afluente do Mansoa. Símbolo químico da platina. 8, — Vê. Três iniciais que se encontram juntas em muitas passagens bíblicas com a significação de Ah! Oh! Pertences. 9 — Verbal Volta. 10 — Variedade de marmeleiro. 11 — Líquido gorduroso. Fechas as asas para descer mais depressa.

VERTICAIS: 1 — Apelido. Oferece: Imediatamente. 2 — Preparar com ópio. Universal 3 — Ligar. O lado do vento. Estime. 4 — Em partes iguais. Ferro temperado. Espécie de salmão. 5 — Soluça. 6 — Caminhar. Por baixo de. Pássaros. 7 — Rio de Portugal. Abreviatura que se usa em musica. Terceiro. 8 — Atasca. Planeta que habitamos. 9 — Batráquio. Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Saudáveis.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4154

HORIZONTAIS: 1 — Paro. Cria. 2 — Ele. MOITA. 3 — Cem. Olá. 4 — Arrã. Co. 5 — Atiá. Vi. 6 — Quer. Pi. 7 — Uri. Canal 8 — Aa. Cortei. 9 — Iam. Era. 10 — Ronca. Nei. 11 — Orão Usas.

VERTICAIS: 1 — Peça. QUATRO. 2 — Ale. Aura. Or. 3 — Rematei. Ina. 4 — Rir. Caço. 5 — Mora. Coma. 6 — Cola. Par. 7 — Ria. VINTENS. 8 — It. Cl. Aérea. 9 — Aaro. Aliais.

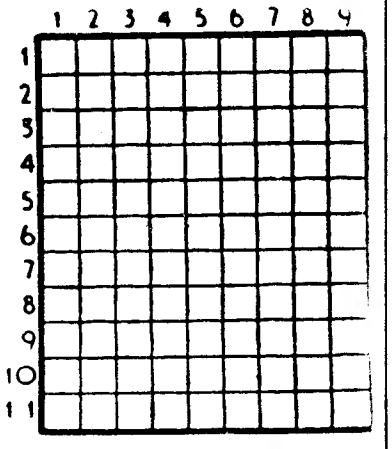
(Provérbio: MOITA QUATRO VINTÉNS.)

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8000

HORIZONTAIS: 1 — Vender a crédito. Prender. 2 — Cidade de África fundada pelos fenícios perto de Tunes. 3 — Saudável. Artigo definido. 4 — Agora. 5 — Pessoas importunas. 6 — Gostei muito de. Língua vernácula indiana. 7 — Esclareceram com comentários. 8 — Estava. 9 — O mais. Nome de uma letra. 10 — Põe carga sobre. 11 — Cantiga. Aniversário.

VERTICAIS: 1 — Crença. Vazia. Verniz da China negro ou vermelho. 2 — Urde. Pátria. 3 — Antes de Cristo. Lugar de contenda. Troça. 4 — Freguesia do concelho de Penafiel. Curso de água natural e abundante. Estava. 5 — Fronteira. Nome de homem. 6 — Prendo. Filtra. Povoação do concelho de Condeixa. 7 — Basta. Rio da França e da Alemanha. Prefixo de privação. 8 — Nome de uma letra. Fechara as asas para descer mais depressa. 9 — Nome de uma flor. Governanta. Pertences.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7999

HORIZONTAIS: 1 — Apar. Mapa. 2 — Caro. Arrã. 3 — Vã Rã. 4 — Lima. Lega. 5 — Ia. Rui. AC. 6 — Tunes. 7 — Ca. És. 8 — Sa. Man. As 9 — Alio. Erra. 10 — Carregado 11 — Arão. Asas.

VERTICAIS: 1 — AC. Lia. Saca. 2 — Pavia. Calar. 3 — Aram. Tá. Ira. 4 — Ró. Aru. Moro. 5 — Unia. 6 — Má. Lie. Nega. 7 — Arre. Se. Ras. 8 — Praga. Sarda. 9 — Aa. Aço. Sãos

EFEMÉRIDES

Julho

● 1915 — Dia 7 — *Ofensiva, na Polónia, das tropas austro-alemãs (primeira guerra mundial).*

● 1923 — *Morre, em Lisboa, o grande poeta Guerra Junqueiro.*

— Não precisas de correr tanto, porque eu adiantei uma hora o relógio.

● ANEDOTAS ●

■ **Na loja de um passarinheiro:**
— Quanto custa este papagaio?
— Três contos.
— Três contos? Mas eu estou aqui há um quarto de hora e o bicho ainda não disse duas para a caixa!
— Saiba vocelência que este papagaio não tem outro que se lhe compare a pensar.

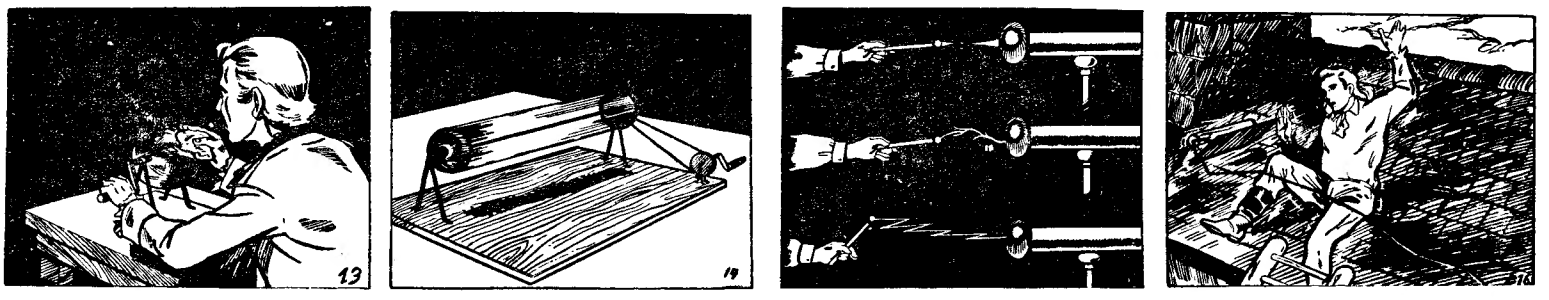
■

■ — Os meus noivos foram todos uns autênticos anjos.
— Rapazes sérios, queres tu dizer?
— Não. É que... voaram todos.

■

■ **Na escola o professor interroga o Sebastião, filho de um merceeiro.**
— Se o teu pai tiver cem ovos e lhe apodrecerem vinte, quantos aproveita?
— Cem, senhor professor. O meu pai aproveita sempre tudo.

FACTOS REAIS «Os milagres da electricidade»



13 — *Aos físicos do século XVII interessados nesta ciência nova faltava um aparelho que pudesse produzir a... electricidade. A vara de vidro ou de cera esfregada com um pano de lã era pouco cómoda e bastante rudimentar. Foi devido a um sábio alemão, burgomestre da cidade de Magdeburgo, que se conheceu a «primeira máquina eléctrica». Consistia numa esfera de enxofre atravessada por um espigão de ferro. Com uma das mãos Otto de Guericke movimentava uma manivela e fazia rodar rápidamente a máquina, enquanto que com a outra mão esfregava o enxofre (muito seco) ajudado pelo inevitável pano de lã. Os efeitos obtidos eram, como se calcula, reduzidos. Guericke conseguiu mesmo assim ver na escuridão algumas faíscas — as primeiras a ser produzidas mecanicamente.*

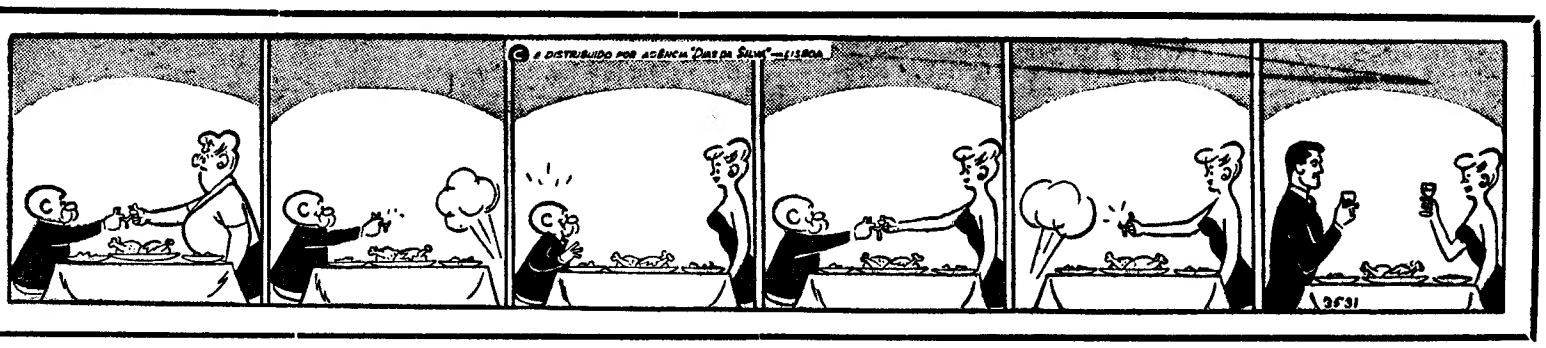
14 — *Pouco depois um físico inglês, de seu nome Hanksbee, substituiu a esfera de enxofre por um cilindro de vidro montado sobre um eixo, o qual rodava a grande velocidade accionado por uma manivela e uma correia. O cilindro em rotação electrizava-se quando se lhe apunha a mão bem seca. Graças a esta máquina eléctrica aperfeiçoada, Hanksbee realizou inumeras experiências sobre os efeitos luminosos da electricidade, experiências que estão na origem dos «tubos luminescentes» (néon) actualmente utilizados nos anuncios luminosos.*

15 — *Entretanto, os físicos, com um estranho amor pela rotina, continuavam a esfregar o seu tubo de vidro com um pano de lã. A esta apaixonante ocupação dedicavam-se certa manhã dois sábios ingleses, quando fizeram uma descoberta capital: a da possibilidade de transportar a electricidade ao longo de determinados corpos a que chamaram «condutores».*

16 — *Os dois físicos chamavam-se Gray e Wheeler. Gray notou que, cada vez que aproximava o seu tubo de vidro de um corpo leve, este era atraído tanto pelas rolhas como pelo próprio vidro. A electricidade tinha sido transmitida! O passo seguinte consistiu em estabelecer uma cadeia de tubos de vidro, que ocupava todo o quarto do físico. O fluido transmitia-se, sempre, já que a extremidade do ultimo tubo atraía as penas de pato usadas na experiência... Orgulhoso com o seu êxito, Gray transportou a tubagem para o telhado da casa e por um pouco não quebrou uma perna.*

(Continua)

AVENTURAS DO TIO CARLOS



«TRABALHOS PRÁTICOS»

por SERGE E ANN GOLON

RESUMO — Patrice e Josiane, jovens candidatos a detectives, foram encarregados de descobrir a identidade de um rapazinho encontrado caído num talude, com o corpo meio carbonizado, após um acidente de motoreta. Conseguem estabelecer que no assento de trás seguia uma rapariga loura, rapariga essa que, entretanto, desapareceu. Josiane pensa que será a mesma rapariga cujo desaparecimento foi assinalado dez dias após o acidente.

13 — Josiane olha para Patrice quase com furia: «Podes considerar que tenho ou não faro policial. Em todo o caso serei eu a ocupar-me de Norma Morin, que tu e a Polícia dizem nada ter a ver com o caso. Pois bem: se não acreditas na minha intuição, trata ao menos dos problemas mecanicos do *acidente*. Interessa-te? Patrice, vais ver se dás com a garagem da motoreta, e na estilha, ouviste?». «Só isso?», responde Patrice, encantado com o tom possessivo de Josiane. E de protestar que há pelo menos vinte garagens de viaturas roubadas na região de Paris. Se o acidente mortal tivesse sido precedido de «pintura», os «pintores» já a esta hora encolheram as unhas. «Calma», aconselha Josiane. «Por agora é todo o trabalho que te dou. Eu sei que o cérebro dos homens é mais lento que o das mulheres. Lamento muito, estás na secção mecanica... E nem te digo por que razão confio em ti!).

«Ah, ouvir dizer estas palavras a Josiane! Se fosse mais nova dava-lhe uma bofetada», reflecte Patrice de regresso a casa. «Esta rapariga não tem o mínimo de lógica. Parte do absurdo para tentar resolver problemas sem solução. Achará então que descobrir uma garagem de carros roubados é como beber um copo de três na primeira tasca?».

14 — Desconfiado quanto ao êxito da missão, Patrice começa a bisbilhotar pelas garagens pouco sérias. Dez vezes seguidas repete a mesma cantilena: «Quero comprar uma motoreta. Preço de ocasião. O meu irmão mais novo comprou-lhe há tempos uma... Lembra-se? Assim baixote e magro, acompanhado de uma rapariga loura». Observa atentamente as reacções dos interlocutores, na esperança de que um deles trairá qualquer perturbação. A tarde aproxima-se do fim e Patrice está a zero.

15 — Desconsolado, regressa a casa dos pais ao volante do «Citroén 2 CV». O pai acabou de parar o seu «Simca Versailles» diante da porta. Está ao corrente dos trabalhos práticos do filho e pergunta-lhe como correu a coisa. Patrice não quer confessar o seu malogro, pelo que adopta um ar misterioso. Mas sabe que o pai se orgulha da vocação do filho, e sente-se aborrecido por haver exagerado a importancia destes trabalhos práticos (Também nada disse sobre o facto de o inquérito não estar a ser feito sómente por Patrice...). Se Josiane soubesse com que falta de pormenor ele relatou o caso á família, não deixaria de o ridicularizar perante os colegas. Que peste! Patrice está agora a jantar com os pais. O telefone toca. «É para ti, Patrice», anuncia o sr. Roguet. «É uma... uma rapariga». E pisca o olho. «Está lá? Josiane?», pergunta Patrice. «O meu inquérito? Ainda não obtive resultados precisos, mas talvez amanhã de manhã...». É mais fácil, pensa Patrice, mentir a Josiane quando ela o não olha de frente. Josiane, essa, ri do outro lado do fio: «Pois sim, filho, oxalá tenhas sorte... Comigo está tudo a correr óptimamente. Passa amanhã á tarde por cá, a menos que andes por fora». Patrice desliga. Está mortificado pelo tom jocoso que Josiane utilizou. Parece que a rapariga o não leva a sério! Ele lhe mostrará de que massa é feito. Amanhã cedo sairá de casa e...

16 — Na manhã seguinte Patrice prossegue a sua busca obstinada da misteriosa garagem — uma garagem que transaccionou qualquer motoreta «reconstruída» nos ultimos dois meses. Mas os resultados são novamente nulos. Desencorajado, o nosso homem regressa a casa e enfia para o quarto. O pai vem bater á porta. «Um mecanico, um rapaz novo, esteve esta manhã cá em casa á tua procura. Acho que continua no café. De qualquer modo disse que voltaria amanhã ás seis da tarde». Patrice sente a cabeça á roda. Olá! Há novidade — finalmente! Certo de que o mecanico está ligado ao caso da motoreta, despede-se do pai e desce as escadas como um furacão.

(Continua)

ALÉM DA QUALIDADE

PHILIPS

75 ANOS DE PROGRESSO PHILIPS 1891-1966

COMPRE MAIS BARATO
A PRONTO OU A PRESTAÇÕES
...MAS SEMPRE COM
GRANDES FACILIDADES

AOS COMPRADORES DE TELE-RECEPTORES, FRIGORÍFICOS, RADIOGRAMOFONES DE MÓVEL, MÁQUINAS DE LAVAR E GRAVADORES
OFERECEMOS UM RÁDIO
TRANSISTORIZADO
QUE PODE UTILIZAR EM CASA, NA PRAIA OU NO CAMPO
VISITE-NOS E BENEFICIE DAS VANTAGENS DESTA SENSACIONAL

CAMPANHA DA PRIMAVERA

CASA FIGUEIROA

Rua Macau, 8-B — LISBOA — Telefs. 847835/832556

ALCIDES DE CAMPOS

(Continuação da pagina central)

de estudante) não me espicaçasse dia e noite. As dificuldades da língua francesa constituem, a meus olhos, uma das maiores riquezas linguísticas dos países latinos. A prova é que já Voltaire brincava com ela (e de que maneira!) e que Christiane Rochefort, Raymond Queneau e Hervé Bazin, embora doutro modo, nos ofereceram recentemente aspectos de novas fantasias ortográficas. Brinquedo maravilhoso e delicado, a língua francesa é o exercício predilecto da criança que nunca deixou de viver dentro do meu corpo e da minha inteligência.

Em português, nunca passei das novelas, dos artigos, da colaboração jornalística. Apesar do meu desejo de me ver publicado em volume na terra-pátria, as ocasiões sempre me minguaram.

Um manuscrito de contos e duas peças de teatro assinadas com o meu nome andam em bolandas lá para Lisboa desde 1958. Sequer posso dizer-lhe com precisão onde param neste momento, que futuro de luz ou de silêncio lhes está reservado.

Quanto ás hipóteses, elas são grandes em relação á minha vontade. Mas á vontade opõem-se o tempo, o espaço e o medo.

— Que importancia confere á literatura portuguesa dos nossos dias?

— Pelo poucos contactos que me camaradas de Lisboa, por exemplo, camaradas de Lisboa, pr exemplo, penso o melhor. Mas o regionalismo é o veneno antiuniversal de quase todas as obras e autores nacionais. Traduzi-los, seria despersonalizá-los; aniquilá-los nalguns casos. Na minha qualidade de leitor e de tradutor junto da edição francesa, não pode imaginar quanto isso me dói. Claro que seria injusto acusá-los. A explicação do nosso «regionalismo» situa-se *mais longe*, dentro de um condicionalismo de amarras. Este fenómeno é tanto mais importante quanto ele provoca uma saturação editorial, quase sempre de baixo nível, e que não justifica, de maneira alguma, o pequeno numero de leitores da nossa terra.

— Fala-se por vezes, em Portugal, na possibilidade ou na não possibilidade de traduções portuguesas em França. Que pode dizer a este respeito? De momento, como encara este problema?

— Recolho presentemente os resultados de um inquérito junto dos editores de Paris a propósito da literatura portuguesa e das suas eventuais possibilidades num futuro próximo. Se me permite, guardarei esta resposta para mais tarde, confiada a personalidades mais cotadas do que eu, como pode imaginar, pois trata-se da resposta directa dos editores franceses mais importantes.

— Quer dar sugestões, ideias, aos nossos escritores e editores?

— Sugiro, a uns e aos outros, maior tacto literário e comercial, mais disciplina e menos isoterismo. Sugiro, aos editores sobretudo mais sólidos e mais regulares contactos com os seus camaradas franceses, através de um intercâmbio permanente. Aliás, a posição da nossa literatura no Mundo queixa-se da ignorancia e da negligência dos nossos editores neste aspecto importantíssimo das relações internacionais.

Não queria terminar sem lhe pedir autorização para exprimir aqui a minha denuncia das traduções francesas em Portugal, medíocres de uma maneira geral. Que responsabilidades pedem os nossos editores aos seus tradutores habituais? Nenhumas, suponho, em face dos exemplos que chegam ao meu conhecimento.

AUTOMOTORAS DE FIM-DE-SEMANA PARA O ALGARVE

Comunica-nos a C. P. que no sábado, dia **9**, efectuar-se-á novamente a automotora para serviço público, entre Barreiro e Vila Real de Santo António-Guadiana, servindo o ramal de Lagos, com partida da estação de Lisboa (Terreiro do Paço) às 13 e 40 e chegada às 18 e 55; a Vila Real de Santo António-Guadiana às 19 e 55; a Portimão às 19 e 06 e a Lagos ás 19 e 32. O regresso efectua-se no domingo, dia **10**, com partida do apeadeiro de Vila Real de Santo António-Guadiana ás 19 e 35; de Faro às 20 e 31; de Lagos às 19 e 48; e de Portimão às 20 e 13, com chegada a Lisboa (Terreiro do Paço) à 1 e 30.

LIVROS & AUTORES

APRECIAÇÕES CRÍTICAS DE MÁRIO SACRAMENTO E EDUARDO PRADO COELHO

«À SOMBRA DAS ÁRVORES MORTAS» romance de MÁRIO VENTURA (Bertrand)

Estava eu, há dias, a tomar um refresco numa esplanada, quando estacaram junto á berma uns tantos jovens, em seus carros roncantes. Vieram sentar-se perto de mim e começaram a discutir automóveis e perícias de volante. Mas o que mais os extasiava, para lá da «performance» e da velocidade, era o módulo sonoro do tubo de escape, em que um deles parecia perito. Usava uma anilha de aço, uma anilha autêntica, no dedo anelar, que, a não ser aliança de casamento mecanico, era decerto brasão de garagista. E perguntou ao mais frágil e recatado do grupo, o unico que tinha um arzinho distante de intelectual: — *Que disse*

MÁRIO VENTURA

o teu pai quando descobriu que tinhamos mudado a panela do escape ao carro? — Que havia de dizer?, respondeu o visado. *Sentiu-se mais novo...*

Não sei porquê, fiquei com simpatia pelo moço. Por ter um pai capaz de ficar mais novo por tão pouco? Ou por ter ele sentimentos que lhe permitiam supô-lo? O certo é que o resultado foi para mim nefasto. Senti-me muito mais velho! Pois seria lá possível haver sorriso de filho que me fizesse andar por este mundo de Cristo com uma chinfrineira daquelas atrás de mim? Pai desnaturado! Melancólicamente, pus-me a descer a avenida. E dei comigo junto de um quiosque, a olhar a capa de uma revista muito macia e especializada em noivados principescos, que perguntava, a propósito de uma manifestação de estudantes em Paris: *Jovens, tereis vós uma moral?*

Também eu assistira, há anos, a um desses gigantescos *monómes*. E ficara com os olhos alagados de água, não com as mangueiradas que os carros-tanques da Polícia francesa me prodigalizaram também, mas com o civismo admirável, a firme eloquência, o rigoroso *self government*, que esse espantoso cortejo me transmitiu — até sofrer o embate dos provocadores e contramanifestantes. Ainda hoje me ressoam nos ouvidos alguns dos seus «slogans», que são, ó ironia da vida!, páginas já viradas da História.

Perguntar á juventude se tem uma moral é o mesmo que querer saber da criança se tem barba! Pois, que é a juventude senão a recriação de todos os valores humanos, incluídos os éticos? Ser jovem é precisamente isso: não ter *ainda* uma moral, não ter *ainda* uma filosofia, não ter *ainda* uma experiência. Que são os chamados rituais da adolescência, em antropologia, senão cerimónias de iniciação alienatória nos «segredos» e nas «certezas» do adulto? Por que admirar-nos, então, de que, num mundo em crise, a juventude tenha de reinventar a vida social pelos seus próprios meios, através de acertos e de desacertos? Os bandos de *blousons noirs*, de *teddy boys*, de cascarejos, são formas sociais rudimentares de quem não encontra outras com que possa acertar-se. Não exprimem uma tendência antisocial, pois são nucleos germinais de sociedade. Traduzem, sim, a necessidade de uma alternativa para a caducidade de um mundo em que tudo apodrece «á sombra das árvores mortas». Mundo que nem cuida já de compreender a juventude, desinteressado que está em assimilá-la até. Ao fundar os seus grupos, as suas tertulias, os seus bandos, o jovem manifesta, portanto, a mais forte e mais salutar tendência social que poderíamos desejar-lhe. Se os encaminha, por vezes, no pior sentido, é porque não sabe nem pode definir-lhes uma superestrutura capaz, que substitua a decrepitude que o repele na do adulto. Mentalizá-lo é, pois, um problema real, mas um problema que tem de ser equacionado em função dos seus próprios anelos, que não das fantasmagorias dos adultos.

Aceito e louvo, assim, que este romance de Mário Ventura seja um romance didáctico. Já há meses, ao publicar aqui uma nota sobre um romance moçambicano de temática juvenil — «As Raízes do Ódio», de Guilherme de Melo — chamei a atenção para as suas limitações, mas recomendei vivamente a sua leitura aos nossos jovens, por ser um livro escrito «com desassombro e profundidade que difícilmente têm paralelo nas obras congéneres da Metrópole». Que poderei dizer, então, desta obra de agora, senão que temos, finalmente, um romance da juventude urbana, capaz de preencher a lacuna que tanto se fazia sentir? Escrito com compreensão e claridade excepcionais, reservado onde não podia deixar de sê-lo apenas, suficientemente aberto e representativo para incluir casos, situações, espécimes dos mais típicos existentes entre nós, é obra a que só pode augurar-se o melhor êxito, até porque só foi possível escrevê-la porque outras gerações viveram e venceram os mesmos óbices com que a actual se debate. O que significa experiência dirigida á experiência. Exemplo e não sermão.

Como é inevitável em romance didáctico, seria fácil levantar-lhe algumas objecções de um ponto de vista estético. Mas já aqui disse o que penso disso. E não só não vale a pena repetir-me, mas Mário Ventura conhece bem o problema, pois o seu romance anterior — «A Noite da Vergonha» — tem profundidade estética que o autor só ladeou neste porque fez nele uma opção. E não serei eu quem diga que podemos viver hoje sem elas! Em qualquer caso, apontarei algumas restrições, pelo que têm de secundário. Assim, não me parece que enriqueça o livro a analogia *formalmente* mitica que o nome de Lázaro procura estabelecer. E reputo excessivamente directas algumas das análises do narrador, pois pressupõem existir já nele uma lucidez e capacidade críticas que está só a caminho de alcançar ainda. Também senti a falta, em certos momentos, do clima poético que nenhum ser humano deixa de experimentar na adolescência por um dia que seja, e que é a mola real do êxito de um grande romance português de problemática também juvenil, mas não urbana: «Esteiros». O que nos traz a designação que faltava: porque é um romance da juventude pequeno-burguesa urbana, «A Sombra das Árvores Mortas», se é uma obra neo-realista na intenção, assume uma expressão que é de realismo crítico. O que, conjugado ao didactismo, suponho estar na origem da supressão desse halo poético. Há, todavia, momentos em que Mário Ventura faz intervir o que poderíamos designar por arquétipos da imaginação juvenil, como é o caso da cena decorrida na Serra de Sintra, que em todos nós desperta, quero crê-lo, a memória de equivalentes seus. Se as personagens do romance nos reportam, assim, muito mais á tipologia social do que á tipologia especificamente literária, a sua generalidade abstractamente científica assume-se no concreto de uma vivência romanesca que revela um raro domínio do assunto e uma perfeita exemplaridade de forma. Um livro a reter, portanto. E a divulgar, sobretudo.

«UM MUNDO PARALELO», contos de CLARA D'OVAR (Minotauro)

Será ainda em nossos dias que veremos suprimidas do vocabulário do amor, palavras tão pejadas do sentido de luta, violência, domínio, como são, por exemplo, as de: possuir, conquistar, render-se, entregar-se? Não as encontrei uma só vez nos contos de Clara d'Ovar. E, mais do que os temas, isso me confirmou a sua independência de mulher. É que não nos faltam, ainda, arremedos disso, — modas frágeis e tão «femininas», afinal, como quaisquer outras.

Quem não estiver batido nas rotas da literatura engana-se com a simplicidade deste livro. Dizer que há vizinhos á espreita por detrás dos vasos de avenca, chamar carvãozinho a uma meninota morena, medir o tempo pelo numero de dentes que um velho tem na boca, declarar que uma costureira vive de pôr bainhas abaixo, são ninharias ao alcance de todos, não é verdade? Mas experimente alguém escrevê-las como quem acende estrelas, e logo verá a diferença.

Dizer isto é uma ninharia também. Mas eu não posso esquecer-me de que o meu papel, aqui, é escrever para o grande público. O que é para mim um sacrifício, acreditem! Mas já tenho feito outros maiores. E, até que surja o bom samaritano que há-de restituir-me aos deleites de tirador de conceitos á pressão, não deixa de ser agradável chamar a atenção dos leitores para estreantes de qualidade como Clara d'Ovar. Só quando se tem, dentro de si, o furor sagrado dos grandes escritores tal estímulo é desnecessário ou até prejudicial. E Clara d'Ovar, pelo que conclúo destes

CLARA D'OVAR

contos, é uma mulher para quem a vida será sempre mais importante do que a literatura. Ela *conta o* que viveu, o que soube, o que viu. Dá-nos *tranches de vie*. Mas obrigando-nos a aderir, a entrar no seu cubo de vivências. O que está neste livro não estaria, portanto, em mais nenhum, se o não tivesse escrito. Acham que isso só tem importância do ponto de vista dela? Eu penso o contrário: só encontro a literatura onde outrem não poderia fazê-la. Ora quem soube viver primeiro e só então escrever, tem decerto muito mais para nos contar, se o obrigarmos a isso — como o fez o Xá á Sheerazade. O que é violência, sem dúvida. Mas com esta estou eu de acordo.

MARIO SACRAMENTO

«A POESIA NORTE-AMERICANA CONTEMPORÂNEA», de JOSÉ PALLA E CARMO, edições Movimento, Ensaio 1, Lisboa, 1966

José Palla e Carmo tornou-se um nome importante da crítica literária portuguesa quando, há cerca de três ou quatro anos, apareceu nas páginas do *Jornal de Letras e Artes* como crítico de ficção. As suas análises possuíam um mérito irrefutável: sentia-se sempre um movimento *efectivo* de leitura, de montagem e desmontagem, desfibramento e estruturação dos textos em causa. É

JOSÉ PALLA E CARMO

certo que, por vezes, as suas críticas pareciam ficar em suspenso, porque Palla e Carmo, estudando com atenção e rigor inultrapassáveis as estruturas literárias, parecia deter-se no momento em que a sua subjectividade de verdadeiro leitor deveria preencher a obra, e, por conseguinte, valorizá-la ou desvalorizá-la. Mas qualquer das suas críticas continua a ser um modelo de análise séria e profunda. Pena é, portanto, que Palla e Carmo tenha abandonado, parece, as tarefas da crítica literária, que tanto necessitam da sua colaboração regular.

Publicou agora, numa colecção muito recente, a colecção *Movimento*, um pequeno ensaio sobre *A poesia norte-americana contemporânea*. Para quem conheça mal o assunto, e esse é o meu caso e creio que o da maioria dos leitores, este texto é realmente útil e sugestivo. Palla e Carmo consegue percorrer a poesia norte-americana mais significativa e enquadrá-la nas coordenadas mais fundamente determinantes de toda a cultura estado-unidense, que é assim definida: «A cultura norte-americana é fruto do cruzamento de vários factores: do sucessivo com o simultâneo, do analítico declarado com o sintético latente, do tecnológico com o escatológico e com o teleológico. Fruto robustamente híbrido e em que um dos ramos convergentes se encontra muitas vezes reduzido a um papel recessivo». Partindo desta exigência metodológica de relacionação entre a cultura (em sentido etno-sociológico) e a poesia, Palla e Carmo consegue dar-nos quadros de compreensão quase sempre de grande interesse. Veja-se, por exemplo, como situa a famosa «beat generation» no horizonte duma sociedade de consumo, onde o capitalismo de organização dá origem áquilo a que Herbert Marcuse chama «o homem de uma só dimensão». Baseando-se nos trabalhos de Galbraith, Vance Packard e David Riesman, Palla e Carmo leva-nos a compreender fácilmente certos aspectos desorientadores dessa poesia norte-americana mais actual. E só assim podemos apreciar devidamente a notável qualidade dos poemas de um Allen Ginsberg, ou de um Lawrence Ferlinghetti ou de um Jack Spicer. Sobretudo, deste último: *Psicanálise: uma elegia:*

Em que é que está a pensar?
Penso que gostaria de escrever
[um poema que fosse tão lento
[como um Verão
Que demorasse tanto a começar
Como o dia 4 de Julho algures ali
[á volta do meio da segunda
[estrofe
Depois duma chuvada insólita.
A Califórnia parece atrasada no
[Verão.
Gostaria de escrever um poema
[tão comprido como a Califórnia
E tão lento como um Verão.
Percebe-me, Senhor Doutor? Teria
[de ser tão lento
Como o pináculo do Verão.
Tão lento como o Verão parece
Num dia quente bebendo cerveja
[em Riverside
Ou parado no meio duma estrada
[aquecida ao rubro-branco
Entre Bakersfield e o Inferno
Á espera do Pai Natal.

Transcrevi todo este passo de um poema para dar ao leitor uma ideia das surpresas agradáveis que este curto ensaio lhe pode proporcionar. Simplesmente, ele deixa-nos com água na boca: ficamos a saber tão pouco de tantos autores! É certo que, sobre alguns, Palla e Carmo publicou estudos mais completos e pormenorizados na revista *O Tempo e o Modo* (estou a lembrar-me de Ezra Pound e de T. S. Eliot) e a eles devemos recorrer. Contudo, o que realmente nos interessava era o trabalho mais desenvolvido que Palla e Carmo já começou a preparar, segundo nos diz na *Nota Prévia*. E ficamos a aguardá-lo.

EDUARDO PRADO COELHO

Pierre-Henri Simon

(Continuação da 1.ª página)

nestidade que o força a penetrar num território em que se orienta mal e a pena de o ver sofrer as torturas que essas tentativas manifestamente lhe infligem. Queixava-se o crítico, outrora, de que a decifração de certas leituras transformava os prazeres da sua faina em «constrangimento fastidioso». Muitos que sentem como ele reagem da mesma maneira, irritando — como ele mesmo bem o sabe — o clã dos vanguardistas.

Na verdade, a «arte nova» e a negação de tudo o que Pierre-Henri Simon perfilha e aprecia: a lógica e a sintaxe, de preferência á confusão, o pensamento que inventa uma linguagem e não «a infralinguagem gerada do caos», a manipulação assenhoreada das ideias em vez do delírio irracional, a forma contra o formalismo «que complica o estilo para renovar a visão, quando a verdadeira originalidade seria a de cultivar a sinceridade da visão para encontrar a autenticidade do estilo». E, no entanto, também o crítico se deixa seduzir por vezes pelos encantos do que nasce para além do limiar da consciência, como ao comentar o «L'Après-Midi de M. Andesmas», de Marguerite Duras, desvendando nesse livro, para além do salto no incompreensível «um gosto capaz de absorver, de purificar e de eternizar tudo o que tem o sabor a alma».

No fundo, a sua óptica pessoal de romancista dá maior colorido às suas disposições de crítico. Os romances de P.-H. Simon estreitam os seres num drama humano que ultrapassam ou que tendem a superar num impulso para as alturas. São obras de moralista e de cristão; obras de humanista que vê na ordem um alto testemunho da razão e que considera essa razão a garantia de uma certa qualidade dos costumes; obras de um homem, afinal, que não despresa o coração e para quem a experiência não tem preço se não servir para a comunhão com os outros.

Aprende-se melhor, deste modo o que o põe em desacordo com o seu tempo: a tendência para a retórica sofisticada de uma literatura que anteriormente se voltava sobretudo para o diálogo e a sua persistência em descrever «o desconforto metafísico, o sentimento mórbido da culpabilidade, o erotismo triste e a ruminação do cripto-suicida». Com plena lucidez perante os males da sua época, Pierre-Henri Simon persiste em procurar a beleza e a felicidade, em acreditar «na esperança e na coragem dos homens».

Sem contestar o vigor de uma literatura que é «duplamente tenebrosa, pela negridão e pela obscuridade», o crítico receia, evidenciadamente, que essa literatura seja a voz antecipada do malogro de uma civilização. P.-H. Simon não está só, nesse ponto de vista. Simplesmente, tem a coragem de o dizer. E é tudo.

GINETTE GUITARD-AUVISTE

(Exclusivo «Le Monde»-«Diário de Lisboa»)